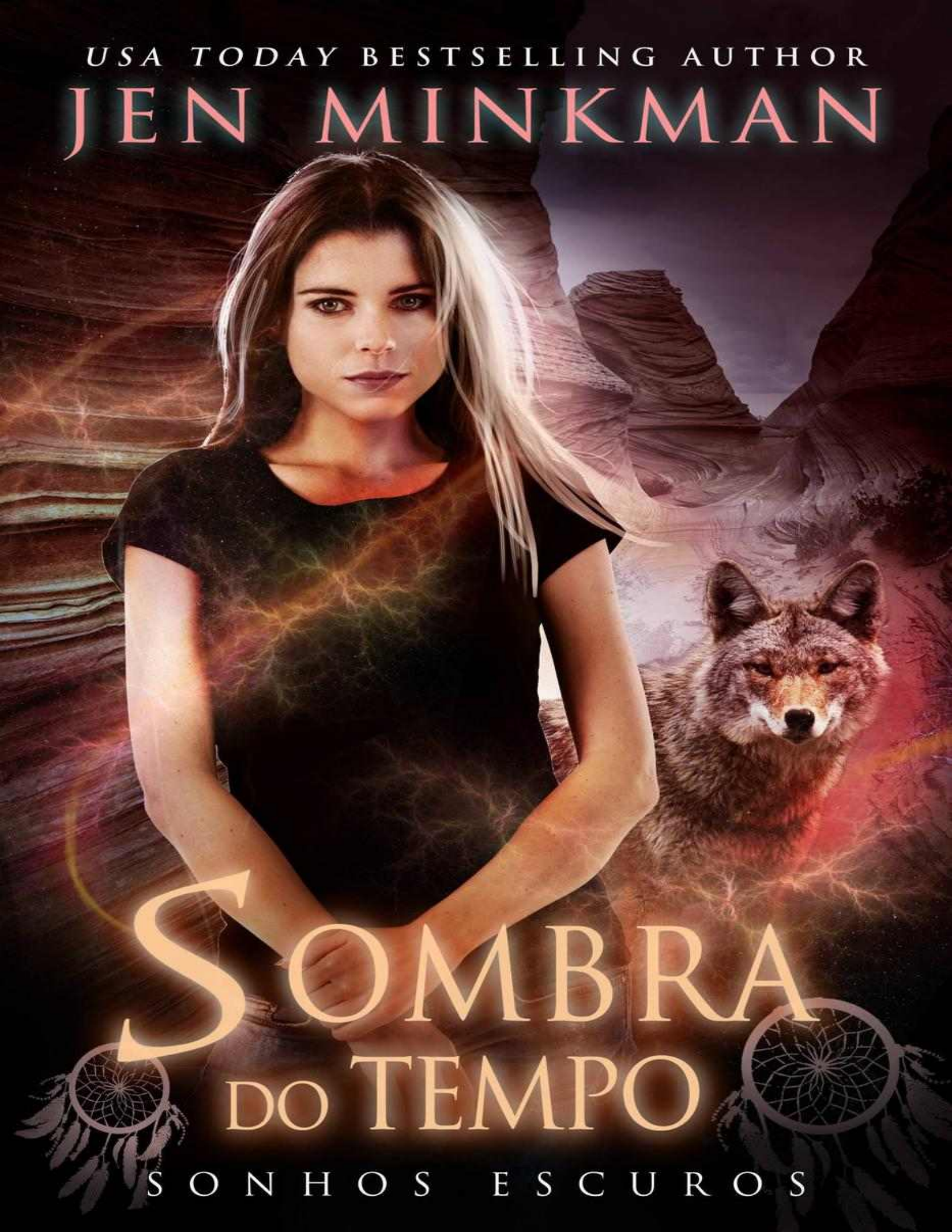

USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
JEN MINKMAN
SOMBRA DO TEMPO
SONHOS ESCUROS

Sombra do Tempo: Sonhos Escuros

Jen Minkman
Traduzido por Deborah Brock

“Sombra do Tempo: Sonhos Escuros”
Escrito por Jen Minkman
Copyright © 2018 Jen Minkman
Todos os direitos reservados
Distribuído por Babelcube, Inc.
www.babelcube.com
Traduzido por Deborah Brock
Design da capa © 2018 Clarissa Yeo & Jen Minkman
“Babelcube Books” e “Babelcube” são marcas comerciais da Babelcube Inc.

Sumário

Página do Título

Página dos Direitos Autorais

Sombra do Tempo | Jen Minkman

Oito

Nove

Dez

Onze

Doze

Treze

Sombra do Tempo

Jen Minkman

© 2012 by Jen Minkman

Cover design by Clarissa Yeo

This book is copyright. Apart from fair dealing for the purpose of private study, research, criticism or review, as permitted under the Copyright Act, no part may be reproduced by any process without the prior permission of the author. You are welcome to share this book with friends who might like to read it too, however.

Que em beleza eu possa caminhar;
O dia todo eu possa caminhar;
Pelas estações que regressam eu possa caminhar.
Belamente possuirei mais uma vez
Belamente pássaros
Belamente borboletas...
Que na trilha marcada com pólen eu possa caminhar;
Com gafanhotos a meus pés eu possa caminhar;
Com orvalho a meus pés eu possa caminhar.
Que com o belo à minha frente eu possa caminhar
Com o belo às minhas costas eu possa caminhar
Com o belo acima eu possa caminhar
Com o belo ao meu redor,
Eu possa caminhar.
Na velhice, vagando por um belo caminho, vivaz;

Na velhice, vagando por um belo caminho, vivendo de novo...

É chegado o fim em beleza.
(Tradicional oração Navajo)

Um

– Vamos lá, carro. Só mais alguns quilômetros.

Hannah Darson bufou com tanta força, que ela soprou para longe do rosto mechas do cabelo loiro escuro que haviam escapado de seu rabo de cavalo. Ela agarrou com força o volante de seu velho Datsun cinza e tentou relaxar seus ombros tensos. Sem contar o resto de seu corpo. Ela estava exausta por estar na estrada desde a manhã, dirigindo de Las Cruces para a cabana de madeira de sua mãe perto do lago Powell. Mais que tudo, ela estava ansiosa porque estava praticamente sem combustível. E sem opções – ela não passara por nenhum posto de gasolina há algum tempo.

Hannah olhou nervosa para o medidor de combustível no painel. Estava no vermelho já há algum tempo. O caminho pela Nação Navajo não a levara por áreas densamente povoadas.

Quando a estrada curvou para a esquerda, Hannah avistou um pequeno posto de gasolina próximo à saída para a barragem Glen Canyon. Aleluia! O perigo de ficar sem gasolina passou.

– Oba! – ela gritou em alto e bom som, virando seu Datsun para a entrada do posto. Nada estragaria sua viagem agora. O verão começara, seu primeiro ano como professora acabara e ela ia passar julho e agosto aqui no Arizona. Ben, seu irmão mais novo, já aguardava por ela na cabana em St. Mary's Port. Ela sentia falta do lugar. A última vez em que ela esteve na aconchegante cabana foi quatro anos atrás.

Incontáveis dias na praia, tomando drinques à sombra de guarda-sóis enfileirados no deque do restaurante local, esperavam por ela. Além disso, haveria diversas viagens para a reserva Navajo. Ela e Ben tinham até amigos de infância lá.

Murmurando alegremente, Hannah estacionou seu carro próximo à bomba de gasolina número dois. – *It's raining* men*!* – ela cantou gritando em uníssono com o rádio do carro.

O cara parado junto à bomba número três tinha acabado de colocar gasolina em sua moto. Ele olhou de lado e sua boca se curvou em um sorriso. A capota do Datsun estava abaixada, então ele a ouviu berrando a plenos pulmões.

Hannah mordeu o lábio. Caramba! O cara ao lado era um gatinho. Ela lhe deu uma olhada que se prolongou um pouquinho demais e corou, revirando sua bolsa para encontrar seu dinheiro e fingir que já esquecera dele. Até parece.

Furtivamente, ela o olhou mais uma vez enquanto ele se encaminhava para pagar, capacete em uma mão e óculos escuros no rosto. É, isso era típico dela – assustar o bonitão local agindo como uma idiota. Ela revirou os olhos.

O motociclista claramente era da reserva Navajo. Sua pele avermelhada era escura e contrastava com o branco de sua camiseta sem mangas. Ele tinha uma pequena trança em um lado da cabeça com uma conta turquesa e uma pena vermelha decorando a ponta. Aquela pena tinha de ser o símbolo de um dos clãs locais dos Navajo – ou Diné, como se auto intitulavam. Sua melhor amiga de outrora na reserva, Emily Begay, também pertencia ao clã Pena. Emily devia estar com vinte e um anos agora, assim como Ben. Ela esperava encontrar Em nesse verão.

Só para garantir, Hannah encheu o tanque de seu Datsun para que não ficasse sem combustível tão cedo. Quando acabou, ela foi até a lojinha de conveniência e entrou na fila para pagar.

Pronto. O cara Navajo havia acabado de pagar por seu abastecimento. Ele enfiou o recibo no bolso da calça jeans e saiu andando para a saída, passando pelas prateleiras com goma de mascar e barras de doces. E, então, do nada, ele a olhou bem nos olhos.

– Oi – Sua voz era grave e bela, e tão impressionante quanto seu visual. Ele a encarou através dos óculos escuros, o esboço de um sorriso no rosto, como se estivesse se divertindo com alguma piada que só ele conhecia.

Hannah o olhou estarrecida. *Uau*. Ele não a estava ignorando. Ele ainda estava falando com ela. Talvez ela devesse responder.

– Hum... ei – ela gaguejou debilmente e o encarou com olhos arregalados. Por um momento parecia que ele queria dizer algo mais, mas não o fez. Ele deu outro sorriso brilhante antes de deixar o recinto. O Bonitão Navajo deu a partida em sua motocicleta e colocou seu capacete antes de arrancar à toda velocidade.

Hannah gemeu. Bela habilidade comunicativa. Ela rapidamente pagou pelo combustível e voltou para seu carro a fim de dirigir os últimos quilômetros até St. Mary's Port.

Seria legal cozinhar uma refeição com Ben. Ou talvez eles devessem ir ao restaurante local. Ben não era conhecido por seus talentos culinários, e a última coisa que ela queria era labutar na cozinha sem ajuda. Hannah remexeu na bolsa para encontrar seu telefone. Uma chamada perdida, de seu irmão. Ela retornou a ligação.

– E aí, mana! – Ben atendeu no segundo toque. – Onde diabos está você?

– Estarei aí em dez minutos. Onde diabos está *você*?

– Na praia. Onde mais? Vou pra casa e te ajudo a desfazer as malas.

– Ok, legal. Te vejo logo! – Ela desligou.

Quando Hannah fez a curva na entrada da garagem ao lado da cabana, Ben estava sentado nos degraus da varanda fumando um cigarro. Seu cabelo loiro escuro já estava um tom mais claro na luz do sol. Ele usava óculos escuros grandes e espalhafatosos para proteger olhos tão verdes e brilhantes quanto os dela.

– Você chegou! – ele falou entusiasmado, levantando de um salto e lhe dando um abraço de urso.

– Ei, mano. Como está você?

– Com muito calor. Fui bastante à praia. – Ben arrastou a mala de Hannah escadas acima, enquanto ela carregava duas sacolas pesadas com comida e produtos de higiene pessoal. Ela colocou a comida na cozinha e andou até a porta de seu antigo quarto.

Abrindo a porta, ela ficou em silêncio por um instante. Tudo estava como ela se lembrava. A cama grande e confortável no canto, a mesa sólida encostada à parede, as cortinas floridas em frente à janela com vista para o lago – era como se não tivesse passado tempo algum.

– Já arrumei sua cama – apontou Ben, entrando atrás dela e depositando a mala.

– Muito obrigada. Isso ajuda muito. Minhas costas doem de tanto dirigir.

– Vamos jantar fora, então. Não precisamos cozinhar. Tem um restaurante novo na praia com peixe grelhado no menu. Poderíamos experimentar.

– Parece ótimo! – Hannah saiu para pegar o resto de suas coisas no carro. Enquanto isso, Ben pegou duas latas de cerveja na geladeira. Ele e Hannah brindaram quando sentaram na varanda.

– Por um verão longo e sem preocupações – disse Hannah.

Ben sorriu mostrando os dentes. – Com certeza. St. Mary's Port sentiu sua falta.

– Como vai a Emily, aliás? Estava pensando nela no posto de gasolina. Tinha um rapaz Navajo lá do mesmo clã. – Ela se sentiu corar e rapidamente tomou um gole da cerveja.

– Ela está bem! Ela perguntou de você.

– Ela ainda mora em Naabi'aani?

Ben fez que sim. – É, ela acabou de concluir os estudos. Ela é uma naturopata certificada agora. Seu consultório é na reserva, em Naabi'aani, mas ela também trabalha na farmácia homeopática da cidade.

– Uau! Que bom para ela. E o Josh – já o viu?

– Claro. Nos encontramos todo verão. Ele ainda mora lá com seus pais. Acabou de concluir o ensino médio.

Hannah sorriu, olhando para o lago que se espalhava abaixo da colina como um indescritível espelho gigante. Era ótimo que esse lugar não mudara em sua ausência. Tudo ainda era tão lindo quanto ela se lembrava, e seus velhos amigos ainda estavam por aqui.

Hannah deu uma olhada em seu relógio. – Que horas a farmácia fecha? Você acha que dá tempo de falar um oi pra Em?

– Ela não está trabalhando hoje. – Ben desenterrou seu telefone. – Mas vai trabalhar amanhã. Ela me pediu para te dizer para ligar para ela. Tenho o número dela aqui.

– Vou mandar uma mensagem. Assim que a Emily começa a falar, não tem jeito de pará-la.

Depois que Hannah digitou uma mensagem de texto para sua velha amiga, ela e Ben calmamente andaram até a praia e sentaram-se no deque do *The Winking Shrimp*. Hannah deixou seu olhar vagar pelas águas calmas do lago Powell, onde pessoas nadavam, passeavam de pedalinho ou caminhavam pela orla. Ela

notou as pedras vermelhas da ilha Antílope do outro lado da água, suas formas quase luminescentes como castelos antigos no sol poente. A pequena ilha sem nome na costa parecia uma mancha vermelho-sangue escura na água.

– A propósito, temos novos vizinhos – Ben disse-lhe. – A cabana da direita foi comprada por um casal com duas filhas da nossa idade, Ivy e Amber.

– É mesmo? Isso é ótimo! Vamos organizar um churrasco e convidá-los qualquer hora.

– Boa ideia. Ontem, eu tirei a velha churrasqueira do galpão e a limpei. Eu estava num daqueles humores de novo.

– Um humor de *limpeza*? Como assim, 'de novo'?

Ben deu um sorrisinho. – Simpática como sempre. Vamos lá, escolha algo do menu. Qualquer coisa.

Hannah sorriu. – Você vai pagar?

Ben abriu a boca para dizer alguma coisa, depois ficou quieto. Seus olhos se arregalaram. – Oh – ele murmurou, apalpando os bolsos. – Ai, caramba.

– É, tá bom. Para com isso.

– Olha, sinto muito. Acho que deixei minha carteira no carro.

Ela deu risada. – Sem problemas. Já me acostumei com seu estilo de vida caótico.

– Como assim caótico? Estou sempre melhorando no meu planejamento de vida. Não vai dizer que não notou que eu trouxe meus livros da faculdade.

– É, eu vi uma pilha de alguma coisa na sala de estar.

– Bem, aquela pilha significa que eu vou colocar em dia as coisas do ano passado – Ben disse, um sorriso satisfeito em seu rosto.

– Que bom para você. Vai refazer alguma prova ao final do verão?

Ben não respondeu. Ele olhava para a água. – Ei, eu acho que o Josh está na praia – Ele levantou da cadeira. – Espere aí, vou dizer a ele que estamos sentados aqui. – Ele desceu do deque e andou até a água. Hannah tentou ver aonde ele ia, mas a praia ainda estava bem lotada e ela o perdeu de vista.

Após alguns minutos, ela se virou na cadeira para ver se Ben já estava voltando. O copo de cerveja dele estava na mesa há algum tempo, e seu irmão detestava cerveja morna – odiava mesmo. Ela o viu no quebra-mar com os pequenos barcos a remo, sacudindo os braços e contando uma história elaborada para o cara alto ao seu lado.

Hannah engoliu em seco e semicerrou os olhos contra a luz do sol. Aquele cara ao lado do Ben – mas não era possível. Ela não podia crer no que via. Era aquele rapaz Navajo. O cara que riu de sua tentativa frustrada de cantar. O cara que jocosamente disse oi e olhou intensamente para ela enquanto ela olhava boquiaberta para ele como uma idiota estarrecida. Quer dizer que Ben o conhecia?

Seu coração deu um pulo quando ela se deu conta que o Bonitão Navajo andava ao lado de seu irmão.

Aquele era o Josh.

Dois

Isso não poderia estar acontecendo.

Como ela não notara que aquele era o Josh? Porém, ele havia mudado em quatro anos. Ninguém com dezessete anos deveria ter permissão para parecer tão adulto. O comparsa Navajo, mais novo e magricela, do Ben definitivamente ficou no passado.

De repente, Hannah se deu conta da sua camiseta amassada, seu cabelo desarrumado e suas olheiras. Acima de tudo, havia pânico absoluto. Pânico, porque todas essas coisas triviais aparentemente eram muito importantes para ela. Ela tinha de se conter. Ele tinha dezessete anos, e ela vinte e três. Ela estava anos-luz acima disso.

Hannah forçou-se a respirar, ao mesmo tempo em que soltou as mãos que apertavam a mesa com força. Ainda virada na cadeira, ela gritou para Ben: – Sua cerveja está esquentando! Apresse-se. – Então, seus olhos precipitaram-se para Josh, que agora vinha em direção à mesa.

– Hum – ei – ela conseguiu dizer em um tom de surpresa. De novo, a mesma frase. Claro, por que não? Já que funcionara tão bem da primeira vez.

– Oi. – Ele afundou na cadeira ao seu lado. – De novo.

– Então... eu já te encontrei essa tarde. – Hannah tentou dar um sorriso casual, rapidamente estendendo a mão para apertar a de Josh. Ele agarrou a mão dela, e ela sentiu a água em sua pele. Ele estava há pouco nadando no lago. Gotas d'água ainda se agarravam aos seus ombros largos e seus cabelos estavam molhados nas pontas.

– É. – De repente, seu sorriso o fez parecer jovem e ousado porém incrivelmente irresistível. – Devo dizer, foi uma reunião emocionante.

Hannah riu nervosa. – Então, você me reconheceu?

– Claro. Mas acho que você não percebeu que era eu.

Hannah mordeu o lábio. – Não.

– Entendi ele disse suavemente. – É por isso que você ficou vermelha quando eu disse oi?

Hannah paralisou, rezando para os céus que não corasse novamente. – Hum, sim. Fiquei um pouco surpresa, creio eu.

Aos poucos, ela tirou sua mão da dele e rapidamente agarrou seu copo para se manter ocupada.

– Então vocês já se encontraram hoje? – Ben perguntou com um sorriso, aparentemente sem notar a tensão entre eles. – Que mundo pequeno, não é? – Ele tomou alguns goles da cerveja e fez uma careta. – Credo. Está quente.

– Peça uma nova – Josh sugeriu. – E enquanto faz isso, peça um suco de maçã para mim.

–Por mim, tudo bem. Eu esqueci minha carteira. A Hannah está pagando esta noite.

– Estou? – Hannah ergueu as sobrancelhas. – Você acha que eu vou ser mais generosa só porque o Josh está com a gente?

– Estou contando com isso – Ben respondeu com uma expressão presunçosa. – Josh, o que você quer comer?

– Eu poderia comer uma truta grelhada.

Hannah assentiu. – Ótimo, é isso que vamos comer também. Vou lá dizer-lhes para colocar mais trutas na grelha.

– Eu posso ir – Ben ofereceu.

– Não, eu vou. Tenho mesmo de ir ao banheiro.

Além disso, ela não queria ficar sozinha com o Josh, assim, de repente. Ela levantou e caminhou entre a multidão sentada nas mesas de madeira no deque. Depois de ir ao restaurante e alterar o pedido deles com o primeiro garçom que encontrou, ela foi ao banheiro feminino para ter uma conversinha consigo mesma em frente ao espelho acima das pias.

– Hannah Darson – ela disse a si mesma severamente, enquanto tentava desembaraçar seu cabelo bagunçado. – Você vai agir normalmente com o Josh. Você o conhece desde que ele ainda fazia cocô nas fraldas. Você o ensinou como colorir dentro das linhas. Você o ajudou a construir castelos de areia na praia. Isso acaba *agora*.

Ela fechou os olhos, recordando-se de como Josh se aproximou da mesa – a sunga caindo só um pouquinho dos quadris, os ombros ligeiramente largos demais para um rapaz de dezessete anos, os músculos em seus braços levemente definidos a ponto de não

conseguir tirar os olhos deles, e seu olhar um pouco sábio demais para sua idade.

Não. Isso não seria tão fácil assim.



Quando Hannah retornou, Ben estava acendendo um cigarro.

– Hábito nojento – disse Josh.

– O tabaco não é uma planta sagrada na sua cultura? – Ben retrucou dando um trago.

Josh deu um sorrisinho. – Mesmo assim. – Ele observou Hannah enquanto ela sentava.

– Não me peça para te apoiar – ela disse. –Eu mesma parei alguns meses atrás.

– Você era fumante? Não lembro disso.

– Só por um tempo. Durante meu último ano com Greg, quando comecei a trabalhar. Acho que estava ligado ao estresse.

– Oh – Josh disse, olhando para seu copo de suco de maçã. Ele ficou em silêncio por um momento. – Então... vocês terminaram?

– É, há uns oito meses.

– E agora? Está saindo com alguém?

Era uma sensação estranha discutir sua vida amorosa com ele. Da última vez que vira Josh, ele era só um menino. Hannah pigarreou e rapidamente balançou a cabeça. – Não, na verdade, estou bem sozinha. Sabe como é, um pouco de tempo para mim. Preciso de liberdade.

No silêncio que se seguiu, ela se contorceu envergonhada. Pensando bem, isso não soou como ela queria. Na verdade, parecia mesmo que ela não estava interessada em namorar pelos próximos dez anos. Tudo o que ela precisava era uma camiseta que dizia ‘Não Me Chame Para Um Encontro’.

– Sabe, você sempre precisou de liberdade – de repente disse Josh calorosamente. – Você é como uma borboleta. Bela, frágil e difícil de capturar.

Hannah piscou. Que diabos ela deveria responder depois disso?

Ainda bem que Ben a salvou de outro momento de silêncio constrangedor. – Está explorando suas raízes Navajo de novo,

Josh? Só para constar, americanos brancos não acreditam em espíritos animais.

A conversa continuou, principalmente entre Ben e Josh. Hannah decidiu bancar a invisível pelo resto da noite para não correr o risco de falar mais bobagens ou ficar vermelha quando o Josh a provocava.

– Vou te buscar de carro amanhã – Josh avisou Ben depois do jantar de trutas. – A gente deveria ir pescar. Grelhar o próprio peixe é muito melhor.

– Você tem seu próprio carro? – Hannah perguntou surpresa, temporariamente esquecendo que ela queria ficar de fora da conversa.

– É, um Mustang. Minha família me deu quando passei na prova de motorista.

– E aquela moto? Não me diga que você tem uma frota de veículos na reserva.

– Não. Eu pego a moto emprestada com meu primo de vez em quando.

– Você tem carteira de moto também?

Josh deu de ombros. – Ninguém nunca me parou – ele respondeu placidamente. – Não me denuncie. – Ele deu um sorriso conspiratório e o coração dela pulou uma batida. Por que ele tinha o poder de fazer isso com ela?

– Você pretende fazer o teste mesmo assim? – ela continuou rapidamente.

– É, quando eu fizer dezoito anos e conseguir um dinheiro extra. – Josh se inclinou em direção a ela. – Logo é meu aniversário, então talvez isso te deixe mais tranquila.

– É mesmo! – Ben exclamou. – Começo de agosto, não é? Você vai fazer uma festa?

– Claro que ele vai – Hannah disse. – Ele vai se tornar um homem de verdade! – Tomara que Josh não tenha notado que ela se afastou quando ele se inclinou em direção a ela. Ela achava que ele já era homem suficiente *nesse momento* para fazer seu coração bater acelerado quando chegava mais perto.

Josh riu. – Na verdade, já sou. Na nossa tribo, o ritual de iniciação de quando um menino se torna homem acontece no

aniversário de quatorze anos. Todos fazemos uma jornada da visão.

Ben assoviou. – Uau, você já está crescido.

– Você tem razão. – Josh ficou em silêncio, e seus olhos desfocaram. De repente, ele pareceu perdido em pensamentos.

Hannah observou Ben com surpresa. Que estranho que Josh tenha passado por um ritual importante sem ter falado a respeito para o Ben. A julgar pelo olhar de confusão de Ben, essa era a primeira vez que ele ouvia falar da jornada da visão de Josh.

– Bom, eu acho que você deveria dar uma festa – ela disse, quebrando o silêncio incômodo.

Josh piscou e assentiu devagar, voltando à realidade. – É, vou sim. Considerem-se convidados.

A garçonete apareceu para limpar a mesa e deixar três cardápios de sobremesas. Ben escolheu rapidamente o que queria e pegou a mão de Hannah quando a banda de jazz no canto começou a tocar '*I've Got You Under My Skin*'.

– Venha, vamos dançar – ele sugeriu puxando-a da cadeira.

Hannah seguiu seu irmão até a ponta do deque, onde eles pisaram na areia. Em poucos minutos mais casais dançantes juntaram-se a eles na praia.

– Estou muito contente de ficar aqui o verão todo – Hannah suspirou e irradiou alegria. – Meu primeiro ano como professora foi meio estressante. Eu precisava disso. É como nos velhos tempos.

Ben sorriu. – É por isso que eu disse que você deveria passar suas férias em St. Mary's Port. É o melhor lugar para relaxar e espairecer. Eu sabia que você aproveitaria um verão nostálgico.

A música acabou. Com um susto, Hannah viu Josh vindo na direção deles com o canto do olho. Seu coração acelerou até virar um zumbido. Será que ele ia pedir para ela...

Josh deu um tapinha no ombro do Ben. – Posso dançar a próxima?

Claro. – Ben deu de ombros soltando sua irmã. Hannah sentiu o coração na garganta quando Josh colocou uma mão leve em suas costas e com a outra agarrou a mão dela.

– Tenho sua permissão também? – Josh perguntou com um sorriso enquanto Ben voltava para a mesa.

– S-sim. – Ela ficou momentaneamente sem palavras.

– Uau, você parece ansiosa – ele disse secamente.

Hannah riu nervosamente e percebeu que ela soava como uma daquelas meninas que acabaram de entrar na escola que ela ensinara esse ano. Talvez ela deveria ter sido mais compreensiva com elas – ela não estava muito acima delas no momento.

– Hum... – Hannah começou a dizer um pouco atrapalhada. – Eu não sei bem o que fazer. – Porque obviamente ela estava jogando seu dinheiro fora com as aulas de dança dos últimos dois anos. Ela não conseguir fazer nada. *Nada*. Exceto pressionar seu corpo contra o dele na esperança de que parecesse algum tipo de dança.

Josh sorriu. – Venha cá. – Ela a puxou ainda mais perto. Hannah sentiu o corpo dele contra o seu, sua mão na base de suas costas.

– Coloque seu queixo em meu ombro – ele murmurou no ouvido dela.

– Mas... eu não vou conseguir ver onde estamos indo. Imediatamente ela percebeu como isso soou estúpido. Como se Josh fosse sequestrá-la enquanto dançavam na praia, com seu irmão à vista.

Ela o ouviu dar uma risada. – Eu farei uma narração ao vivo, ok?

Hannah desistiu e colocou a cabeça em seu ombro. Ela olhou para as mesas no deque, a praia estendendo-se atrás deles, e o céu vermelho-sangue do crepúsculo. Se ao menos a beleza dos arredores a acalmasse, mas não. O calor vindo do corpo de Josh e os braços dele ao seu redor a deixavam completamente confusa. Apesar de Josh ter prometido uma narração ao vivo, ele não falou nada durante sua dança juntos. Ele a rodopiou em uma dança circular que não tinha nome, mas ela não se importava. Era perfeito.

Será que o Josh tinha alguma ideia do efeito que tinha sobre ela? Ela adoraria olhar para cima e ver seus olhos, mas não tinha coragem. O olhar de Hannah passou por sobre os ombros dele, onde pequenos grãos de areia estavam presos a sua pele, absorvendo a luz do sol poente. Eles a lembravam de pó de estrelas e dos céus estrelados que ela sempre observava quando era uma garotinha, deitada na grama, encontrando constelações.

Os olhos dela fixaram-se em uma marca de nascença abaixo da clavícula. Tinha a forma de um animal. Que estranho – ela não se lembrava de tê-la visto antes.

– Você sempre teve essa marca? – ela perguntou baixinho, tocando a pele dele com seu dedo indicador sem notar o que fazia. Josh parou de respirar e ela olhou para cima. Ele olhava para a mão dela, e depois para ela. O olhar dele foi para a areia abaixo de seus pés.

– Não – ele respondeu após um longo silêncio constrangedor. – Quando me viu pela última vez eu ainda não a tinha. Eu a consegui – depois daquela vez.

– Oh. – Bem, isso era esquisito. Afinal de contas, elas eram chamadas ‘marcas de nascença’ porque as pessoas nasciam com elas. – Tem a forma de um animal – ela notou e percebeu de repente que sua mão ainda estava no peito dele. Ela rapidamente deixou a mão cair.

– Um urso – ele disse com voz cortante. Ele evitou olhá-la nos olhos e observou o deque atrás deles. – Vamos tomar nossos sorvetes.

Hannah franziu a testa. Claramente algo havia mudado em sua atitude depois de ela mencionar a marca de nascença. – Olha, desculpe se eu fui enxerida.

Ele olhou para ela, um repentino toque de carinho em seus olhos. – Não está sendo enxerida – ele disse suavemente. Então, ele pressionou seus lábios na mão dela – a mão que ele ainda segurava – e deu um rápido e leve beijo. Ele deu um passo para trás e foi em direção à mesa. Hannah deixou sua mão cair ao seu lado, respirando devagar.

Com uma careta ela esfregou a testa. É, St. Mary’s Port era definitivamente o melhor lugar para relaxar e espairecer.

Três

Naquela noite, Hanna caminhou em silêncio para casa. Ben andava ao seu lado. Ela gostaria de compartilhar com ele o quanto a noite com Josh a deixara confusa, mas talvez ela ainda não estivesse preparada para que Ben soubesse. Mesmo assim, parecia estranho não dizer nada para o Ben. Ela sempre conversava com Ben sobre tudo que passava por sua cabeça e ele fazia o mesmo com ela.

Distraidamente ela observou algumas pessoas sentadas na varanda da casa vizinha, seus rostos iluminados pela grande vela em cima da mesa à qual sentavam.

– Vamos falar oi – disse Ben, seguindo o olhar dela. Ele acenou para os novos vizinhos e puxou Hannah para a varanda da frente.

Hannah foi rapidamente apresentada à família Greene – Ivy e Amber, duas irmãs ruivas, e seus pais, Paul e Sarah. Ela e Ben sentaram-se em um dos bancos da varanda para contar aos vizinhos algumas histórias de seus verões passados em St. Mary's Port.

Enquanto Ben dizia a Paul quais eram os melhores lugares para pescar, o olhar de Hannah vagou até o livro que Amber tinha no colo. – Remédios Naturais – ela leu na capa. – Você está lendo por diversão ou para a escola?

Amber deu de ombros. – Eu vou estudar naturopatia depois do verão, mas ainda não comecei. Então acho que é por diversão.

Hannah deu uma risadinha. É, ela e Amber iam se dar bem. – Bem, se você gosta de colher ervas e plantas selvagens, você deveria ajudar a mim e ao Ben uma hora dessas. Logo nós faremos um churrasco com alguns amigos da reserva. Nós costumávamos fazer churrascos no lago todo verão. Ben e Josh pegavam peixes frescos e Emily e eu colhíamos frutinhas, como verdadeiros caçadores-coletores.

– Nós adoraríamos nos juntar a vocês! Papai nos ensinou a pescar – Ivy disse. – Conosco no seu time, nunca ficaríamos com fome.

Hannah gemeu. – O quê? Ninguém quer me ajudar a colher frutinhas?

Ben riu e um grande sorriso dominou seu rosto. – Ah, não se preocupe. Josh vai te ajudar. Aposto que está ansiosa para ir com ele para o meio do mato.

Hannah abriu a boca e a fechou novamente, tentando esconder a vermelhidão que subia por seu rosto. – Bem – ela chiou indignada e lançou um olhar fulminante.

– O quê? – Ele deu de ombros vagamente, virando-se para acender um cigarro.

Após conversar com os vizinhos por mais alguns minutos, eles decidiram ir para casa, desejando aos Greenes uma boa noite.

Enquanto arrastavam-se para sua cabana num silêncio desconfortável, Hannah mordeu o lábio. Deveria dizer alguma coisa? Finalmente, Ben pigarreou e sentou nos degraus da varanda. – Hum – desculpe se te ofendi antes. Você sabe.

– O que quer dizer? – Hannah respondeu baixinho.

– No meio do mato – Ben olhou para o lado. – Sobre o Josh. Não queria te irritar. É só que parecia que você, tipo, se divertiu com ele hoje à noite.

Hannah mudou de posição. Ela não podia negar que a piada de Ben a deixara desconfortável – ele a viu ficar vermelha.

– Você não me irritou – ela disse finalmente, porque Ben não parava de olhar para ela com um ponto de interrogação no rosto.

– Então o que foi?

Hannah suspirou. Ela removeu uma sujeira imaginária da saia. – Me senti pega com a boca na botija.

– Então você gosta do Josh. – Não era uma pergunta, e sim uma afirmação. Hannah desviou o olhar de repente, tão nervosa que queria dar um trago no cigarro do Ben. Ele seguiu seu olhar e ofereceu o cigarro. – Quer dividir?

– Não, obrigada. Eu não deveria voltar a fumar.

Ben deu de ombros. – Então... gosta? – ele perguntou.

– Não sei – Hannah resmungou, olhando para uma marca escura no piso de madeira da varanda, lembrando-se da marca de nascença de Josh. – Quero dizer... eu conheço ele desde sempre.

– Parece um bom lugar para começar. – Ben colocou um braço em volta dos ombros dela.

Hannah agarrou o cigarro dos dedos de Ben. – Só um trago – ela grunhiu, desgostosa de si mesma e seus maus hábitos.

Ben ofereceu-lhe um sorriso caloroso. – Desculpe, maninha. Vou parar de te provocar, ok?

Juntos eles terminaram o que faltava do cigarro e entraram na cabana para um boa e longa noite de sono.

Na manhã seguinte, Hannah acordou com a luz do sol entrando pela janela, brilhando diretamente em seu rosto. Ai, droga! Ela não fechara as cortinas ontem. Resmungando ela virou de costas para a janela.

Ainda sonolenta, Hannah ouviu Ben conversando ao telefone na cozinha. – Não, ela ainda está dormindo. Eu digo oi para ela quando ela acordar. Como está Paris?

Devia ser Katie, a namorada do Ben, ao telefone. A namorada do seu irmão estava fazendo uma excursão de trem na Europa durante as férias de verão. Paris era a terceira cidade em sua lista.

– Quer mais café? – uma voz conhecida falou ao Ben.

Oh. Josh estava aqui também. Um pequeno sorriso apareceu em seus lábios enquanto ela sentava na cama.

Hannah escutou distraída a um lado da conversa entre Ben e Katie ao telefone, sem ainda estar pronta para ir lá fora. Ela estava ansiosa para conversar com o Josh, mas ficou nervosa só de pensar em tê-lo por perto a manhã toda.

Ai, caramba. Ela realmente estava a fim do Josh. Ela não podia negar.

Hannah endireitou-se e encarou-se no espelho na parede acima de sua cama. Ela esteve em um relacionamento estável por anos. Fazia tempo que ela não se apaixonava. Era mesmo real? Afinal, o que ela sabia sobre esse novo Josh de dezessete anos? O garoto de treze anos de quatro verões atrás parecia uma pessoa diferente.

Ela vestiu-se devagar, tentando desamassar seu vestido vermelho de linho. Ela calçou um par de chinelos pretos e rapidamente passou um pente nos cabelos antes de sair do quarto. Afinal de contas, não havia motivo para se apresentar com outro penteado desastroso.

– Bom dia – ela bradou ao entrar na cozinha. Ben e Josh levantaram os olhos de seus pratos com largos sorrisos. – Aproveitem – ela continuou com uma olhadela para a pilha de panquecas sobre a mesa.

– Você dormiu bem? – perguntou Ben.

– Como um bebê.

– Você quer umas panquecas também? – perguntou Josh, acenando para a pilha.

– Daqui a pouco. Primeiro vou tomar um pouco de suco de laranja e depois um banho.

– Por que se vestiu se ainda precisa tomar um banho? – Ben perguntou com um risinho. – Você estava usando um pijama bobo não apropriado para o público?

– Não tinha nenhum pijama. Esqueci de colocar na mala – Hannah disse sem pensar. Ela conseguia sentir as bochechas ficarem vermelhas e rapidamente virou de costas para servir um pouco de suco de laranja da caixa em cima do balcão. – Vou comprar um na cidade mais tarde. E enquanto faço isso, vocês precisam de alguma coisa?

Ben gargalhou. – Que tal nos comprar umas varas de pesca?

Hannah o encarou. – Claro! Vou comprar umas para os vizinhos aí vou colher frutinhas sozinha para o churrasco.

Josh levantou a cabeça. – Que churrasco?

– Por que você não conta para ele os nossos planos para o churrasco enquanto eu tomo um banho? – Rapidamente, Hannah fugiu da cozinha antes que Ben pudesse fazer qualquer piada sobre colher frutinhas ou fugir para o mato com o Josh.

Quando ela voltou para a cozinha de banho tomado e maquiada, a mesa de café da manhã estava vazia. Isso foi decepcionante – Ben e Josh saíram sem se despedir. Hannah sentou-se para comer uma pequena pilha de panquecas com manteiga e calda, cantarolando ao som do rádio. Ainda assoviando, ela foi até a geladeira para pegar mais suco de laranja, servindo-se de um copo grande. Quando ela fechou a porta da geladeira, Josh de repente estava de volta à cozinha, parado bem ao lado dela.

– Oh, oi – ela disse, um pouco assustada. – Pensei que vocês dois já tivessem saído.

– Estamos indo em um minuto. – Ele sorriu para ela. Hannah passou por ele e sentou-se à mesa novamente, tomando um grande gole do suco e cortando um pedaço de panqueca.

Quando ela levantou a cabeça, Josh estava encostado no balcão da cozinha, com uma mão apoiada de cada lado, encarando-a. Ela engoliu em seco. Esse silêncio era constrangedor, não? Talvez ela devesse tentar conversar.

– Quer um pouco? – ela perguntou, apontando para as panquecas à sua frente. – Não consigo comê-las todas sozinha.

Ele balançou a cabeça. – Não, obrigada. Estou cheio.

Hannah levou o garfo à boca e lentamente mastigou um pedaço de panqueca.

– Então, o que achou? – perguntou Josh com um sorrisinho dançando em seus lábios.

– Hum... saboroso – ela resmungou com a boca cheia. Confusa, ela olhou para ele e se deu conta. – Oh! *Você* fez as panquecas?

– Sim. Usei farinha especial da reserva. Não fique tão perplexa, eu tenho vários talentos ocultos que você ainda vai descobrir. – Ele deu um sorriso arrogante e Hannah piscou, literalmente forçando o sangue para longe do rosto. Ele estava fazendo de propósito, ela sabia.

– É o que parece. – Ela riu de maneira nervosa. – Bem, elas são melhores que os deslizes gastronômicos do Ben.

– Ei, esse é um nome legal para uma padaria. Você consegue imaginar um letreiro numa loja: ‘Deslizes Gastronômicos do Ben’. – Ele fez um gesto pomposo.

Hannah caiu em gargalhadas e quase engasgou com a panqueca. Josh rapidamente foi até ela e deu tapinhas com cuidado em suas costas. – Você está bem? Desculpe ser tão hilário.

– Você é muito humilde. – Hannah tossiu, recuperando o fôlego antes de voltar a olhar para ele, repentinamente percebendo que a mão dele ainda estava em suas costas. Isso a fez derreter-se por dentro.

Neste momento, Ben entrou na cozinha. – Achei os colchões de ar – ele falou a Josh, seu olhar indo da mão de Josh para o rosto

envergonhado de Hannah. Por que ela sentia que ele a havia pego fazendo algo errado?

Josh deixou sua mão escorregar das costas dela e deu um passo na direção de Ben. – Que bom. Então vamos – ele disse com pressa repentina. Ele juntou-se a Ben e eles saíram da cozinha.

– Te vejo hoje à noite – Ben gritou por cima do ombro. – Vou cozinhar para nós. Você pode chamar a Emily também.

– É, vou sim. – Ela não tinha coragem de perguntar o que exatamente era 'nós'.



Ao meio-dia, Hannah jogou seu telefone, chaves e carteira na bolsa e saiu da cabana. Não demorou para encontrar o *Grassroots*, o restaurante vegetariano no centro da vila. Seu olhar desviou-se para uma garota Navajo sentada à uma pequena mesa do lado de fora.

– Hum... Emily? – ela arriscou.

A garota ergueu os olhos da revista que lia e um grande sorriso apareceu em seu rosto. – Hannah! – ela exclamou entusiasmada, pondo-se em pé. – Você está de volta!

– Em! – Hannah deu abraço apertado na velha amiga. – É bom te ver de novo. Você está ótima!

– Bem, eu *deveria* estar ótima, mesmo. Acabei de tirar quatro semanas de férias, então estou bem descansada. Mas também estou curtindo muito meu novo trabalho agora. Terminei meus estudos em Tuba City há dois meses e ainda tinha quatro semanas antes de começar meu trabalho na clínica. Fui acampar com a minha irmã no lago perto da montanha Navajo e, depois disso, Yazzie e Josh me ajudaram a construir meu próprio *hoghan* em Naabi'aani. Não moro mais com meus pais.

No final das contas, nada mudara nos últimos quatro anos – Em ainda falava a duzentos quilômetros por hora.

Elas entraram, conversando animadamente, e escolheram uma mesa próxima à janela. Emily pediu o especial do dia para as duas antes de servir água para Hannah de uma jarra na mesa.

– Ei, o Josh usa uma pena igual a essa no cabelo – Hannah comentou quando notou as fitas com penas nos cabelos de Emily.

– Isso mesmo. O clã do pai dele é o mesmo da minha mãe. Povo das Penas. – Emily deu de ombros. – Bem, eu não ligo de o

Josh ter copiado meu estilo. Fica bem nele, não acha?

– É, fica mesmo – Hannah corou. Claro, qualquer coisa ficaria bem nele. Se o Josh decidisse usar um balde na cabeça, ela ainda assim acharia que ele estava sensual. Rapidamente ela deu uma golada na água e olhou intensamente o cardápio. – Ah! A propósito, Ben te convidou para jantar hoje à noite. Ele vai cozinhar para a gente.

Emily fez uma careta. – *Ben* vai cozinhar?

– Ele vai tentar. Mas não tem problema, nós o ajudaremos. Além disso, nós ainda temos algumas panquecas que sobraram do café da manhã. Foi o Josh que fez, com farinha especial da reserva.

É, ela definitivamente estava falando pelos cotovelos. Sobre o Josh – enquanto ela deveria estar falando com Em sobre si mesma – não ralhar a respeito da sua mais nova obsessão Navajo. Ela era uma péssima amiga.

– Aposto que o Josh vai aproveitar muito na Faculdade Diné – Emily disse. – Eu gostei muito do campus.

– Então Josh também vai para Tuba City? Ele nos falou mesmo que ia pra faculdade depois do verão, mas não disse onde.

– É, já estava na hora de ele ir para uma escola da reserva. Ele foi meio rebelde durante o último ano do ensino médio na Escola Page.

– Oh, é mesmo? Como assim?

– O de sempre. Desprezando a cultura americana padrão, desobedecendo regras que iam contra sua criação tradicional, recusando-se a usar o sobrenome nas provas porque os Diné originalmente nem usam o sistema binomial. Ah, e quando Josh e sua banda tocaram uma música ‘anti-EUA’ dos Blackfire - é uma banda Diné - eles conseguiram ofender todo o corpo docente. As letras dos Blackfire não são muito sutis.

Hannah sorriu. – Parece que você curtiu a rebelião deles.

Emily deu um sorriso de escárnio. – Ah, qual é. Toda geração precisa de rebeldes. Isso ficou a cargo dos Rezboyz.

– Os Rezboyz? Soa legal. O que o Josh toca na banda?

– Guitarra. Incrivelmente bem, aliás. Nem acredito que ele aprendeu tão rápido. Parecia um profissional.

Que ótimo! Emily estava, sem perceber, alimentando seus sentimentos por Josh com seus elogios às habilidades musicais dele. Isso a deixava louca. Hora de conversar sobre outra coisa. – Antes que eu me esqueça, vamos fazer um churrasco na sexta – disse Hannah. – Convidamos nossos novos vizinhos também.

– Parece divertido. Conte comigo.

– Que dias da semana você tem livres? Adoraria aparecer em Naabi'aani para admirar seu *hoghan*.

– Venha no sábado. Não vou trabalhar e ainda vai ter um baile e um rodeio. Lembra do Hosteen, nosso antigo vizinho? A família dele está organizando.

Após o almoço, Emily retornou para o turno da tarde na farmácia, deixando Hannah livre para fazer algumas compras sozinha. Ela foi até a pequena rua principal de St. Mary para sua segunda missão do dia – comprar pijamas apropriados para uso em público.

Quatro

– Estamos de *volta*! – a voz de Ben soou como uma corneta quando ele entrou na cozinha, ao mesmo tempo em que Hannah emergia do banho. Ela passara o resto da tarde tomando sol na praia.

– Vou me vestir! – Hannah gritou de volta através da porta com uma risada. Rapidamente ela colocou um vestido preto leve e passou um pente em seus cabelos molhados.

– O que tem para o jantar hoje à noite? – ela perguntou casualmente, entrando na cozinha. Seu olhar caiu em Josh que estava de costas para ela.

Ben revirava a geladeira. – Não faço ideia – ele resmungou.

– Parece promissor – ela retrucou.

Josh soltou uma risadinha e se virou para olhá-la. "Bom, pelo menos ainda temos aquelas panquecas".

– Você convidou a Emily? – perguntou Ben.

– Sim, ela vai chegar lá pelas sete, assim que sair do trabalho. Ah, ela disse que vai trazer a sobremesa.

– Ótimo. É uma coisa a menos para se preocupar. – Ben fechou a geladeira. – Vou pegar o carro e ir ao mercado. – Ele pegou as chaves na mesa da cozinha e saiu porta afora a passos largos.

– Espere aí – Hannah murmurou, seguindo Ben sem pensar. Talvez ela devesse ir com ele. Só de pensar em ficar sozinha com Josh a deixava um pouco nervosa.

– Você precisa de alguma coisa? – Ben olhou-a confuso.

Ela hesitou, de repente sentindo-se uma idiota por praticamente sair correndo da cabana. – Sim, por que não me compra umas laranjas? Te vejo logo.

Relutantemente, Hannah retornou. – Quer alguma coisa para beber? – perguntou a Josh.

– Claro. Uma água mineral, se tiver.

Hannah sentou-se à mesa, servindo-lhe um pouco d'água. Quando seus olhares se cruzaram, ela pegou Josh olhando-a com um meio-sorriso.

– Por que você está cantarolando? – ele perguntou suavemente.

Hannah sentiu as bochechas esquentarem. – Eu estava cantarolando?

Ele riu. – Sim, estava. Não percebeu?

– Não. Talvez seja porque estou compondo uma canção.

– Mesmo? Você deveria tocar alguma coisa hoje à noite. Você trouxe seu violão, certo?

Ela balançou a cabeça. – Ainda não terminei de compor – ela disse timidamente, lembrando de repente como Emily elogiara o talento dele com a guitarra. Ela deveria ser péssima perto dele.

– Sem problemas. Avise-me quando tiver terminado.

Hannah fez que sim com a cabeça, mexendo-se desconfortavelmente em sua cadeira. Por que ela não conseguia mais ter uma conversa relaxada com Josh? – Então, o que os meninos fizeram hoje? – ela perguntou rapidamente.

– Oh, nós fomos de carro até a marina Antílope. Testamos as novas varas de pesca do Ben, mas não pegamos nada. Muita gente, eu acho.

– Então o Ben comprou novas varas de pesca? Bem, espero que vocês peguem muitos peixes na sexta. Senão, vai ser uma festa

vergonhosa. Convidamos mais três pessoas para o churrasco.

– Tenho certeza de que eles vão morder a isca aqui em St. Mary's Port.

– Peixes famintos. – Hannah levantou. – Falando nisso, eu estou faminta. Que tal umas azeitonas e umas torradas antes de começarmos a cozinhar?

Ela pegou um pote de salada de batatas, um vidro de azeitonas e uma manteiga de alho na geladeira, depositando tudo nas mãos de Josh antes de disparar para a despensa para pegar umas torradas.

Josh colocou os aperitivos na mesa, um braço pendurado casualmente nas costas de sua cadeira. Seu cabelo comprido movia-se com a brisa do ventilador no canto. Um brilho dançava em seus olhos escuros enquanto ele a observava. Ele sentia o quanto ela estava desconfortável?

– Quer torrada branca ou integral? – ela conseguiu dizer engasgando, levantando dois pacotes diferentes.

– Tanto faz – Josh respondeu. – O que você quiser.

Hannah escolheu integral e sentou-se para espalhar um pouco de manteiga de alho nas torradas. – Caramba, essa manteiga está dura como pedra – ela resmungou. Enquanto ela tentava espalhar com a faca, quebrou a torrada em dois.

Josh gargalhou. – Aqui. Coma um pouco de salada. – Ele empurrou o pote de salada de batatas em sua direção.

– Você toca guitarra, não é? – ela perguntou rapidamente para evitar mais silêncio. – Que tipo de música sua banda toca?

– Os Rezboyz tocam basicamente covers de bandas Diné.

– Foi o que a Emily me disse. Coisas rebeldes dos Blackfire, não é?

Ele deu um sorriso torto. – Você e a Em estavam fofocando a meu respeito?

– Não estávamos não. – Hannah corou. – Dissemos apenas coisas boas sobre você, juro.

– Valeu. Você é uma amiga de verdade.

– De nada. – Hannah virou os olhos. – Além do mais, eu não saberia que coisas maldosas dizer a seu respeito.

– Oh, aposto que a Em te disse que eu quase fui puxado do palco por professores raivosos durante o show de talentos da escola.

– Sim. Ela disse que os Rezboyz estavam provocando o público.

Ele riu. – As letras são meio, hum, politicamente incorretas.

– Você compõe suas próprias músicas também?

– Sim, mas minhas canções são muito mais melosas.

– Então você vai tocar algumas das suas músicas hoje à noite?

Josh inclinou a cabeça. – Só se você prometer tocar algumas das suas no churrasco na sexta.

Hannah mordeu o lábio. – Tá.

Ele sorriu. – Qual é? Você sabe que sabe cantar. Fiquei muito impressionado com sua performance no posto de gasolina.

Ela gemeu. – Cale a boca ou eu nunca vou ter coragem de cantar de novo.

– Mas estou falando sério! – Josh deu-lhe um sorriso torto. – Você soou tão apaixonada e ao mesmo tempo muito agressiva.

– Cale a *boca*. – Ela tentou parecer severa, mas falhou. Com um sorriso largo, ela pegou um dos pedaços da torrada quebrada e arremessou contra o ombro de Josh. Ele ficou olhando para o ombro em silêncio por alguns segundos.

– Guerra de comida! – ele gritou de repente, inesperadamente jogando uma azeitona de seu prato na testa dela.

– Tô nessa! – Hannah agarrou a garrafa de água da mesa e espirrou um pouco na cara de Josh. Cuspindo a água, ele se levantou, correu ao redor da mesa e pegou a garrafa de suas mãos. A próxima coisa que ela sentiu foi água escorrendo em suas costas. Pulando de sua cadeira, ela foi atrás dele. – Me dá! – ela riu, agarrando o gargalo da garrafa, cobrindo a mão dele. Ele colocou sua outra mão por cima, cobrindo a dela.

– Não – ele disse desafiador, olhando-a nos olhos.

Hannah ficou em silêncio. Ela ergueu os olhos para olhar para Josh, sentindo o calor das mãos dele nas suas. Cautelosamente ela agarrou a parte de baixo da garrafa e fez uma tentativa de torcer e tirar a garrafa das mãos dele. – Solte – ela murmurou.

Ele deu um passo à frente. – Não – ele repetiu, mais suave. Ele inclinou-se em direção a ela, seus olhos escuros prendendo-se ao rosto dela. O coração de Hannah começou a bater errático. Repentinamente, ela sabia com toda certeza que ele ia puxar ela e a garrafa contra seu peito. Ele ia beijá-la. Engolindo em seco, ela deu um passo atrás, confusa. Talvez isso estava indo rápido demais.

– Josh... – ela começou, de repente sem saber o que dizer.

O silêncio alongou-se.

– Desculpe – ele balbuciou finalmente e soltou a garrafa.

Que ótimo! De algum jeito ela conseguiu dar a impressão de que o estava rejeitando. Josh provavelmente não chegaria mais perto dela pelas próximas duas décadas. Ela tinha de consertar isso.

Infelizmente, ela não teve chance. A porta da frente se abriu. – Ei! Cheguei! – Emily disse entusiasmadamente.

Resmungando internamente, Hannah colocou a garrafa de volta na mesa, desesperadamente procurando os olhos de Josh, mas ele estava de costas para ela, a caminho da sala de estar. – Vou pegar seu violão, ok? – ele murmurou, desaparecendo porta afora.

Hannah deu um olhar tímido para a amiga. – Oi, Em.

Os olhos de Emily passearam pelas poças de água no chão e as migalhas na mesa. – Tá bem, o que aconteceu aqui?

– Acidente – Hannah praticamente correu até a pia para pegar um pano. – Vou limpar. – Ela começou esfregando a mesa e só parou seu ataque maníaco de limpeza quando notou que Emily a observava de seu canto na cozinha com olhar divertido. – Deixe-me reformular – ela disse com um riso. – O que *aconteceu* aqui?

– Nada.

– Ah, tá. É só minha imaginação todo aquele desconforto de quando entrei aqui há alguns minutos.

– Sim, foi mesmo. Não há nada de errado.

Emily olhou de soslaio para a porta da sala e levantou as sobrancelhas. – Oo-kk – ela falou. – Se você diz. Onde quer que eu coloque a sobremesa? – Ela apontou para uma sacola de plástico na mesa da cozinha.

– O que é?

– Torta de maçã,

– Parece bom – disse Josh entrando na cozinha. Ele carregava o violão de Hannah em uma das mãos. – Você se importa – ele perguntou mostrando o violão.

– Não, claro que não – Hannah assegurou. – Me disseram que você toca bem.

Emily sorriu. – Como o Mark Knopfler. – Ela foi até a geladeira. – Posso colocar aqui?

Hannah olhou confusa. – O que... o violão?

– Não, sua idiota, a torta de maçã. O Tico e o Teco não estão conversando hoje, hein?

– Aqui vem o chef da noite – Ben anunciou naquele momento, aparecendo na porta com duas sacolas de supermercado cheias em suas mãos. Ele colocou as sacolas no chão para abraçar Emily. – Oi, Em! Vai se juntar a Hannah e ser minha segunda assistente de cozinha?

– Acho que seria inteligente da minha parte – Emily riu.

– Vou sentar lá fora na varanda e tocar alguma coisa. – Josh levantou o violão. – Essa cozinha é muito pequena para quatro pessoas, de qualquer maneira.

– Reservista preguiçoso – Ben estalou a língua.

Josh deu-lhe um sorriso inocente. – Cara-pálida arrogante – ele retrucou placidamente.

Hannah pegou a sacola de tomates para picar. A janela da cozinha estava um pouquinho aberta, então ela podia ouvir Josh dedilhando as cordas e cantarolando uma melodia. Emily tinha razão – o som era maravilhoso. A voz dele era grave e melódica. Ela torcia para ele tocar mais após o jantar. Se ele tocasse, ela cumpriria sua parte do trato e tocaria alguma coisa na sexta-feira. O que significava que ela tinha de inventar uma letra impressionante para acompanhar aquela melodia que ela estava compondo nos próximos dois dias. Sem pressão.

Neste momento, Emily a cutucou. – Distraída? – ela deu uma risadinha olhando para o tomate na tábua de cortar de Hannah. Ela o havia cortado em pelo menos trinta pedaços.

– É, acho que sim. Estou um pouco cansada.

– Então, o que há com o Josh? Ele estava esquisito quando eu entrei.

– Ah, nada. Estávamos fazendo uma guerra de água e eu fiquei irritada com ele. Ele não queria me ajudar a limpar. – Incrível! Ela parecia uma velhota rabugenta. Talvez ela devesse calar a boca e só cortar os legumes.



– Esse espaguete está fantástico – comentou Emily quando estavam na varanda comendo o jantar. Ben parecia orgulhoso de si mesmo.

– É, ótimo molho de tomate – concordou Josh. – Talvez você possa fazer mais para quando for à reserva para o rodeio no sábado. – Era tradição levar comida para a família que organizava o evento.

Hannah terminou sua Coca-Cola e levantou-se para pegar mais. Ninguém parecia dar atenção a ela, mas quando chegou à cozinha, Ben a seguira.

– O que está se passando entre você e o Josh? – ele perguntou direto, seus olhos observando o rosto dela.

Ela mudou o peso de uma perna para a outra. – Hum, do que está falando?

Ben balançou a cabeça com um sorriso. – Não me venha com essa. Com certeza aconteceu alguma coisa enquanto eu estava fora. O Josh está estranho. Ele fica dando olhadinhas na sua direção. Sabe, do mesmo jeito que você está se esforçando para não olhar para ele. Vocês se beijaram ou o quê?

Um rubor correu pela pele de Hannah. – Hum, não – ela gaguejou. – Por um minuto eu achei que ele... então eu me afastei... então ele deve achar que eu... – A voz dela se esvaiu.

– Você quer que eu diga para o Josh que você gosta dele? – De alguma forma Ben conseguiu decifrar seu discurso incoerente. – De homem para homem?

– Não, Ben. Por favor. Só fique fora disso, tá bom? Só tenho que pensar que acabou, tá?

Seu irmão sorriu. – Tá bom. Que seja. Relaxe. Vou sentar e esperar enquanto você fica pensando pelos próximos dois meses.

Hannah fez uma careta. – Você me conhece bem demais.

Eles voltaram para fora e sentaram-se à mesa. Emily e Josh estavam conversando sobre viagens.

– Viajei para as quatro montanhas sagradas na primavera passada – disse Josh.

– A pé? – Hannah perguntou incrédula. Ela conhecia a lenda Navajo das montanhas ao redor do território Diné nos quatro cantos, como definido pelos ancestrais. A nação Navajo de hoje estava dentro das linhas imaginárias formadas pela ligação das montanhas sagradas no mapa.

– Fui de carro – respondeu Josh. – Ir a pé seria um pouco demais para mim.

– Uau! Me surpreende que você tenha deixado a motocicleta da rebeldia em casa.

– Bom, foi como uma peregrinação para mim. Não achei apropriado infringir a lei. Saí da aldeia com o raiar do sol e visitei a montanha a oeste primeiro.

– Por que lá? – questionou Hannah. – Você não deveria começar pelo Leste? Onde nasce o sol? – Tá bom, ela estava parecendo uma CDF, mas ela não se importava de mostrar seus conhecimentos para impressionar um pouquinho o Josh.

– Tenho meus motivos. Eu queria invocar os poderes de nossos ancestrais, sentir os espíritos do passado e voltar no tempo.

Hannah piscou e não conseguiu deixar de encará-lo. O que ele disse era lindo. Josh era o cara de dezessete anos mais incomum que ela já conhecera.

– Todos os Diné têm um laço forte com o passado, hein? – disse Ben. – Realmente me fascina. Vocês sempre têm uma história para cada ocasião, e tudo está conectado. Equilibrado. Como é mesmo a palavra para isso?

– *Hózhó* – Hannah informou. – Certo?

Josh assentiu. – Sabem de uma coisa? Esse é o momento certo para eu cantar minha canção para vocês. É sobre equilíbrio e beleza. Ele pegou o violão da Hannah de trás de sua cadeira.

– Como se chama? – Ben perguntou.

– ‘Que Em Beleza Eu Possa Caminhar’. É uma tradução de uma famosa prece Diné.

– Uau, você transformou isso em música? – Emily sorriu. – Vamos ouvir!

Josh começou a tocar. Hannah inclinou-se para a frente em sua cadeira com os cotovelos apoiados na mesa. Ela o encarava fixamente. A melodia que ele tocava e as palavras que cantava eram tão belas e frágeis que ela não ousava respirar. Ela não queria emitir nenhum som desnecessário. Ele cantou sobre as estações que regressavam, pássaros e borboletas e o orvalho a seus pés no caminho da vida.

Ben foi o primeiro a quebrar o silêncio quando a canção terminou. – Uau, Josh, isso foi ótimo. Você é mesmo talentoso. Me sinto honrado de você querer cantar pra gente.

Josh ergueu os olhos tímido. – Fico feliz que gostou.

– Contudo, aposto que Sani vai pegar no seu pé por ter mudado as palavras da prece – Emily disse com uma piscadela.

– Ele mudou alguma coisa? – disse Ben.

– É, na segunda estrofe. O original não fala de borboletas.

– Isso mesmo. – Com cuidado, Josh colocou o violão contra a balaustrada da varanda. – Eu gosto mais da letra assim. – Seu olhar dirigiu-se a Hannah, que estava em silêncio, lembrando de que o Josh havia comparado *ela* com uma borboleta na noite passada. Mas não era possível que ele houvesse mudado a letra da canção tradicional pensando nela. Isso era absurdo.

– Devo tirar a mesa? – ela ofereceu para que ninguém visse o leve rubor em seu rosto. – Vamos abrir espaço para o café e a torta de maçã. – Ela começou a recolher os pratos e ficou contente quando Emily levantou-se para ajudá-la.

– Quem é Sani? – Hannah perguntou curiosa enquanto ela e Emily enxaguavam os pratos na pia da cozinha.

– Você não o conheceu?

– Não que eu me lembre.

– Bom, não me surpreende. Ele é nosso curandeiro, nosso *hataalii.* – Em abaixou a voz. – Sani costumava ficar fora dos assuntos dos clãs. Talvez seja por isso que nunca o viu quando você ficava conosco em Naabi'aani quando éramos adolescentes. Mas, ultimamente ele tem se metido nos nossos assuntos cada vez mais, desde que... – Ela hesitou. – Desde que o Josh se aproximou dele. O Josh também é parte do clã das Penas. Faz quatro anos que as coisas começaram a mudar e parece ter relação com a

posição especial que o Josh tem dentro da tribo, de acordo com o *hataalii*.

A curiosidade de Hannah se aguçou. – Então, que posição é essa? – Aparentemente o Josh havia passado por mais de uma transformação nos anos de sua ausência.

– Ninguém sabe exatamente. Tudo começou quando Josh voltou de sua jornada da visão. É comum que um jovem consulte os anciões na aldeia depois de voltar de uma jornada, então ninguém achou estranho quando ele procurou o Sani para aconselhá-lo. Mas as pessoas acharam estranho quando ficou claro que ele queria conversar *só* com o Sani e se recusou a falar até com seus avós sobre o que ele viu.

– E agora?

– Agora? Ele é apenas parte da comunidade em Naabi'aani. Mas, ao mesmo tempo, parece que ele está à margem. O Sani fala dele como se devêssemos tratá-lo com mais respeito do que é esperado para um rapaz de dezessete anos de um clã qualquer. Para falar a verdade, estou um pouco surpresa que o Josh continua saindo com o Ben como se nada tivesse mudado.

Hannah olhou para fora da janela da cozinha, distraidamente empilhando os pratos na pia. Ela não sabia o que dizer.

Emily suspirou. – Olha, não é como se o Josh fosse um excluído. Ele ainda é parte de nós, dos nossos clãs, mas ele está... diferente. Às vezes é como se o Sani interferisse muito na vida dele e não permitisse a ele ser um adolescente de dezessete anos.

– Mas eu não percebo nenhuma estranheza entre você e o Josh. Você parece tranquila perto dele.

– Isso porque não estou na reserva agora. Sinto-me livre aqui e o Josh também fica mais relaxado fora de Naabi'aani, apesar de ele ficar tenso às vezes.

Verdade – Josh parecia quilômetros distante quando ela perguntara sobre sua marca de nascença na noite passada. O que tinha sido aquilo?

Emily tossiu. – Entretanto, não deixei de notar que o Josh age diferente perto de você. Não tão relaxado quanto com o Ben. Ele *olha* para você. Tão intensamente.

– Você notou, hein?

Emily sorriu ligeiramente. – Bom, eu não sou cega, muito obrigada. – Ela sorriu maliciosamente para a amiga e colocou uma mão no ombro de Hannah. – Tenha cuidado, está bem? Eu sei como o Josh é. Em um minuto ele deixa as pessoas aproximarem-se e no outro ele as afasta. Não quero que você se machuque.

Naquele momento Ben entrou na cozinha e a conversa de meninas estava acabada. Elas ajudaram Ben a cortar a torta e servir café e chá para os quatro. Quando eles retornaram para fora com as bebidas e bandejas de comida, Josh estava sentado nos degraus da varanda olhando para longe como se sua mente houvesse viajado para um lugar onde ele pudesse sentir os espíritos do passado.

Cinco

Quando Hannah acordou na manhã seguinte a casa estava estranhamente quieta. Quando entrou na cozinha, seu olhar foi para a garagem. O carro de Ben não estava lá então ele provavelmente estava visitando Josh em Naabi'aani hoje. Melhor assim. Ela precisava de um dia de paz e tranquilidade, sem ter de se preocupar com outras pessoas. Especialmente depois de ontem e toda aquela esquisitice com o Josh.

Às onze horas, ela entrou em seu carro e saiu com uma mochila cheia de comidas e bebidas; o suficiente para durar o dia todo. De supetão, decidiu dirigir até Page. A cidadezinha tinha uma biblioteca que ela queria visitar mesmo que não lembrasse exatamente onde ficava. A última vez que ela emprestou um livro lá foi quando tinha quinze anos.

Após estacionar o carro, Hannah caminhou até Church Row, uma rua com lojinhas, restaurantes e várias igrejas antigas. Um sebo de música chamou sua atenção imediatamente. Várias caixas de discos de vinil estavam dispostas embaixo do toldo do lado de fora.

Uau, aquela sombra estava mesmo convidativa. O calor do lado de fora estava causticante, então Hannah deslizou para baixo da cobertura e deu uma olhada na caixa de discos próxima à entrada.

Ela adorava discos de vinil. Um de seus objetos mais queridos em casa era uma vitrola.

Seus olhos passearam pela vitrine da loja. Lá dentro havia mais música à venda. Ela deveria verificar a seleção de CDs a seguir.

De repente, sua respiração falhou. Alguém conhecido estava debruçado na seção de 'A a C'. Era Josh.

Ele ergueu os olhos como se sentisse o peso do olhar dela e Hannah rapidamente abaixou a cabeça. Ela não queria que ele pensasse que ela o estava espionando. Disfarçadamente ela olhou com os olhos semicerrados. Josh ainda olhava em sua direção, em pé no fundo da loja sem acenar ou fazer qualquer movimento para atrair a atenção dela. Hannah não conseguia ver se Ben também estava lá, porém não deveria estar longe. Afinal de contas, Josh e Ben tinham planejado passar o dia juntos.

Por que Josh a encarava assim? Por que ele não vinha para fora e dizia oi? Hannah engoliu em seco e limpou o suor da testa. Ela sentia-se estranha. Segurando na caixa de discos ela tentou manter o equilíbrio. Um zumbido enchia sua cabeça e ela sentia-se cada vez mais zonza.

E repentinamente ela sabia que isso já havia acontecido, sentindo um forte *dejà vu*. Era como se tivesse sentido isso há muito tempo. Essa sensação de ansiar pelo Josh e ao mesmo uma consciência absoluta de separação dele. Ela sentia uma dor aguda e penetrante em seu coração, pois tudo o que ele fez foi observá-la, sem se mover, incapaz de estender a mão e tocá-la.

O que estava acontecendo com ela? Tropeçando para trás, ela remexeu em sua bolsa em busca de uma garrafa de água. Talvez o calor do lado de fora fosse demais para ela. Ela não conseguia se livrar da sensação de que Josh a afastava de alguma maneira.

Bem, não seria ela a quebrar o feitiço entrando na loja e dizendo olá. Se ele não queria falar com ela, tudo bem. Era escolha dele.

Ainda um pouco zonza, Hannah se virou e respirou fundo diversas vezes, sua visão clareando. Era hora de voltar ao seu plano original e visitar a biblioteca. O prédio tinha ar-condicionado, então ela poderia se refrescar e se recompor.

Ela pegou sua mochila e apressou-se até a esquina onde vira um mapa da cidade no ponto de ônibus. Sem olhar para a loja, ela foi até o bulevar South Lake Powell e subiu os largos degraus que levavam à biblioteca. Uma vez lá dentro ela jogou-se no sofá mais próximo que encontrou e abriu sua mochila.

Para sua própria surpresa, ela tirou o caderno e a caneta em vez da garrafa de água. Aquela sensação de *dejà vu* lhe dera uma inspiração repentina. Escrevendo furiosamente, ela anotou uma letra para sua canção. De forma alguma ela teria coragem de cantá-la para Josh, tipo, *nunca*, mas pelo menos ela conseguiu colocar para fora suas emoções confusas.

Hannah guardou o caderno antes de se levantar e caminhar pela biblioteca, vagarosamente se aproximando da seção de religião e espiritualidade. Depois de procurar um pouco, ela selecionou quatro livros sobre a religião Navajo e jornadas de visão. Deixando-se cair no sofá próximo à seção de mitologia, ela colocou a pilha de livros no colo e pegou o caderno novamente.

– Um rapaz retornando de uma jornada de visão por vezes leva objetos materiais ou outras marcas simbólicas passadas a ele por seu guia espiritual – ela murmurou para si mesma olhando a página para mais informações. Josh vira ou passara por alguma experiência durante sua jornada de visão que ele não queria discutir com ninguém exceto Sani. Será que a marca de nascença em forma de urso tinha alguma coisa a ver com isso? Ela estava quase certa de que ele a conseguira após sua jornada. Ele não tinha aquela marca da última vez que ela o encontrara e ele pareceu tão distraído quando ela perguntou a respeito. Tão distante.

Hannah deu um pulo quando seu celular começou a vibrar em sua mochila. Era uma mensagem do Ben. ‘mana! tá em Page tb? acabei de ver seu carro:)’.

Ela olhou para o texto. A mensagem de Ben deixava bem claro que Josh não comentara que ela estivera do lado de fora da loja de música. Então ele obviamente não queria conversar com ela. Caramba, ele nem tentara chamá-la ou ir atrás dela.

Ela derrubou o telefone no colo sentindo-se miserável. Tudo bem, o Josh tinha todo o direito de pensar que ela não estava interessada nele depois do ‘incidente na cozinha’. Mas ele não tinha

o direito de ignorá-la como fazia agora. Por que ele estava agindo assim?

– Quer saber? Que se dane! – ela murmurou desligando o telefone. Nada de se encontrar com o Ben quando o Josh estivesse junto. As coisas já eram complicadas do jeito que estavam. Além do mais, ela tinha uma ótima razão para desligar o telefone – ela estava em uma biblioteca.

Uma voz interrompeu seus pensamentos. – Com licença. Ainda está lendo isso?

Hannah olhou para cima e viu um rapaz de cabelos castanhos parado próximo ao sofá apontando para o livro sobre religião Navajo em cima da mochila dela. Ele parecia ter a idade dela.

– Meio que já terminei – ela respondeu. – Por que? Você quer retirá-lo?

O cara fez uma careta. – Pode-se dizer que sim. Estou buscando esse livro pela biblioteca há horas.

– Oh, me desculpe! Eu só peguei na prateleira para dar uma olhada.

– É, pensei que sim. De acordo com o sistema eletrônico ninguém retirou o livro, então eu sabia que ainda estava no recinto. Minha mais recente ideia de gênio foi procurar por pessoas lendo livros *dentro* da biblioteca.

– Por que você precisa dele?

– Estou escrevendo parte da minha tese sobre a cultura Navajo. – O rapaz estendeu a mão. – A propósito, meu nome é Nick.

– Sou a Hannah. – Ela apertou a mão dele. – Bom, nesse caso você veio ao lugar certo. Page não é longe da reserva.

Nick jogou-se no sofá melancólico. – Você fala como se fosse fácil. Na verdade, não conheço ninguém da Nação Navajo e a maioria dos Navajos não estão assim tão ansiosos para conversar com um cara pálida fazendo todo tipo de pergunta sobre sua cultura e tradições. Então os livros são meus melhores amigos neste momento.

– Talvez eu possa ajudá-lo. Minha melhor amiga mora na reserva. E o melhor amigo do meu irmão também é Navajo. Eu poderia pedir a eles para conversarem com você.

O rosto de Nick iluminou-se como uma lâmpada. – É sério? Você mora em Page? Pode me apresentar a eles?

– Eu não moro aqui. Eu e o Ben estamos na cabana da minha mãe em St. Mary's Port durante o verão. Por que você não aparece no sábado? Estávamos planejando ir até a reserva para um rodeio.

Nick parecia tão ansioso que ela quase esperava um abraço de 'você-é-minha-heroína'. – Isso seria incrível! Estou na casa do meu tio em Page, mas posso pegar o carro dele emprestado e dirigir até St. Mary's. Sem problemas.

Alguém perto deles notadamente pigarreou. Hannah olhou para o lado e viu uma bibliotecária consternada com um olhar fumegante. Eles claramente estavam falando muito alto. – Vamos lá para fora. Acho que nosso entusiasmo está atrapalhando as pessoas.

Nick a seguiu. – Boa ideia. Quero retirar esse aqui. – Ele pegou o livro sobre a religião Navajo e seguiu Hannah até a mesa da bibliotecária. Alguns minutos depois eles estavam do lado de fora caminhando em direção a um banco na sombra.

– Então, por que decidiu escrever sobre os Diné? – Hannah questionou.

– Bem, sou um aluno de história, mas fiz algumas aulas extra de sociologia. Comecei a ler muita coisa sobre o nascimento da nossa nação e sobre como os colonizadores europeus lidaram com os habitantes originais desse país. – Ele mostrou o livro em sua mão. – E eu estava pensando se era possível explicar porque a cultura nativo-americana não conseguiu resistir à dominação branca de um ponto de vista sociológico. Meu tio mora perto da reserva então eu escolhi a história dos Navajo como estudo de caso.

– Ah, tenho certeza de que a Emily e o Josh podem te ajudar com isso. Especialmente Josh. Ele sabe muito de sua própria história, mas não espere um conto objetivo.

– Parece bom. Onde e quando nos encontramos no sábado?

Hannah olhou ao redor. – Por que não conversamos mais um pouco e almoçamos em algum lugar? Eu trouxe meu próprio almoço, mas os sanduíches de pasta de amendoim podem esperar.

Eles levantaram-se e caminharam até a rua principal para encontrar um lugar para comer. Enquanto Hannah folheava o livro sobre a religião Navajo, Nick olhava a lista de músicas no iPod de

Hannah. Ela estava feliz de tê-lo conhecido. Ela sentia-se completamente à vontade perto dele.

– Quer mais alguma coisa para beber? – ela perguntou a Nick que olhava para além dela.

– Quer saber? Tem um cara Navajo parado do outro lado da rua com seus olhos de águia pregados na gente.

Hannah sentiu o coração pular. Ai, caramba. Ela sabia o que viria a seguir.

– Ei, Hannah! – a voz de Ben chamou. Ela se virou e lá estavam seu irmão e Josh vindo na direção deles. – Te liguei e mandei mensagem – continuou Ben quando chegou à mesa deles. – Você não está com seu celular? – Ele sentou-se ao lado de Hannah.

– Estou. Só que desliguei, estava biblioteca.

– Vimos seu carro na rua – disse Josh. – Está em Page faz tempo? – Ele sentou-se ao lado de Nick.

Isso era loucura. Quer dizer então que ele estava fingindo que não a vira na loja de música. – Desde hoje de manhã. E vocês?

– É, nós também.

– Permitam-me me apresentar – Nick apertou a mão de Josh. – Nick Hartnett. Conheci Hannah na biblioteca. Estou trabalhando na minha tese sobre a cultura Navajo. – Ele lançou-se em uma saga completa sobre sua dissertação, falando a Josh tudo sobre a pesquisa que fizera até então, o tempo todo o bombardeando com perguntas. Imediatamente Josh envolveu-se no conto de Nick e nem olhou mais para ninguém.

Já chega! Ela estava de saco cheio. Primeiro ele completamente a ignora na loja de música e agora fingia que ela não existia de novo. Que distante, não?

Ben chamou o garçom para também pedir comida. Ele cutucou Hannah. – Deveríamos chamar o Nick para o nosso churrasco de amanhã. Assim ele e Josh podem conversar mais.

Hannah deu de ombros. – É, pode ser. – Nesse momento ela não tinha vontade nenhuma de participar de *qualquer* atividade envolvendo o Josh. Se dependesse dela, ele podia ficar sozinho com seu amor e seu ódio sem ela se meter no meio das suas mudanças de humor.

Depois do almoço, Nick decidiu voltar à biblioteca e buscar mais informações para sua dissertação.

– Quais são seus planos? – Hannah perguntou a Ben e Josh após pagarem e saírem do restaurante.

– Vamos passar no centro de visitantes para pegar um programa do Filmes no Parque – respondeu Ben. – Sabe, o cinema ao ar livre. Você vem?

– Não. Vou sair da cidade e ir a algum lugar calmo por um tempinho. Sentar e observar a natureza.

Josh levantou os olhos. – Sozinha? – ele perguntou parecendo intrigado.

Como se *ele* se importasse. Ele a deixara sozinha essa manhã também.

– Sim, sozinha. Não posso me abrir para o universo com pessoas ao redor. Chame isso de meditação ou o que quiser.

– Tomem cuidado, a Eremita Maluca está solta! – brincou Ben.

Hannah lhe deu um tapinha. – Olha quem fala... – ela respondeu. – Que seja. Vejo vocês mais tarde.

– Mas – que horas você vai pra casa hoje à noite? – Ben pareceu preocupado de repente.

– Não faço ideia. Não vou ficar olhando no relógio. Essa não é minha ideia de uma tarde relaxante e tranquila.

– Volte antes do anoitecer. – Josh inesperadamente colocou a mão no ombro dela.

– Ah. Tudo bem – ela gaguejou. Então ele se importava com ela no fim das contas. – Vou sim.

Ela deu tchau para os dois rapazes e se virou. Enquanto ela ligava o carro e saía, ainda podia sentir o local em sua pele onde Josh a tocara.

Vinte minutos mais tarde Hannah havia encontrado um lugarzinho belo e calmo na praia do lago Powell. Ela respirou fundo percebendo a beleza e a tranquilidade do lugar. Quanto mais tempo ele ficava sentada à beira do lago, mais se tornava ciente do quanto podia ouvir ao seu redor. A natureza farfalhava e movia-se sem pausa. Um vento suave embaraçava seus cabelos, um passarinho piava em um tronco, as folhas de uma árvore sussurravam com a

brisa. Ela notou um belo besouro azul-escuro rastejando próximo aos seus pés indo em direção à pedra ao seu lado.

Então era isso que os jovens Navajos aprendiam a ouvir durante suas jornadas de visão. Eles iam para áreas desertas sem comida ou água para aprender a entrar em sintonia com a natureza. Eles encontravam plantas comestíveis e aprendiam a ouvir animais a quilômetros de distância.

Talvez por isso Josh parecesse tão maduro – ele estava mais próximo da natureza do que qualquer outra pessoa que ela conhecia e ele parecia muito mais humano por causa disso. Ele era bem diferente dos outros amigos dela.

Hannah fechou os olhos e apoiou a cabeça na pedra atrás de si. Ela tinha planejado passar um tempo sozinha, mas agora que *estava* sozinha, ela não conseguia parar de pensar nas coisas que a aborreciam. Além disso, suas costas doíam de ficar sentada na areia e os mosquitinhos voando ao redor dos arbustos aparentemente decidiram entrar na orelha dela. Sem jornada de visão para ela hoje.

Rabugenta, ela pegou sua mochila da pedra atrás dela e puxou seu livro. Se ela não podia sentar quieta e curtir a vista, poderia ao menos tentar ler alguns capítulos. Hannah jogou um sanduíche empapado na areia para tentar atrair as moscas. Qualquer inseto que se prezasse preferiria manteiga de amendoim à cera de seu ouvido.

Felizmente não demorou muito para ela se entreter com a história. Quando ergueu os olhos novamente, o sol já estava se pondo. Era melhor ir para casa.

Rapidamente ela recolheu suas coisas e subiu o morro que separava a orla da estrada de cascalho que corria paralela ao lago.

De volta ao seu carro ela abriu o porta-malas para pegar um casaquinho e seu olhar foi atraído para a tampa do tanque de combustível. Estava entreaberta. Isso era esquisito. Como poderia estar aberta? E *por quê*?

Hannah bateu o porta-malas e colocou o casaco, inclinando-se para olhar mais de perto a tampa do tanque para verificar se estava quebrada.

Não. Nada de errado. Ela passaria em uma oficina amanhã para verificar, só para ter certeza.

Hannah fechou a tampa do tanque, entrou no carro e virou a chave na ignição. Ela suou frio quando reparou no medidor de combustível no painel.

Estava abaixo da linha vermelha. O barulho do motor também não estava certo.

– Que diabos? – Hannah bateu com os punhos no volante, desligou a ignição e saiu novamente. Ela foi para a lateral do carro e de novo olhou o tanque de combustível. Seus olhos desceram para a estrada de cascalho embaixo do carro.

Havia pegadas ali. E aquilo era líquido derramado? Balançando a cabeça incrédula ela abaixou-se e pegou um pouco de terra. Tinha cheiro de gasolina. Ai, isso não *poderia* estar acontecendo! Alguém tinha roubado seu combustível. Se ela colocasse as mãos no babaca que tinha feito isso...

Xingando baixinho ela sentou-se atrás do volante novamente. O que ela deveria fazer agora? Não havia postos de combustível perto dali. O mais próximo era aquele onde ela encontrou-se com Josh e ela nunca chegaria lá com as gotas de combustível que tinha no tanque.

Com um gemido desesperado ela pegou o telefone e ligou para Ben. Ele tinha de atender. Se ele não ouvisse seu telefone, ela não saberia o que fazer.

Felizmente Ben atendeu no terceiro toque. – Oi, Han! Cadê você?

– Você *não* vai acreditar! Estou perdida em algum lugar perto do lago Powell. Algum idiota esvaziou meu tanque. Roubaram minha gasolina. Não dá pra ir a lugar nenhum.

Ben ficou em silêncio por um momento. – A gente te encontra aí – ele disse. – Onde exatamente você está?

– Perto daquela prainha em que costumávamos fazer piqueniques com a mamãe.

– Estaremos aí em vinte minutos. Vamos pegar um galão de gasolina no caminho.

– Espere, Ben. Não – não desligue ainda. Você pode continuar falando comigo? – Um arrepio percorreu Hannah. O sol tinha quase

ido embora, estava ficando escuro e ela não fazia ideia que tipo de pessoas estavam por lá. Aparentemente, não era qualquer transeunte que ela gostaria de encontrar. Ainda mais seu ladrão de combustível.

– Mana? Estou dirigindo. Vou dar o telefone para o Josh.

Hannah engoliu em seco. – Ei – ela ouviu Josh do outro lado da linha. – Você está bem aí? – Ele parecia preocupado.

– Não muito. Estou sem combustível. Alguém roubou minha gasolina e agora estou ilhada aqui sozinha e está escurecendo. Não sei o que fazer.

– Primeiro de tudo, entre no carro e tranque as portas. E fique ao telefone até eu e o Ben chegarmos.

Hannah fez o que Josh lhe disse.

– Pelo menos você teve uma tarde boa? – ele continuou.

– É, eu fiquei sentada perto do lago para apreciar a vista. Também li por um tempo.

– Bom. Nós pegamos vários folhetos no centro de visitantes e fizemos tacos para o jantar. Aposto que ainda estarão bons quando chegarmos em casa.

Os lábios de Hannah curvaram-se em um sorriso. – Parece bom. Queria estar em casa agora.

– Aposto que sim. Bom, não vamos demorar. Ben está dirigindo como um louco.

Ao fundo Ben soltou uma risada e Hannah sorriu. – Tem certeza que se sente seguro com ele ao volante? – ela disse.

– Claro. Eu dirijo assim também.

– Ah, legal de você me dizer. Nunca vou entrar em um carro com você dirigindo, então.

– Que pena. Eu tinha planejado várias viagens legais para a gente com aquela pilha de folhetos como guia. Você não quer juntar-se a mim?

Ela corou. Sua atitude arisca tinha claramente ido embora. – A propósito – ela mudou de assunto, – estava pensando hoje à tarde sobre aquela escola que você disse que queria fundar na reserva. Como vai fazer isso?

Josh começou a contar-lhe seus planos para uma escola indígena secundária nos arredores de Naabi’aani e Hannah

compartilhou algumas histórias de ‘professora-recém-saída-da-faculdade’ com ele.

– Parece que ensinar não é assim tão fácil – concluiu Josh depois de ouvir uma anedota de Hannah sobre um grupo de calouros que lhe causara pesadelos.

– Ah, você vai se sair bem. Você parece meio severo,

– Claro que sou. Os pupilos vão tremer quando eu entrar na sala de aula.

Hannah virou os olhos. – É, isso parece bem pedagógico.

– Ah, estamos no posto de gasolina por sinal.

– Hum. Ben *realmente* dirige como um louco.

– É, só vai levar um minuto, não tem ninguém aqui. Tudo vai ficar bem. Não se preocupe, ok?

Seu olhar desviou-se para a estrada à sua frente. Ai, caramba. Na escuridão ela podia ver três homens aproximando-se de seu carro. Eles pareciam bêbados. Um deles estava carregando um fardo de cervejas pela metade e os outros dois gritavam um com o outro com vozes trêmulas.

– Droga – Ela não conseguiu deixar de sussurrar ao telefone. – Josh. Tem um bando de caras bêbados andando em minha direção. Eles viram meu carro. – Um dos homens apontava para o seu Datsun naquele instante. – Ah, maldição!

– Suas portas ainda estão travadas?

– Sim – ela estremeceu.

– Então só ignore-os. Eles não podem te incomodar se não conseguirem entrar.

– Acho que sim. – Apesar das palavras dele, seu coração batia em sua garganta.

Nesse meio-tempo um dos homens parou ao lado de sua janela. Ele inclinou-se para olhá-la através do vidro. – Você está bem aí? – ele perguntou.

– É, estou bem – Hannah engoliu em seco. – Meu carro quebrou mas a ajuda está a caminho.

– Quer uma bebida? – o segundo homem perguntou mostrando uma garrafa de cerveja.

– Não, obrigada.

– A gente pode sentar no seu carro um pouquinho? – O cara ao seu lado perguntou com voz aveludada. O terceiro homem jogou-se no capô do Datsun, encarando-a através do para-brisa sem dizer nada. Seu olhar era completamente repugnante.

– Não acho que seja uma boa ideia – Sua voz estava ficando trêmula. – Não conheço vocês e estou sozinha. Sem querer ofender.

Seus olhos dispararam de um homem a outro. A maneira como se moviam era estranha. Era como se seus corpos respondessem uns aos outros, lembrando-a de um documentário que ela assistira recentemente sobre lobos e seu comportamento em grupo. Seus braços arrepiaram-se.

– Qual é, não seja uma estraga-prazeres. – O homem do outro lado da sua porta puxou a maçaneta e descobriu que o carro estava trancado. Ele puxou novamente com violência algumas vezes. O som ecoou nos ouvidos de Hannah como se viesse de longe.

Ai, meu Deus, ela tinha de fazer alguma coisa antes que isso saísse do controle. Diga alguma coisa. Assuste-os.

– Mantenha suas patas imundas longe do meu carro! – ela berrou, da maneira mais maldosa que conseguiu. – Acabei de falar para ficar longe do meu carro. Você é surdo? – Ela encarou o cara com um olhar irritado. Ele nem era muito mais velho que seus alunos. Ela também conseguia fazer isso fora da sala de aula. Deixar claro quais eram seus limites.

O cara no capô do carro se arrastou para mais perto e bateu com um dedo no vidro olhando para ela maliciosamente. – Talvez você seja cega – ele respondeu. – Nós somos três e você, só uma. Você acha mesmo que não podemos forçá-la a sair se quisermos?

Um arrepio desceu por suas costas. Sua mão direita alcançou o porta-luvas e encontrou a arma descarregada que ela mantinha ali para emergências. – Só para garantir – sua mãe disse quando Hannah tirou a carteira de motorista. Ela não era a maior apreciadora de armas, mas neste momento ela agradeceu a sua mãe silenciosamente.

– Tudo bem. – Ela apontou a arma para o homem no capô. – Tente forçar a porta. Vamos ver quão longe chega depois disso.

Eles a olharam com olhos arregalados. O cara à sua frente escorregou do capô. – Venham, vamos embora. Essa mina é pirada

– ele murmurou e chutou o pneu da frente com olhar fulminante. – Tenha uma boa vida.

Hannah os seguiu com os olhos até que tivessem desaparecido na escuridão. Ela respirou fundo, trêmula. Seu coração batia loucamente.

– Hannah? – Uma voz débil apareceu no banco do passageiro. – Você ainda está aí?

Ela agarrou o telefone. – É, ainda estou aqui – ela respondeu baixinho.

– Se *algum dia* eu colocar as mãos naqueles babacas... – A voz dele tremeu. – Eles já foram?

– Já.

– Estamos quase aí, mana – ela ouviu Bem gritando ao fundo. – Aguenta só mais um pouquinho.

Hannah abaixou a arma. O cabo estava todo suado em sua mão. – Tenho de ir. Minha bateria está quase acabando.

– Tudo bem.

– E Josh? – Ela suspirou. – Obrigada por sua ajuda.

Ela desligou logo antes da bateria acabar, fraquejando em seu assento. Após cinco minutos, os faróis do carro de Ben apareceram em seu retrovisor. Hannah destravou a porta e cambaleou para fora. Ben estacionou ao lado do Datsun e ele e Josh saíram do carro. Ben se aproximou primeiro dando-lhe um abraço apertado.

– Ei – ele sussurrou no ouvido dela. – Que noite, hein?

Agora que estava em segurança, Hannah começou a tremer incontrolavelmente. Ela podia sentir Josh passando a mão em suas costas para acalmá-la. Por um tempo os três ficaram ali, em pé. Ben foi o primeiro a se afastar do abraço em grupo para pegar o galão de gasolina. – Vamos alimentar seu carro, tudo bem?

Hannah se virou para encarar Josh. – Obrigada pela motivação ao telefone. Não sei o que teria feito sem meu suporte telefônico.

Josh sorriu. – Tenho certeza que teria sido corajosa mesmo assim. – Ele notou como ela esfregava as mãos uma na outra e as pegou nas suas. – Está com frio?

– É. Estresse, eu acho. – As mãos dela esquentaram-se nas dele. Hannah olhou para Ben, percebendo a espiada que ele deu

nas mãos dela seguras nas mãos de Josh. Ela suspirou. – Deus, estou *exausta*.

– Você deveria se sentar. – Josh a levou em direção ao banco do passageiro do Datsun.

– Mas – eu tenho que dirigir.

Josh fez que não. – Não, eu vou dirigir. Você está muito abalada. – Ele a ajudou a se sentar, mas não soltou suas mãos. – Vou dirigir com cautela. – Ele acrescentou com um sorrisinho. – Confie em mim.

– Eu confio em você. – Hannah fechou os olhos.

– Acabou de encher o tanque? – Josh perguntou a Ben.

– Sim, tudo certo. Você vai dirigir o carro de Hannah?

Ben fechou a porta de seu carro e ligou o motor. Josh sentou-se ao lado dela e virou a chave na ignição. Ela fechou os olhos de novo enquanto eles dirigiam para fora dali sentindo seu corpo todo relaxar.

– Só descanse – ele disse. – Mas você vai ter que acordar para os tacos quando chegarmos em casa.

– Hum. – Ela cochilou pensando em como se sentira quando ele segurou suas mãos. Josh era seis anos mais novo que ela, mas de alguma forma ela sentia-se inexplicavelmente segura com ele. Porém, ela não tinha certeza que queria se sentir assim em relação a ele. A diferença de idade não a incomodava tanto, mas suas mudanças de humor sim. E ainda tinha o fato de que Emily a avisara que ele afasta as pessoas.

Hannah caiu em sono profundo. Ela não notou quando o carro estacionou. Ela não acordou quando Josh a levantou e carregou para dentro, e Ben a colocou na cama.

Naquela noite ela sonhou com a aldeia em chamas pela primeira vez.

Seis

Nuvens de fumaça amontoavam-se acima dos *hoghans* primitivos na aldeia. Hannah ofegou. Ela estava fugindo de um grupo de soldados que pareciam mexicanos. Apesar de nunca ter visto

soldados vestidos assim, ela instintivamente sabia que eles eram do México e não tinham boas intenções.

– Corram! – ela gritou para as pessoas que encontrou em seu caminho pela aldeia. À sua frente, ela viu *hoghans* em chamas e índios Navajo tentando apagar o fogo com baldes de água. Hannah sabia que estava procurando por alguém. Alguém muito importante para ela. Ela esbarrou em aldeões que fugiam e tropeçou em seus próprios pés, arranhando os joelhos quando caiu. Ela tentou freneticamente ficar fora das vistas dos soldados mexicanos na praça central da vila se escondendo por trás de alguns arbustos espinhentos.

E então seus olhos focaram em uma figura correndo através da praça. Ele chegou mais perto e a notou, mas desviou o olhar para não chamar a atenção dos soldados para a presença dela. Hannah olhou confusa. Aquele homem que tentava protegê-la era o homem que ela buscava. E era *Josh.*

Ele parecia mais velho, com uns trinta anos, mas definitivamente era ele. Ele usava roupas tradicionais e carregava um arco que agora erguia, puxava a corda e soltava uma flecha em direção aos soldados que se aproximavam.

Atrás dele um *hoghan* despencou sob seu próprio peso e cuspiu chamas e fumaça aos céus. Hannah tossiu e seus olhos começaram a marejar.

E então ela acordou de um salto, surpresa com o barulho de seu telefone. Alguém deve tê-lo colocado para carregar. Hannah abriu os olhos e sacudiu o braço esquerdo para pegá-lo da mesinha de cabeceira.

– Ei, Nick – ela respondeu com voz sonolenta após olhar a tela. – Como vai a vida?

– Maravilhosa. Mas você não parece estar no mundo dos vivos.

– Você me acordou – Hannah gemeu. – Me desculpe. Era para eu ter te mandado uma mensagem ontem, mas esqueci.

– Que horas vamos nos encontrar?

– O Josh e a Emily vão estar aqui lá pelas cinco. Então se quer conversar com ele sobre a sua tese...

– Ótimo! Estarei aí. Qual o nome da sua rua?

– Não tem nome. Assim que chegar a St. Mary's Port apenas siga as placas que dizem 'Parque das Cabanas de Madeira' e vai chegar aqui.

– Tudo bem. Te vejo mais tarde, então. Desculpe te acordar.

– Sem problemas. Tchau.

Hannah jogou seu telefone de volta na mesinha de cabeceira e se espreguiçou olhando para o teto. Aquele sonho. Fora tão bizarro, mas ao mesmo tempo tão real. Ela ainda podia sentir o cheiro de madeira queimando e ouvir os gritos dos aldeões. Ela nunca sonhara em espanhol antes. Ela foi capaz de entender aqueles soldados apesar de terem um sotaque estranho. Em um instante ela lembrou do Josh do seu sonho. Mais velho, com um corpo mais gasto e mais muscular e uma atitude alerta que o fazia parecer um guerreiro nato. E mesmo assim seus olhos eram os mesmos quando olhava para ela. Tão intensos e gentis.

Hannah sentiu um calafrio apesar do calor. Sonhar com o Josh não era tão estranho – afinal de contas ela andava pensando muito nele ultimamente –, mas sonhar desse jeito era. Parecia uma lembrança do passado.

– Ei. – Ben chamou do outro lado da porta. – Está acordada?

– Não, estava falando ao telefone dormindo.

Ben abriu a porta com um sorriso atrevido. – Cínica como sempre. Então como se sente, Bela Adormecida?

Hannah bocejou. – Eu dormi bem. Desculpe perder o jantar. – Ela convenientemente esqueceu-se de mencionar seu sonho. Ela não ia *mesmo* confessar para o Ben e admitir que ela tinha sonhado com o melhor amigo dele fazendo o papel de protetor dela num cenário pré-Guerra Civil. Ele ia achar que ela estava ficando louca. Se ela algum dia fora sã. Ela gemeu e levantou-se da cama.

– Que tal uns tacos para o café da manhã, então? – Ben apontou para o prato na mesa da cozinha. – Guardei dois vegetarianos para você.

– Maravilha – Hannah sorriu para seu irmão e sentou-se à mesa.

– Ivy disse que elas virão às quatro – disse Ben. – E o Nick? O que ele disse quando você ligou para ele dormindo?

– Ah, ele vai estar aqui às cinco. Vamos sair e comprar uns mantimentos antes de eles aparecerem. Não temos comida suficiente para alimentar todos os nossos convidados.

– A Amber e a Ivy prometeram trazer bebidas para todos. O Josh vai trazer alguns hambúrgueres e eu disse que a gente compraria sorvete e umas coisas para fazer uma salada. A gente vai colher frutinhas outra hora.

– Parece bom. – Hannah deu uma mordida em um dos tacos e terminou de comer rapidinho. Ela estava mesmo com fome.

Depois de devorar seu café da manhã, eles entraram no velho Chevy conversível de Ben com a capota levantada. Enquanto Ben dava partida no motor, Hannah deu um murro leve na lateral do rádio o que fez com que ele ressuscitasse após alguns segundos. Estava sintonizado em uma rádio que tocava música *country*.

– Legal. Você ainda sabe como o meu rádio funciona. – Ben riu. Ele era conhecido por nunca jogar nada fora até que virasse pó em suas mãos. O rádio do seu carro era tão velho que precisava de tratamento especial.

Com Johnny Cash murmurando nos alto-falantes, Hannah afundou no banco do carro e observou desatenta o deserto marrom-avermelhado e o profundo céu azul acima. O dia seria quente. Um calor escaldante já subia da rua asfaltada na frente deles.

Um arrepio frio desceu por sua espinha quando Hannah lembrou-se dos eventos da noite anterior. Ela não podia acreditar que ameaçou pessoas com uma arma, mesmo que não estivesse carregada.

– Tá legal, mana? – Ben interrompeu seus pensamentos. – Você está tão quieta.

– Ainda pensando na noite passada. Me incomoda que eu me livrei daqueles caras mostrando uma arma.

Ben arregalou os olhos. – *O quê*? Eu nem sabia que você tinha uma arma!

– Eu disse a eles que não estava interessada em sua companhia, mas um deles basicamente me disse que eles iam forçar as portas se eu não as destrancasse.

Os olhos de Ben encheram-se de raiva. – Que bando de sacanas!

– É, foi aí que eu lembrei da arma descarregada no meu porta-luvas. A mamãe meu deu para que eu pudesse me defender se alguma coisa acontecesse comigo. Acho que eu deveria ter comprado munição, mas nunca comprei.

Ben balançou a cabeça e sua boca se firmou em uma linha fina. – Quer saber? Acho que a gente deveria ir à delegacia de polícia. Você tem que prestar queixa. Vai saber se aqueles esquisitões não estão seguindo e incomodando outras garotas também.

Hannah ficou em silêncio por um momento e depois fez que sim. – Vamos. Eu preferiria esquecer o negócio todo o mais rápido possível, mas não quero aqueles caras incomodando outras mulheres.

Quando chegaram a Page, Ben estacionou o carro na praça em frente à delegacia de polícia. Ele seguiu Hannah quando ela entrou. – Onde posso fazer um boletim de ocorrência de assédio? – Ben perguntou ao policial de meia-idade que os cumprimentou quando entraram.

– Por favor, sigam-me. – O homem os acompanhou até uma das salas de interrogatório e sentou-se à mesa, puxando o teclado do computador em sua direção. – Meu nome é Graham Curry. Vou registrar a ocorrência para você.

Hannah começou a contar sua história. Lentamente ela bebeu o café que outro policial levou para ela e descreveu em detalhes os caras que a ameaçaram e assediaram.

– Tudo bem se eu for ao supermercado? – Ben sussurrou enquanto o policial Curry estava ocupado digitando o boletim. – Te vejo lá fora quando tiver terminado, tudo bem?

Hannah concordou com a cabeça rapidamente e terminou sua descrição para o policial. Ela também mencionou Josh em seu relato, já que ele tinha ouvido as vozes dos rapazes pelo telefone. Ele era o mais próximo de uma testemunha que ela tinha. Quando saiu da delegacia e dirigiu-se até o Chevy, ela se perguntou se Josh tinha um telefone celular ou uma linha fixa em casa. O policial Curry pedira a ela o contato dele, mas ela só sabia que o sobrenome do Josh era Benally e que ele morava em Naabi’aani.

– O Josh tem celular? – ela questionou quando Ben retornou com as compras e ambos sentaram-se no carro.

Ben balançou a cabeça. – Não. Por quê? Quer ligar para ele?

– Não disse Hannah apressadamente.

Ben a olhou com o canto do olho e deu um sorriso atrevido. – Claro que quer.

Ela corou. – Pare de me provocar. Só estava pensando nisso porque aquele policial queria o número do Josh. Eu o mencionei no boletim de ocorrência.

– Não. Josh não tem telefone. Ele não vê necessidade. Não tem sinal em Naabi'aani metade do tempo, então eu o entendo. O tio e a tia dele têm uma linha fixa, então se precisam falar com ele, podem ligar para lá.

– Não acho que vão precisar. – Hannah puxou a barra do vestido distraída. Na verdade, ela adoraria conversar um pouco com o Josh, mas ela o veria esta noite e ela esperaria até então para descobrir se ele estaria amigável – ou distante.

Naquela tarde, Hannah relaxou sozinha na praia enquanto Ben estava na cabana com a cara enfiada nos livros para estudar para as provas substitutivas depois das férias. Infelizmente ela esquecera de passar protetor solar na parte de trás dos joelhos, então quando se levantou de sua toalha para ir para casa, ela não conseguia nem ficar em pé direito. Sua pele se esticava e causava uma dor aguda. Que sortuda!

Quando Hannah finalmente chegou à cabana e cambaleou em agonia pelos degraus da varanda, Ben ergueu as sobrancelhas. – Que diabos aconteceu com você? Alguém roubou sua cadeira de rodas na praia?

Hannah o encarou carrancuda. – *Não* tem graça. As costas dos meus joelhos estão queimadas de sol. Mal posso andar. – Ela sorriu para as duas garotas vizinhas sentadas ao lado de Ben no banco. – Oi para vocês.

– Você devia colocar umas ervas aí. – Sugeriu Amber. – Misturadas com iogurte.

Ivy riu. – Ouça a bruxa. Uma poção para cada ocasião.

Amber a cutucou. – Continue me zombando e eu te transformo em sapo.

Ben se levantou. – Tudo bem, meninas, vamos até o lago pegar alguns peixes.

– Eu não. – Protestou Hannah. – Sou uma inválida e, a propósito, Nick vai chegar aqui às cinco. Ficarei aqui e serei o comitê de boas-vindas.

– Claro. Vá se cuidar. Tem um pouco de loção pós sol no banheiro.

Depois que o carro de Ben sumira pelo caminho de cascalho em direção ao lago Powell, Hannah levantou-se, tomou um banho e passou um pouco da loção em suas pernas queimadas. Assim que foi para a cozinha, ouviu o motor de um carro lá fora. Parecia que Nick já tinha chegado. Hannah pegou seu violão na sala e foi lá fora cumprimentar seu novo amigo.

Em vez disso, ela encontrou-se frente a frente com Josh que saía de seu carro estacionado ao lado da cabana.

– Oh. Oi. – Ela engoliu em seco e o observou levantar duas sacolas pesadas do banco traseiro. – Você está... adiantado.

– Ei, não fique tão surpresa. – Josh subiu os degraus. – Sei que pontualidade não é o meu forte, já que sou índio e tal, mas, realmente, não precisa jogar na minha cara. – Ele sorriu e desapareceu cozinha adentro para colocar os hambúrgueres na geladeira.

Hannah soltou o ar que estava segurando. Isso era esquisito com ‘E’ maiúsculo. Não havia passado por sua cabeça que o Josh pudesse chegar primeiro. Agora ela ficaria sozinha com ele até o Nick e a Emily chegarem e ela sentia-se nervosa com isso. O que era bobagem. Essa era a oportunidade perfeita para discutir aquele quase-beijo quando ela acidentalmente, bem, o *rejeitou*.

Ou talvez ela devesse ficar calada em relação a isso. O Josh era só um cara normal de dezessete anos aprendendo as coisas e flertando com ela antes de partir para uma namorada em potencial da idade dele.

– E então, como se sente? – ele perguntou.

Ela se virou e inadvertidamente sorriu quando ele gentilmente colocou a mão em seu ombro. – Melhor. A propósito, Ben me fez ir à delegacia e fazer um boletim de ocorrência.

– Posso imaginar.

– Ah, eu mencionei você no boletim. Você é o único que ouviu aqueles caras falarem.

– Claro. Se eu puder falar ou testemunhar contra eles, me avise. Espero que eles sejam presos.

– Eu também. Eles só foram embora porque eu os ameacei com uma arma.

Josh franziu a testa. – Você tem uma arma?

Hannah fez que sim com a cabeça cautelosamente. – Porém, está descarregada.

– Então foi por isso que eles decidiram te deixar em paz de repente. – Ele disse gravemente.

– Eu realmente não gosto de armas. – Hannah olhou para suas mãos sentindo como se Josh a estivesse criticando.

– Ei. Eu sei. Não foi culpa sua.

Ela levantou os olhos e por um instante viu o rosto dele como havia sido em seu sonho na noite anterior – mais velho, mais sábio e completamente focado nela. Ela olhou dentro dos seus olhos escuros e ouviu pessoas gritando em espanhol, sentindo o cheiro do fogo do seu pesadelo.

– Você quer beber alguma coisa? – ela quebrou o silêncio.

Josh piscou chacoalhando a cabeça como se também estivesse perdido em pensamentos. – Tá, claro. Vou tomar uma Coca. – Ele sorriu para ela e pegou uma lata da mesa.

Hannah sentou-se no chão da varanda com as pernas cruzadas e observou Josh tomar um longo gole sentando-se nos degraus com as costas apoiadas no corrimão. Distraidamente ela dedilhou a primeira corda do violão que ela colocara no colo, dando uma afinada. Quando levantou o rosto, ela pegou Josh olhando suas mãos tocando nas cordas. Seu olhar se ergueu e ele olhou nos olhos dela. Hannah mordeu o lábio. A única coisa que ouvia era o vento nas árvores e seu próprio coração acelerado.

Ela interrompeu o contato visual e olhou para as mãos. E, de repente, ela estava tocando sua própria canção. Ela *queria* tocar essa canção somente para ele.

A única coisa em que Hannah se concentrou foi em controlar sua respiração e se livrar do aperto em sua garganta. Quando finalmente começou a cantar, ela, de alguma forma, se lembrou de cada palavra da letra que escrevera ontem.

Olhe para mim

Procure por mim
Oh, me abrace
Segure-me com força.
Caminhei pelas eras
Vaguei pela terra
Cruzei o espaço e o tempo
Por sua canção.
Esperei
Estou esperando
Esperarei por você;
Por mil e um verões.

Quando o último acorde ressoou, Hannah levantou os olhos e encontrou os de Josh. Ele a encarava tão intensamente que seu cérebro parou de funcionar.

Josh colocou sua bebida no chão, ficou de joelhos e debruçou-se sobre ela, colocando uma mão na dela – a mão que tinha tocado as cordas – e usando a outra mão para afastar uma mecha de cabelo do rosto dela. Aí, ele pressionou seus lábios na bochecha dela. Aquilo parecia tão afetuoso, tão familiar e ao mesmo tempo novo em folha.

Quando Josh se afastou dela, ele finalmente quebrou o silêncio. – Essa foi a canção mais bela que já ouvi – ele disse com sinceridade.

Um suspiro trêmulo escapou dos lábios dela. – Obrigada – ela sussurrou corando.

Ele sorriu ligeiramente. – Não me agradeça. Eu deveria agradecer *você* por tê-la cantado para mim.

Hannah olhou para baixo para o braço do violão. Seu coração dançava em seu peito. Ela cantou sua nova canção somente para o Josh! Se apenas ele soubesse que ela escrevera a letra pensando nele.

Josh ficou em pé olhando para a estrada. – Aquele é o Nick? – Ele inclinou a cabeça na direção de um velho jipe verde dobrando a esquina.

Hannah colocou o violão de lado e levantou-se também. – É, acho que é ele – ela disse quando avistou um rapaz de cabelos castanhos usando óculos escuros estilo aviador sentado ao volante.

– Me faz um favor – disse Josh em tom sério. – Por gentileza, pare de ser insegura em relação a sua música. Você não precisa ser assim.

– O-ok. – Ela gaguejou um pouco comovida.

– Bom. – Ele colocou a mão no braço dela por um momento antes de descer os degraus e pegar as chaves para mudar o carro de lugar e abrir um espaço para o jipe de Nick.

Enquanto os dois rapazes sentavam-se à mesa para dar uma olhada nas anotações de Nick, Hannah se instalou nos degraus da varanda com um livro. Porém, ela não leu uma única palavra – tudo o que fez foi ouvir o timbre caloroso da voz de Josh ao contar a Nick sobre a história de seu povo. O beijo que ele deu em sua bochecha repetia-se na mente dela. Quando Emily chegou à cabana, Hannah ficou contente de poder dar uma volta e colocar as coisas para fora.

– Ei, Em – ela disse colocando o livro de lado. – Onde está seu carro?

– Em casa. Meu pai me deu uma carona hoje de manhã. Posso voltar com o Josh mais tarde. – Ela acenou para ele depois olhou para Nick. – Quem é aquele?

– Venha, vamos dar uma volta. – Hannah direcionou sua amiga para longe da cabana antes que ela começasse uma conversa interminável com o Nick. Haveria muito tempo para isso mais tarde e nesse momento ela só queria se afastar um pouco.

Emily gargalhou e a seguiu obediente. – Claro. A gente vai falar sobre, hum, *alguém*? É por isso que está me levando para longe?

Elas caminharam pela estradinha de cascalho em direção à praia. Hannah ficou em silêncio.

– Então. Você está com uma cara – sonhadora. – Emily arriscou após um minuto.

– Hã?

Sua amiga riu. – Não aja como inocente. Você gosta mesmo do Josh, não é?

Hannah entregou os pontos. – É. Eu gosto. – Ela sorriu frouxamente. – Acabei de tocar minha música nova para o Josh. A sós.

– Uau! O que ele achou?

– Ele disse que nunca tinha ouvido uma canção mais bela. E isso significa muito vindo de alguém com tanto talento.

Emily sorriu. – Fico feliz em saber que ele é tão carinhoso com você. É óbvio que ele se sente próximo de você.

– Não me importaria se ele chegasse mais perto.

– Oh, que vadia!

Hannah riu. – Cala a *boca*!

Elas caminharam além do deque do *The Winking Shrimp*. Os olhos de Hannah foram para o píer onde Josh estivera com Ben há alguns dias, quase provocando-lhe um ataque cardíaco com seu reaparecimento repentino depois do encontro deles no posto de gasolina. Na última vez que esteve aqui, ela era uma aluna do colegial e Josh ainda era um menino. Na reserva ele sempre a chamava de *sha'di* – a palavra Navajo para irmã mais velha. Josh chamava Ben de *shik'is*, seu irmão e amigo. Na cultura Diné, era comum evitar o uso dos nomes das pessoas em sua presença por respeito. Os membros da família eram chamados por seus títulos, pois esses relacionamentos são importantes. Até o nome 'Josh' era um apelido baseado em seu verdadeiro nome de guerra Navajo. Era um nome para ser usado pelos brancos. Uma vez Josh disse a ela e Ben seu verdadeiro nome, mas ela esquecera.

– Qual é o nome verdadeiro do Josh mesmo? – Hannah perguntou-se em voz alta.

– *Shash*. – Respondeu Emily. – Significa 'urso' em nossa língua.

Hannah piscou. – Quer dizer, o animal?

Então seu nome se referia à estranha marca de nascença no peito dele? Isso era estranho. É claro que se *realmente* fosse uma marca de nascença não seria tão estranho – seus avós podiam ter lhe dado o nome por causa da marca, mas isso não era possível. Algo inexplicável deve ter acontecido durante sua jornada. Mas o que seria?

As duas garotas sentaram-se à beira d'água. Hannah observou a praia onde um grupo de rapazes estava sentado ao redor de uma fogueira assando *marshmallows*. Apesar de os três não se parecerem com os rapazes bêbados da noite passada, eles a

faziam lembrar-se deles. De alguma forma, sua presença provocava a mesma *sensação*. Ela tremeu.

Emily seguiu seu olhar. – O que foi? Você parece distraída. –

– Eu fui assediada por uns caras ontem à noite. – Hannah disse baixinho.

– O que, sério? Aqueles caras ali?

– Não. Eu só... eles meio que me fizeram lembrar da situação. – Ela rapidamente contou a Emily o que acontecera. Ela não queria ficar remoendo muito aquilo. Só de pensar fazia seu bom humor se esvair.

– Foi uma boa ideia prestar queixa – disse Emily. – Espero que eles sejam presos. Você tem sorte de nada ter acontecido.

Nada acontecera, mas mesmo assim ela sentia um medo irracional de pessoas que nada tinham a ver com seus agressores. Talvez seu medo a tenha feito sonhar aqueles acontecimentos estranhos na noite passada. Era uma explicação tão boa quanto qualquer outra.

Quando as duas garotas retornaram à casa, Nick estava digitando no *laptop* de Ben enquanto Josh atiçava os carvões na churrasqueira.

– Curtiu o passeio? – perguntou Josh quando Hannah foi até ele.

– Curti. Curtiu a entrevista do Nick? – Ela olhou para Nick que estava digitando e batendo papo com Emily ao mesmo tempo. – Ele ainda está processando as informações?

– Ele pegou emprestado o *laptop* do Ben para fazer anotações mais rápido. – Josh limpou o suor da testa. Hannah riu quando ele deixou uma mancha preta de fuligem acima da sobrancelha.

– Que foi? – ele perguntou com um leve sorriso nos lábios.

– Vai pra guerra? – ela zombou, rindo mais quando viu perplexidade em seus olhos.

– Você fala em charadas – ele disse com um sorriso.

– Você tem uma pintura de guerra na testa. – Hannah levantou a mão e esfregou a mancha preta, tentando tirá-la da pele dele.

Josh chegou mais perto. – Onde? – disse ele, levantando a mão para a testa. Os dedos dele tocaram os dela e ele a olhou de

perto.

– Isso – aí – ela gaguejou.

– Saiu? – ele balbuciou.

– Sim.

– Ainda pareço um idiota? – ele olhou para ela com um brilho nos olhos.

– Não. – Hannah se perguntou quando exatamente seu vocabulário havia se tornado monossilábico. Ela o encarou enquanto o silêncio entre eles se alongava.

– Josh, poderia vir aqui um minuto? – Emily chamou. Ela ainda ajudava Nick com suas anotações.

– Sim. – Abruptamente Josh deu a volta e subiu os degraus. Hannah indiferentemente remexeu os carvões na churrasqueira com uma pinça de churrasco tentando respirar normalmente. Ele a deixava completamente *louca*. Essa situação a deixava louca.

Enquanto colocava os primeiros hambúrgueres na grelha, Hannah procurou por estrelas no céu. Estava anoitecendo. A leste uma pálida lua crescente surgiu no firmamento sem nuvens.

– Aposto que veremos muitas estrelas essa noite. – Ela disse esperançosa a Josh que acabara de colocar algumas garrafas de molho na mesa ao lado da churrasqueira.

– Você gosta de olhar as estrelas, certo?

Hannah assentiu. – Quando eu era criança, eu conseguia encontrar todas as constelações no céu noturno. Eu sabia os nomes também.

– Eu também. Porém os Diné não têm as mesmas constelações. Quer que eu te ensine algumas?

– Claro! – Por ela, Josh poderia ensiná-la a somar e subtrair. Contanto que não estivesse distante ou fosse frio com ela. Até agora o dia tinha sido ótimo nesse aspecto.

Às seis horas, Ben e as vizinhas orgulhosamente carregaram um balde cheio de peixes para o churrasco.

– Eu os limpo em um instante. – Ofereceu-se Josh quando Ivy e Amber entregaram-lhe a pesca do dia. Eles todos apertaram-se as mãos e se apresentaram.

– Oi, sou Emily Begay. A Hannah me disse que você vai estudar medicina natural. – Emily disse a Amber. – Eu acabei de

concluir os estudos, na verdade!

Em poucos minutos Amber e Emily estavam imersas em uma conversa sobre as ervas medicinais usadas pelos Diné na reserva. Nick colocou o *laptop* de Ben de lado e ajudou a preparar a comida.

Quando o céu estava ficando bem escuro, todos sentaram-se no gramado em frente à cabana para saborear a truta grelhada. Enquanto isso, Ben tocava uns clássicos no violão de Hannah.

– Que tipo de comida devemos levar para o rodeio amanhã? – questionou Nick quando todos sentavam-se ao redor da fogueira após o jantar.

– Qualquer coisa menos álcool – disse Josh.

– É tabu na sua cultura? – perguntou Ivy.

Josh fez que sim. – É proibido oficialmente na Nação Navajo. Na reserva eles chamam de *tó tsi'naa'iiáhi* – a água que leva a mente à loucura. Eu fico longe do álcool o máximo que posso – ele disse enfático.

– Você tem experiências ruins com o álcool? – perguntou Amber percebendo o tom de voz dele.

Josh hesitou. – Eu vi um parente próximo lentamente ir à ruína por causa do negócio – disse ele finalmente com uma voz apertada.

Hannah franziu a testa. De quem Josh falava? Ela conhecia todos os membros da sua família mais próxima e eles definitivamente não eram alcoólatras.

Ben lançou ao amigo um olhar igualmente confuso. – De quem você está falando?

O círculo de amigos ao redor da fogueira ficou em silêncio, e, nesse silêncio, Josh deu de ombros de maneira evasiva. – Não importa. – Ele balbuciou com uma expressão resguardada no rosto. – Vocês não o conhecem.

Ben decidiu esquecer o assunto. Ele desviou o olhar e começou a contar a Nick sobre o rodeio do ano passado em Naabi'aani, claramente tentando ignorar o estanho comentário de Josh.

Quando o calor do fogo se tornou insuportável para ela, Hannah debruçou-se para trás apoiando-se nos cotovelos para se refrescar. Josh fez o mesmo ao seu lado e olhou para ela interrogativamente. – Cansada?

– Um pouco. – Ela sentia-se letárgica por ter ficado perto do fogo por tanto tempo e o encarou nos olhos de perto; os dois quebraram o círculo ao redor das chamas.

– Cansada demais para observar as estrelas? – continuou ele.

– Nunca estou cansada demais para isso.

Josh olhou para cima. – Não conseguimos ver nada daqui.

Hannah parou. – Não – ela admitiu.

– Venha – ele sussurrou e ficou em pé.

O coração de Hannah começou a martelar em seu peito. Ela também se levantou desajeitada e fez uma careta. A parte de trás de seus joelhos ainda ardia bastante. Dando alguns passos hesitantes ela seguiu Josh cambaleante para a lateral da cabana.

– Você está bem? – perguntou ele.

Depois do clarão da fogueira, seus olhos tiveram de se ajustar à escuridão da noite de verão. Hannah conseguia ver apenas o contorno da cabeça e ombros de Josh.

– É – ela respondeu. – É que eu gosto de andar como um chimpanzé. É muito charmoso.

Ele riu e dobrou o pescoço para olhar para o céu. Ela seguiu seu olhar.

– Sabe, quando eu era pequena, eu costumava olhar para o céu e procurar a morada dos anjos. – Ela disse suavemente. – Eu realmente achava que Deus estava em algum lugar em meio às estrelas.

– E agora?

Ela parou. – Quer dizer, porque eu observo o céu agora?

– Não. Onde você acha que Deus está. – Por algum motivo a pergunta não parecia esquisita ou pomposa vindo dele. Ele só parecia interessado.

– Bem – eu acho que Deus está em todos os lugares. Mas as pessoas não se abrem para a Sua presença no dia a dia. Elas se fecham.

Josh não disse nada. Ele só passou um braço pelos ombros dela e ficou um pouco mais perto.

– Você acha? – ele perguntou. – É isso o que você faz também? Se fecha?

Ela balançou a cabeça. – Não, não me fecho. Mas acho que a maioria das pessoas brancas caminha pela terra como se fosse um território hostil. Eles têm esse ímpeto de tomar o controle e derrotar a natureza. Então eles tiram Deus da equação, do mundo, colocam-no acima. E seu povo vê Deus em tudo. Por isso a terra é a casa deles. Eu acho. – Ela respirou fundo. Fim da ladainha filosófica. Ela o confundira agora?

– Você tem razão. Nós respeitamos profundamente a terra e somos parte dela. – Josh virou o rosto para ela. – Você vê as diferenças entre nossas culturas tão claramente – ele disse baixinho. De alguma maneira ele parecia mais sábio do que sua idade e por um instante pareceu que ele falava com ela como se fosse mais velho. De repente, Hannah viu o rosto dele, mais velho do que já vira na vida real – o rosto de seu sonho da noite passada. Ela não conseguia tirar a imagem da cabeça.

– Hum, você disse que iria mostrar algumas constelações Navajo para mim – ela disse quando ele olhou para o céu e ficou em silêncio.

Josh mostrou com a cabeça a Ursa Maior. – *Náhookos Bika'ii*. A figura paterna protetora do nosso céu noturno. – Ele virou a cabeça um pouquinho e indicou a Cassiopeia. – E essa é a mãe de todas as estrelas, *Náhookos Bi'áadii*.

Hannah absorveu tudo. Era uma pena que ela não podia contar a Josh a mitologia por trás das constelações que ela conhecia, mesmo sabendo de cor o nome de todas. Não havia pais nem mães no firmamento dela.

– Você é próximo dos seus pais? – ela falou de repente, sem saber de onde a pergunta surgiu.

Josh hesitou por um segundo. – Acho que sim.

– Não parece que você acredita nisso – observou Hannah.

– Eu amo meus pais. Só não falo muito com eles mais.

– Bom, quantos rapazes de dezessete anos falam?

– Com a gente, eles falam.

– Mas você não? – A honestidade e franqueza repentinas dele abriram novas avenidas. Ela não queria perder essa chance de fazer algumas perguntas pessoais a Josh.

– Não. Eu não. – O silêncio entre eles se alongou. Hannah segurou a respiração. Até o mundo ao redor deles pareceu parar de respirar por um momento. Tudo estava quieto.

– Eu só... me fechei. – Ele sussurrou quase inaudível.

Hannah gostaria de poder enxergar seu rosto. Sua voz parecia tão solitária e tão melancólica que ela instintivamente colocou a mão em seu ombro. – Você... você não deveria – ela gaguejou.

– Não posso evitar. Não consigo evitar.

– *Eu* posso te ajudar, então? – Hannah perguntou baixinho.

Ele colocou suas mãos nas dela e deu um leve beijo nas costas de sua mão enquanto a levantava do ombro dele. – Eu não sei – disse ele.

Hannah o encarou apesar de não conseguir enxergar os olhos dele no escuro. Ela queria fazer alguma coisa, se abrir, dizer palavras carinhosas que o fariam se sentir apoiado, mas ela conseguia sentir a barreira entre eles como se fosse algo concreto.

– Ei! Hannah! – Nick chamou de repente da área da fogueira. – Onde você está? Vamos brincar de Verdade ou Desafio!

Ela berrou. – Não, obrigada. O Ben me conhece bem *demais* para isso. Não vou até aí. – Além disso, quem sabe o que poderia acontecer se ela ficasse aqui com o Josh mais um pouquinho?

Josh riu entredentes, – Por outro lado, *nós* conhecemos o Ben muito bem também. – Ele notou. – Vamos nos juntar a eles.

Então nada aconteceria. O momento passou. Sua franqueza repentina desapareceu por baixo das ondas novamente e ela apostaria o salário de uma quinzena que não voltaria à superfície tão cedo. Ela ia *matar* o Nick por ter interrompido a conversa deles.

– Venha – Josh balbuciou e deslizou o braço por seu ombro para segurar levemente a mão dela enquanto andavam de volta ao grupo.

Eles estavam *de mãos dadas*. O coração de Hannah acelerou e ela tinha um sorriso estampado no rosto quando sentou-se perto do fogo. Tudo bem, talvez ela não mataria o Nick. Isso era bem perfeito.

Sete

Na manhã seguinte, Hannah acordou completamente molhada de suor. Ecos de vozes gritando em uma língua estrangeira ainda ressoavam em sua cabeça. Ela abriu os olhos devagar e respirou fundo. Um sentimento de pavor assomou-se dela e não ia embora.

Ela tivera outro pesadelo. Hannah não conseguia lembrar muito, mas sabia que o cenário tinha sido a aldeia antiga de novo. Ocorreram ataques violentos por parte dos soldados, mas também havia pessoas ao seu redor em quem ela confiava – pessoas que a protegiam. E a versão mais velha do Josh estava entre elas.

Dessa vez o final do seu sonho foi diferente. Ela encontrou-se com Josh em um platô de rocha próximo a um precipício com vista para um desfiladeiro. Ele falava Diné Bizaad, a língua Navajo. O que era estranho é que ela fora capaz de compreendê-lo no sonho, mas não conseguia se lembrar o que ele dissera agora que estava acordada.

Ela lembrava-se de que ficara chateada com as palavras dele – ela fugira dele porque seu coração lhe disse que era necessário. A imagem que ainda a assombrava era o rosto mais velho de Josh repleto de dor e tristeza e a maneira como ele olhara para ela quando ela se virou para encará-lo pela última vez.

Gemendo, Hannah levantou-se da cama e se arrastou até a cozinha. Ali estava menos abafado que em seu quarto, mas ainda assim estava quente. Ela precisava se refrescar. Depois de colocar duas fatias de pão na torradeira, ela tomou um banho rápido e vestiu-se com roupas leves de verão.

Uma brisa leve acariciou seu rosto quando Hannah saiu para a varanda. Ela olhou para a esquerda e viu que o carro de Ben não estava lá. Mastigando sua torrada, ela voltou para a cozinha e pegou sua carteira em cima da mesa, piscando surpresa quando viu o relógio acima do fogão. Era quase meio-dia. Não era surpresa que Ben já tivesse saído – ele provavelmente perdera a esperança de ela sair da cama hoje.

Hannah fechou a porta atrás de si e caminhou para o mercadinho em St. Mary’s Port para comprar alguns alimentos

enlatados que poderia levar para a reserva como presente. Era tradição levar itens que poderiam ser usados para cozinhar para a família que organizava o rodeio, como farinha de milho, carne de carneiro, feijões secos ou abóbora.

Uma vez dentro do *Safeway*, Hannah foi primeiro ao corredor de farinhas e produtos de panificação. Esse não era seu dia de sorte – ela não conseguia encontrar a farinha *Blue Bird*. Ela não poderia comprar nenhuma outra marca. O pão frito não teria o mesmo gosto.

Perdida em pensamentos, ela pegou um saco de farinha da prateleira do alto quando, de repente, ouviu o som de duas vozes vindo do corredor ao lado. Elas soavam familiares.

Hannah apurou os ouvidos e parou de respirar. Suas mãos começaram a tremer. Ela poderia jurar que as pessoas conversando no corredor ao lado eram os caras que a assediaram na noite de quinta-feira. As vozes soavam iguais.

Lentamente ela arrastou-se para frente e cautelosamente virou a cabeça para olhar o próximo corredor como se fosse uma espiã. Lá estavam eles. Dois homens de camisa xadrez. Eles tinham em torno de trinta anos e ambos carregavam um fardo de cerveja. Hannah entrou no corredor escutando os dois homens atentamente. Ok, isso era esquisito. Eles soavam exatamente como seus agressores, mas definitivamente não eram os mesmos caras. Franzindo a testa, ela passou pelos dois homens no caminho para o caixa. Será que ela estava começando a imaginar coisas?

Quando Hannah chegou à fila quase tropeçou em uma pilha de sacos de farinha *Blue Bird* e um cartaz de cor berrante que dizia ‘Compre 2 Leve 1 Grátis!!’.

Sorrindo ela curvou-se para pegar dois sacos e acidentalmente esbarrou em alguém atrás dela.

– Ei, Hannah! – Era Amber. Ela olhou para os sacos de farinha. – Ah – farinha *Blue Bird*. Eu ia comprar também.

Hannah sorriu. – Sem problemas. Cada uma leva um. Está em promoção mesmo. – Ela jogou um dos sacos na cestinha de Amber. Obviamente Amber perguntara a Emily que tipo de comida levar para a reserva hoje. Ontem Emily e Amber conversaram a noite toda e até trocaram telefones, pois tiveram uma afinidade imediata. Mais

que afinidade, na verdade – Hannah tinha certeza que tinha rolado uma química entre elas.

Era suficiente para deixá-la com um pouco de ciúmes. Pelo menos a Amber conseguiu pegar o número de telefone da Emily. Caramba, ela praticamente sentou no colo da Em ontem à noite. Josh nem tinha telefone fixo, muito menos um celular. Claro, *ela* tinha de se apaixonar por um cara com aversão a tecnologia. E, para completar, ela estava tendo sonhos esquisitos com ele.

– Você está bem? – perguntou Amber. – Você tá parecendo meio estressada.

– É, estou bem – disse Hannah tentando esquecer seus pensamentos sombrios. – Estava pensando no sonho que tive a noite passada.

– Oh? Sobre o quê? – Amber colocou os dois sacos de farinha no caixa.

– É meio difícil de explicar. Foi como assistir algumas cenas de filme, mas não cronologicamente. Josh apareceu no meu sonho também e de alguma forma eu o machuquei de verdade mas não sei como nem porquê.

– Você sonha bastante com ele? – perguntou Amber. – Desculpe-me por ser curiosa. É só que – eu vejo... – Sua voz desapareceu.

– O quê? – Hannah incentivou.

Amber olhou ao redor desconfortável. – Vamos lá para fora primeiro?

– Claro. – Hannah rapidamente pagou pelos mantimentos. Ela estava louca para saber o que Amber tinha para lhe contar.

No caminho para fora elas passaram pelos dois homens com as cervejas. Eles estavam encostados na parede, um de cada lado da porta, para ficar à sombra. Hannah olhou de soslaio e uma sensação de estar sendo observada pelos dois tomou conta dela enquanto ela e Amber afastavam-se do mercado. Engolindo o nó em sua garganta ela apertou o passo. Por que ela não conseguia se livrar da sensação de que conhecia aqueles caras? Isso era ridículo. Suas vozes eram parecidas com as de seus agressores, mas era só isso – eles tinham o dobro da idade dos rapazes, poxa vida. Ela estava começando a ficar paranoica. Se ela estava se sentindo

perseguida, deveria retornar à delegacia de polícia e requisitar o Serviço de Assistência à Vítima.

Rapidamente elas chegaram à pracinha em frente ao Café *Grassroots* e sentaram-se num banco na sombra. – Então... – Hannah virou-se para Amber. – O que você queria me dizer?

Amber deu de ombros. – Eu posso ver auras às vezes. – Furtivamente ela tentou medir a reação da amiga.

– Tudo bem. – Hannah sorriu de maneira encorajadora.

Amber mordeu o lábio. – Quando vejo a aura de Josh – e a sua – bem, elas reagem uma à outra. Só isso já é estranho. Quer dizer, elas são campos energéticos, mas... – Ela olhou para suas mãos no colo. – Eu nunca vi duas auras tão *sintonizadas* uma com a outra. Tá bem, eu vi uma vez com um casal idoso de Pensacola, em um asilo durante um emprego de férias. Ambos tinham oitenta anos, casados há sessenta, e ainda apaixonados um pelo outro. Foi maravilho de se ver. Tão puro e intenso.

Hannah sentiu seu coração acelerar. – Bem, eu o conheço há muito tempo. Ele sempre foi o melhor amigo do Ben. A gente meio que cresceu junto.

Amber balançou a cabeça. – Não, não é isso. Suas almas estão *entrelaçadas*.

Hannah olhou para ela embasbacada, o que deixou Amber desconfortável. – Desculpe. Eu devo parecer uma lunática.

– Não. Não parece. Definitivamente existe uma conexão entre nós, mas eu não entendo porque ficou tão forte de repente. Ou porque se tornou algo diferente. – Ela corou.

– Você contou a Ben sobre seus sonhos?

– Não. Mas eu falei para ele como me sinto em relação ao Josh. Porém, ele não sabe que estou tendo sonhos estranhos com o Josh também.

– E aquela noite no lago quando foi assediada? Aquilo também não te provoca pesadelos?

– É, aquilo não ajuda. Ainda tenho a sensação... – Hannah parou.

– O quê? – Amber incentivou.

– Ok. Isso vai parecer bizarro, mas tenho a sensação de que estou sendo observada. Que alguém está me perseguindo. –

Hannah pigarreou nervosamente. – Sei que isso parece a definição de paranoia, mas não posso evitar.

– Bem, você não me parece maluca, então algo realmente está acontecendo. Mantenha seus amigos por perto. Nós vamos protegê-la se alguém estiver mesmo atrás de você.

De repente, Hannah teve uma ideia. – Poderia fazer algo por mim? – Ela levantou e deu alguns passos. – Quero voltar ao *Safeway* por um minuto.

As duas garotas caminharam de volta ao supermercado carregando sacos de farinha nos braços. Hannah procurou e encontrou os homens que escutara conversar dentro da loja. Eles ainda estavam perto do mercado, parados na sombra próximos à rua. Um terceiro homem, mais ou menos da mesma idade, se juntara a eles. Hannah observou os homens, ficando gelada quando o recém-chegado se virou e olhou para ela. Os outros dois viraram a cabeça no mesmo momento. Três pares de olhos observavam a ela e a Amber. O tempo desacelerou. O sol enfraqueceu e todos os sons à sua volta desapareceram. O coração de Hannah batia freneticamente.

Com dificuldade, ela desviou os olhos dos homens, fazendo o mundo voltar a girar. – Amber – Ela sibilou. – Você pode olhar a aura daqueles caras?

– Vou tentar. – Respondeu Amber sem perguntar porquê. Ela encarou intensamente o trio do outro lado da rua. Hannah não acompanhou seu olhar. A maneira como os três homens olharam para ela lhe dava calafrios. Eles provavelmente estavam se perguntando porque Amber os olhava com tanta intensidade, mas nesse momento ela não se importava. Ela simplesmente *tinha* de saber se havia algo errado com eles e talvez sua vizinha pudesse dizer o que era.

Amber agarrou o braço dela. – Eles estão indo embora – ela sussurrou sem perceber.

Hannah observou os três homens afastarem-se do supermercado; seus movimentos eram artificialmente sincronizados. Eles viraram a esquina sem olhar para trás. Depois que eles desapareceram, ela soltou um suspiro de alívio.

– E aí? – ela perguntou tensa.

As sobrancelhas de Amber juntaram-se. – Nada. – Respondeu ela um pouco abismada.

Hannah ergueu as sobrancelhas. – O que quer dizer?

– Não pude ver uma aura ao redor de nenhum deles.

Hannah piscou. – Então...

– Então, eu posso repentinamente ter perdido minhas habilidades, mas acho que não. Não é sempre que vejo uma aura completa, com formas e cores, mas sempre vejo *alguma coisa*. Algum tipo de brilho, uma força vital, um certo carisma.

– Mas não com eles? – Hannah ainda olhava desconcertada para Amber.

– Não. – Amber hesitou e ficou pálida. – Eu sinto que...

– Sim?

– Sinto como se estivesse olhando para pessoas que não estão realmente ali. Como se fossem reflexos no espelho. Ou pessoas que estão mortas. Elas também não têm aura.

Hannah engoliu em seco. Seu instinto não a traíra. *Realmente* havia algo de errado com aqueles homens. Mas o que ela poderia fazer com essa informação? Seria bem difícil explicar para a polícia que ela estava sendo perseguida por caras que não estavam ali de verdade.

Ela se virou para Amber. – Você poderia guardar isso para você? Não acho que as pessoas entenderiam. – Ela conseguia imaginar direitinho a cara de Ben se ela lhe contasse uma história desvairada dessas.

– Na verdade, nem eu mesma entendo direito. – Respondeu Amber com um olhar vazio. Ela mordeu o lábio. – Mas se alguém fosse entender, seria a Emily. Ela fala bastante de experiências místicas com os pacientes dela. Você poderia perguntar a ela o que ela acha.

– Você tem conversado com a Emily sobre um monte de coisas mesmo, né? – Hannah disse com uma piscadinha.

– É. – Amber ficou vermelha. – Me diverti muito ontem à noite.

– Então, só bate papo, hein?

Amber ficou ainda mais vermelha. – Hum, é. Por enquanto.

Então ela estava certa sobre a química entre as duas. Que ótimo para a Em!

– E você e o Josh? – questionou Amber.

– Ah. – Hannah não conseguiu deixar de sorrir. – Só conversamos. E olhamos as estrelas.

– Por enquanto. – Completou Amber em tom de brincadeira.

– É. – Hannah sorriu. – Por enquanto.

Quando ela retornou à cabana, Ben estava terminando o macarrão que ele prometeu cozinhar para o passeio deles.

– Olha só, eu consegui ingressos pra gente para o Cinema no Parque semana que vem. – Ele anunciou orgulhoso apontando para um envelope em cima da mesa. – Todo mundo vai.

– Legal. – Hannah deu um suspiro enquanto sentava-se à mesa para dar uma olhada. A conversa leve de Ben sobre os filmes que iriam passar quase fez com que ela esquecesse o encontro bizarro da manhã. Sentada ali, com o brilho do sol entrando pelas janelas, parecia ridículo que ela se sentira ameaçada e horrorizada por um punhado de lenhadores com fardos de cerveja, com ou sem aura. E, mesmo assim, ela não conseguia tirar isso da cabeça. Aqueles caras – eles a olharam com reconhecimento. *Por isso* ela havia se sentido tão desconfortável sob o olhar deles. Mesmo que fosse impossível, aqueles homens a conheciam. Ela estava ficando louca?

– Você quer vir com a gente pra praia? – Ben interrompeu seus pensamentos. – Vou dar uma nadada antes do Nick aparecer para o rodeio.

– Não, só quero ficar em casa. – Ela disse, indiferente. – Vou tocar um pouco de violão.

– Beleza. – Ele deu um sorriso hesitante. –Você tá bem?

– É. Eu só... – Será que ela deveria contar ao Ben sobre aqueles caras esquisitos na praça da vila? Isso só o deixaria ansioso. – Eu não dormi muito bem.

– Ok. – Ele deu de ombros. – Foi por isso que dormiu até tarde?

– É. – Era uma explicação tão boa quanto qualquer outra.

– Aliás, eu e o Josh vamos fazer uma trilha para a Ponte do Arco-íris depois do fim de semana. O Nick também vai. Ele vai deixar quarta, quinta e sexta livres para poder vir com a gente para a reserva.

– Tudo... tudo isso? – Seu coração apertou. Isso significava que ela ficaria sozinha na cabana por vários dias.

Ben inclinou a cabeça e colocou a mão em seu ombro. – Ei, não se preocupe. Aposto que a Emily pode passar alguns dias com você, se você se sentir inquieta. Sabe, depois do seu encontro com aqueles babacas.

Hannah olhou para Ben comovida por ele saber que algo a incomodava. Ele só não sabia a história toda.

– É, talvez faça isso. – Essa coisa toda de ansiedade sem motivo era absolutamente frustrante. Normalmente ela adorava passar um tempo sozinha. Lenhadores sem aura idiotas!

Depois que Ben deixou a cabana com uma bolsa de praia no ombro, Hannah foi até o quarto dele para pegar seu *laptop*. Ela não planejava mesmo tocar violão. Ben provavelmente não aprovaria o uso do seu modem USB com internet em *roaming* horrivelmente cara – ou entenderia porque ela queria fazer uma busca no Google por 'pessoas sem aura' – então ela decidiu nem pedir.

Ela abriu o *laptop* e aguardou o Windows iniciar e a internet conectar. Então, ela fez uma busca no Google e navegou pela escassa lista de resultados. Nenhum sucesso, exceto uma página mantida por uma leitora de auras que afirmava que as pessoas sem um campo eletromagnético haviam passado para o outro lado – ou estavam próximas disso.

Hannah tremeu. Talvez Amber cometera um erro. Talvez ela não estivesse receptiva para as auras deles. Não havia outra explicação. A não ser que eles estivessem *mesmo* mortos.

Depois de colocar o *laptop* de Ben de volta na mesinha de cabeceira, Hannah acomodou-se na varanda e tentou se concentrar em seu livro. Quando Nick estacionou seu Jeep ao lado da cabana às três em ponto, ela conseguira esquecer os eventos daquela manhã, ao menos por enquanto.

Nick subiu os degraus da varanda. – Ei, Han, olha o que eu trouxe! – Ele levantou um caderno. – Para que eu possa tomar algumas notas hoje à tarde.

– Uau, alguém vai estar bem ocupado.

– É, bem CDF. – Após colocar o caderno na mesa, Nick tirou dois pacotes de café da mochila. – E eu trouxe isso. Café é um bom presente?

Hannah assentiu. Enquanto ela servia um refrigerante para Nick, ele continuou falando. – Sabe, acho incrível ter te conhecido em Page. Sem você e seus amigos, eu estaria numa rua sem saída com esse negócio da dissertação. Mas agora estou me sentindo muito inspirado. O Josh me contou tantas coisas sobre a cultura e as tradições Diné. É bizarro ele saber tanto. Quer dizer, ele dorme em algum momento? – Ele abriu o caderno. – Eu adoro o jeito de viver dos Diné. O princípio de sempre estar em equilíbrio com as forças da natureza e os poderes sobrenaturais? É fantástico!

Hannah sorriu. – É, eles chamam de *hózhó.* Significa beleza, harmonia e equilíbrio numa coisa só.

De repente, Nick olhou além dela para a estrada. – Olha, tem um cachorro parado ali. – Ele franziu a testa. – Na verdade, parece mais um lobo ou coisa assim.

Hannah se virou e piscou surpresa. Aquilo era um coiote parado ao lado da estrada? Não poderia ser. Claro, eles eram nativos do Arizona, mas raramente se aventuravam em áreas povoadas. O animal estava do outro lado da estrada em meio aos arbustos – imóvel, ameaçador, encarando-a com olhar predatório.

O coração dela parou por um momento quando outros dois cachorros parecidos com coiotes saíram dos arbustos e enfileiraram-se junto ao primeiro. Os animais continuaram parados, mantendo a mesma postura enquanto a vigiavam. Seis olhos marrom-amarelados a observavam com intensidade inquietante.

Incerta, Hannah deu um passo para trás com os pelos em seu pescoço eriçados. Três rapazes. Três homens. E agora três cachorros. Que *diabos* estava acontecendo? Se Nick não estivesse ali, ela pensaria que estava imaginando coisas, mas os animais realmente estavam lá, do outro lado da estrada, paralisando-a com seus olhares.

– Hannah? Você está bem? – Nick lançou um olhar preocupado, chacoalhando-a pelo ombro. Só agora ela percebia que seus olhos deviam mostrar puro pânico. – Você tem medo de cachorros?

Ela piscou rápido. – Não. – Ela conseguiu balbuciar. – Eu só...

Antes que ela pudesse dizer qualquer outra coisa, o ronco próximo de um motor se tornou mais alto. Uma grande caminhonete

apareceu na esquina, chacoalhando para além da cabana em nuvens de fumaça. Quando Hannah olhou para os arbustos do outro lado novamente, os três coiotes tinham desaparecido.

Ela balançou a cabeça. – Só não gosto muito de coiotes. – Ela completou fragilmente.

– Bom, ele já se foram. Quer uma bebida?

Hannah assentiu distraída e seguiu Nick para dentro para tomar um pouco de água. Ela passou a mão na testa e respirou fundo. Ok, era estranho ela ter visto três coiotes próximos da cabana, mas ela não deveria conectar eventos que não tinha ligação. Ela tinha de parar de se aborrecer desse jeito.

Quando Ben e as vizinhas retornaram da praia, ela conseguira se acalmar de novo. Ansiosa por causar boa impressão na reserva, Hannah foi para seu quarto e vestiu um *jeans* novo e um *top* preto. Remexendo em seu porta-joias para encontrar uma bijuteria bacana, ela pegou um colar com contas turquesa. Ela recordava-se de tê-lo feito à mão com Josh, sentados no *hoghan* da tia dele em um dia chuvoso quando ele tinha nove anos. Ela guardou o colar porque adorava a cor. Relembrado aquela tarde ela se perguntou se Josh também se lembrava de terem feito o colar juntos.

Quando ela foi lá para fora, Amber já estava no banco de trás do jipe de Nick com seu saco de farinha e seis latas de refrigerante no colo.

– Ei. – Hannah sentou-se ao lado de Amber. – Como foi a praia?

– Fantástica. Como você está? Conseguiu relaxar um pouco?

– É, sim. – Ela não estava com vontade de mencionar os cachorros que pareciam coiotes que apareceram na cabana.

Ben e Ivy entraram, Nick deu partida no jipe e não demorou muito para chegarem à Lakeshore Drive indo em direção a Page. – Para onde agora? – perguntou Nick depois que passaram a placa de ‘Bem-vindos a Page’.

– Continue indo para o sul. – Ben apontou algumas placas na estrada. – Se seguir a Rota Navajo 20, vai chegar em Naabi’aani.

Eles passaram pelo cruzamento no entreposto *Big Lake* onde Nick parou para abastecer. Todos no jipe estavam animados. Nick ligou o rádio e sintonizou em uma estação que parecia nativo-

americana com música de flauta, então Hannah pensou em uma canção para ensinar aos novatos algumas palavras Navajo importantes. Quando os primeiros *hoghans* foram avistados, Nick e as vizinhas sabiam que *ahe'hee* significava 'obrigado', *ya'at'eeh* era 'bem-vindo' e *ayor anosh'ni*, 'eu te amo'.

– Estacione aqui – Hannah indicou uma vaga ao lado da estrada. Eles caminhariam o restante do percurso até a casa dos pais de Emily pois a rua estava bloqueada por uma multidão de carros e trailers mais à frente.

Assim que todos saíram do carro, Hannah e Ben mostraram o caminho até o *hoghan* da família Begay atravessando a multidão na praça da aldeia.

– Que cheiro é esse? – Nick franziu o nariz e olhou ao redor. – Está me deixando com fome.

– O tradicional pão frito – respondeu Hannah. – E é uma tradicional bomba calórica também.

Nick sorriu. – Sem problemas. Meu metabolismo funciona na velocidade da luz. Não ganho peso.

– Te odeio. – Cantou Hannah.

– Querida, também te amo. Ou devo dizer: *ayor anosh'ni*?

Hannah deixou Ben, Nick e as garotas seguirem em frente enquanto a multidão se apertava à sua volta. Ela foi atrás de Nick e abriu caminho através da massa de pessoas, passando por uma família com três crianças agarrando a saia vermelha da mãe e implorando ao pai por um doce. As crianças da reserva sempre a faziam lembrar dos pequenos e alegres Inuit – os mesmos olhos puxados, a mesma pele bronzeada e o mesmo cabelo preto e grosso. Algumas vezes sua aparência mudava completamente quando ficavam mais velhos, Josh era um bom exemplo. Pensando nisso, onde ele estaria? Hannah olhou em volta e tentou encontrá-lo em meio à multidão.

Seu coração começou a martelar no peito quando ela o viu do outro lado do gramado usado para as celebrações.

Ele não estava sozinho. Ele estava parado ao lado de uma mulher de arrasar quarteirão com longos cabelos pretos – um largo sorriso no rosto dele e sua mão segurando a dela com firmeza.

Oito

Ai!

Ela não sabia que poderia sentir tanto ciúme. Hannah tentou desesperadamente se acalmar. Josh podia segurar a mão de outra garota. Não tinha de ter algum significado. Certo?

Nesse meio-tempo, Josh também a notou. Ele começou a cruzar a pista de dança improvisada, ainda segurando a mão da garota. Hannah cerrou os dentes enquanto tentava ignorar o frio na barriga.

Josh parou na frente dela e a olhou com um largo sorriso. – Bem-vinda. *Ya'at'eeh*. Acabou de chegar?

– É. – Ela fez uma tentativa meia-boca de sorrir de volta. – Estávamos a caminho da casa da Emily".

Ele assentiu observando o rosto dela com curiosidade. – Você está bem? Parece um pouco pálida.

Ah, ela não *poderia* estar melhor. Sofrendo com pesadelos, perseguida por lenhadores sem aura e assediada por coiotes. Enquanto isso, ele fisgara a Miss Nação Navajo.

– Claro que estou bem. – Ela respondeu irritada. – Por que não estaria?

Josh quase que imperceptivelmente ergueu uma sobrancelha. – Que seja. Aliás, já conhece minha prima?

Prima dele? Ela piscou com olhos arregalados. – Não, hum, acho que não.

– Essa é Linibah. – Josh apontou para a bela garota ao seu lado. – Ela veio de Chinle com o marido e os filhos para nos visitar.

Hannah deu um grande sorriso, esperando que o alívio não fosse aparente em seu rosto.

– Oh! É um prazer te conhecer. – Ela apertou a mão da prima de Josh. – Sou Hannah.

Ben apareceu ao seu lado. – Você vem ou não? – perguntou ele. – Ou você quer arrastar esse saco de farinha para lá e para cá o dia inteiro?

Os dois rapazes gargalharam e Hannah juntou-se a eles envergonhada.

Josh sorriu para ela. – Farinha *Blue Bird*? Foi muita consideração sua. – Os olhos dele foram parar no colar turquesa que ela usava e seu sorriso se intensificou. Ele não disse nada, só lhe lançou um olhar de alegre surpresa. – Vamos cumprimentar a família do Hosteen. Emily já está lá dentro.

Ele mostrou o caminho em direção a um *hoghan* octogonal. Quando seu grupo entrou, o pai, a mãe e dois filhos do clã Hosteen levantaram-se do tapete de couro de veado no chão onde estavam sentados.

Hannah piscou quando eles repentinamente curvaram-se em reverência para Josh, que emergiu por trás de Hannah e começou a conversar com o povo de seu clã. Todos os outros em seu grupo ficaram em silêncio.

Agora Hannah entendia o que Emily tentara explicar sobre o povo de Naabi'aani – os membros da tribo de Josh estavam inexplicavelmente maravilhados com o garoto de dezessete anos que ela conhecia a vida toda. Ele era o foco da atenção de todos e isso parecia natural. Ela podia ver o respeito e a admiração em seus olhos quando conversavam com ele em Diné Bizaad, sua própria língua.

Quando Josh terminou de falar, Ben veio à frente com seu recipiente de macarrão. Hannah seguiu atrás dele para cumprimentar a família Hosteen.

Um a um os presentes foram entregues. Depois disso, Josh os guiou para fora do *hoghan* para sentarem-se na grama do lado esquerdo da habitação. Pessoas sentavam-se por todo lado, de pernas cruzadas, conversando e comendo a comida que os Hosteen prepararam para a ocasião.

– Não quer comer nada? – Hannah perguntou a Josh quando ele sentou-se ao lado dela somente segurando uma lata de Coca.

– Não, vou fazer a cerimônia de abertura do rodeio. Prefiro fazer isso de estômago vazio.

– Oh? Que tipo de performance?

– Canto. E percussão.

– Então vai cantar uma música tradicional?

Josh assentiu. – Sou um dos dois *hataalii* de Naabi'aani. Sani é o curandeiro mais velho da aldeia e eu sou o mais novo.

Hannah ficou boquiaberta. Emily menionara que Josh era próximo de Sani, mas ela deixou de fora que ele mesmo era um curandeiro. – Onde diabos você arruma tanto tempo para ser tão bom em tudo o que faz?

Ele a encarou de volta. – Bem, tempo... – ele começou, sua voz desaparecendo. – Vamos dizer que aprendo rápido.

Uma mulher andando com uma bandeja com tigelas de mingau de milho deu um tapinha no ombro dele. Josh recusou mas cutucou Hannah. – *Sha'di*? Quer mais uma?

Hannah engoliu em seco e olhou para Josh sem palavras. Tudo bem, isso era bem claro. Transparente. Não era *shilah* para se referir a ela como uma amiga. Ele acabara de chamá-la *sha'di*, como antes. Sua irmã mais velha. Então nada mudara mesmo. Ela engoliu as lágrimas.

Ainda atordoada, Hannah se virou quando ouviu a mãe de Josh chama-los à distância. Ela caminhava em direção a eles falando com seu filho. – *Shiyáázh*?

Josh se virou e sorriu para ela. – Ei, *shimá*. Já está na hora?

– Sim. Estão esperando você na tenda.

– Boa sorte – balbuciou Hannah enquanto ele se levantava e desaparecia na multidão para se preparar para a cerimônia. Era um alívio que ele se fora. Dessa maneira ela foi capaz de recuperar o folego e tentar convencer a si mesma que não era grande coisa que ele não gostasse dela desse jeito.

Nick sentou-se ao lado dela. – Cara, *adoro* esse lugar! As pessoas aqui são tão diferentes do que estou acostumado. São tão amigáveis e despretensiosas. – Ele colocou seu caderno de lado e tirou uma câmera da mochila. – Estou planejando filmar a performance do Josh. Você acha que ele vai se importar?

– Não, não vai – ela respondeu seca.

Distraída, Hannah olhou ao redor e notou um rapaz Navajo alto e magricela acenando para ela. Ele começou a caminhar em direção ao grupo de visitantes de St. Mary's Port. Confusa, ela cutucou Emily.

– Você sabe quem é ele?

Emily olhou para cima e seguiu seu olhar. –É o Yazzie! Você não o reconhece?

Hannah piscou várias vezes estupefata. Yazzie sempre fora um menino baixo e gordinho. Aparentemente, ele finalmente tivera um surto de crescimento – ela não reconheceria o primo de Josh, que os levaria à Ponte do Arco-íris em seu barco amanhã, se Emily não esclarecesse. Ela levantou-se. – Ei, Yaz! – ela acenou.

Quando Yazzie ficou frente a frente com Hannah, ele era pelo menos dez centímetros mais alto que ela. – Oi, *biligaana*! – Ele a abraçou calorosamente. – Pronta para o show? – Ele usava calça jeans verde escuro e uma camiseta preta que dizia 'Ninhada da Reserva'.

Hannah não conseguiu deixar de rir. Yazzie sempre chamava Ben e ela desse jeito – *biligaana* significava 'cara pálida' na língua dele.

Yazzie inclinou a cabeça para o campo cercado de uma multidão de espectadores. – Guardei um lugar para vocês no gargarejo. Sigam-me!

Ele abriu caminho às cotoveladas entre as pessoas, todos seguindo-o em fila indiana. Logo antes de alcançarem a cerca que limitava o espaço do rodeio, encontraram um espaço livre como Yazzie havia prometido. Hannah olhou para o lado e inesperadamente viu o pai de Josh parado ali. Ela pensou que ele estaria com seu filho na tenda, ajudando-o a se preparar. Ou talvez não. Isso provavelmente era tarefa para o Sani.

– *Ya'at'eeh*. Olá, pessoal. – Ele disse cumprimentando a todos. Ele beijou Hannah na bochecha. – Quanto tempo. É bom vê-la novamente. – Ele sorriu largamente e os pés de galinha nos cantos dos seus olhos a fizeram se lembrar do rosto do Josh mais velho de seus sonhos.

Uma batida alta interrompeu sua conversa. Todos se viraram para o campo para assistir à cerimônia.

Josh adentrou à área do rodeio usando incríveis roupas tradicionais Diné. Ele vestia uma blusa de veludo de mangas compridas. Seu cabelo estava preso com uma bandana e amarrado em um coque em formato de oito e ele usava calças de uma cor castanho-avermelhado. Pendurado em uma corrente em volta de

seu pescoço estava um pingente cravado de pedras turquesa. Ele carregava um grande tambor em uma das mãos e uma longa baqueta de madeira na outra.

As conversas pararam e a multidão ficou em silêncio. Nesse silêncio Josh começou a batucar suave, mas intensamente, cantando ao mesmo tempo. Sua voz elevou-se acima da batida do tambor. Hannah não pode deixar de maravilhar-se enquanto ele interpretava a canção tradicional com tanta facilidade como se fosse um *hataalii* há anos. Sua voz parecia diferente de quando tinha cantado sua própria canção. Por um segundo parecia que uma pessoa completamente diferente estava ali no terreno cerimonial – como se Josh fosse outro indivíduo.

Um outro homem, mais velho, entrou no campo para fazer uma dança com argolas acompanhado da música de Josh. Quando a canção acabou e Josh e o bailarino saíram do local não houve aplausos, somente um silêncio respeitoso. Lentamente a multidão começou a murmurar novamente, algumas pessoas dispersando para as arquibancadas colocadas em um semicírculo ao redor do campo do rodeio.

Nick desligou a câmera e fez um sinal positivo para Hannah. – Pronto! Logo disponível em DVD.

– O que vai acontecer agora? – Hannah quis saber quando alto-falantes do outro lado do gramado começaram a emitir uma música animada.

– É hora do *naa'ahóóhai* – respondeu Yazzie.

Ela ergueu uma sobrancelha.

– O rodeio – ele traduziu entusiasmado, inclinando a cabeça para o gramado. – Ah, e tem dança no gramado do outro lado da estrada.

– Essa parece uma opção mais segura – disse Ivy secamente.

Yazzie riu. – Tudo bem. Então vamos dançar.

Enquanto se dirigiam ao outro lado da estrada, Josh juntou-se a eles vindo de lugar nenhum e caminhou ao lado de Hannah.

– Ei, você – ela disse com um pequeno sorriso. – Foi uma performance impressionante.

– Obrigado. – Ele sorriu com alegria e juntou-se a ela ao lado da pista de dança improvisada.

Quando o alto-falantes dispostos em volta do campo começaram a tocar uma música country, Yaz agarrou a mão de Ivy. – Venha, vamos chacoalhar o esqueleto!

– Claro! – riu Ivy.

Emily deu uma olhada para Amber. Aparentemente decidindo que já era hora de mostrar coragem, ela agarrou a mão de Amber e sorriu para ela. As bochechas de Amber ficaram vermelhas. Sem dizer palavra ela seguiu Emily para o meio da multidão.

Nick olhou ao redor, incerto. – Então Josh, que tal eu pedir para dançar com uma garota Navajo? Isso é permitido?

Josh riu sarcasticamente. – É, claro. Nós não odiamos *totalmente* caras-pálidas, sabia?

– Isso parece promissor – comentou Ben com um sorriso.

– Se pedir a uma garota para dançar e ela te der algumas moedas, ela está recusando – explicou Josh. – Se ela aceitar, é tradição que você dê algumas moedas a ela quando acabar a dança.

Isso fez com que Nick e Ben saíssem correndo para tentar a sorte.

– Eu nem tenho moedas – reclamou Hannah remexendo nos bolsos.

Josh estava com um olhar malicioso. –Parece que você vai ficar bem ocupada.

Hannah sorriu. – Não necessariamente. Não posso recusar o primeiro cara que me pedir para dançar, mas se ele pagar bem pela minha habilidade de dança impressionante, posso manter outros pretendentes afastados pelo resto da noite com essas moedas.

– Você quer dançar? – disse Josh de repente com um sorriso dançando nos lábios. Ele estendeu a mão para ela com voz brincalhona, porém olhos sérios.

Ah. Ela nem imaginou que isso iria acontecer. Hannah corou colocando sua mão na dele. – Sim, claro – ela gaguejou.

Nesse exato momento, o pai de Josh apareceu do nada. – Ei, *shiye*. – Ele colocou um braço ao redor dos ombros do filho. – Estou feliz de ter te encontrado. Eles precisam de você.

– Para quê?

Seu pai começou a explicar-lhe algo em Diné Bizaad. Josh soltou a mão dela com uma expressão arrependida no rosto.

– Tenho que auxiliar Sani com algo que não pode esperar. Vejo você no jantar na casa dos meus pais, tudo bem? – disse ele.

– Ah, tudo bem – ela respondeu baixinho.

– Desculpe – completou Josh, e então ele não estava mais lá, seguindo seu pai para onde quer que Sani estivesse. Hannah observou o gramado sem prestar atenção. Emily e Amber dançavam como se não houvesse amanhã, e por um momento ela sentiu-se mais sozinha que nunca.

Quando o sol quase tinha se posto, Hannah caminhou com seus amigos para onde a família de Josh tinha seu grande *hoghan* octogonal. Todos foram convidados para o jantar.

Enquanto a família Navajo estava ocupada cozinhando em grelhas ao ar livre, os olhos de Hannah foram para o *hoghan* hexagonal menor à direita da construção principal. Claro, só podia pertencer a uma pessoa. Ela não conseguiu conter sua curiosidade, então deixou seus amigos sentados do lado de fora da sauna e abriu caminho até o *hoghan* particular de Josh.

Cautelosamente ela entrou. Calmamente seu olhar tocou as paredes; as duas velas acesas no chão produziam uma luz suave que iluminava uma roda medicinal na parede mais distante. No centro da habitação havia uma fogueira típica, o centro de cada *hoghan*. À sua direita alguns armários estavam enfileirados na parede. Quatro estantes de livros estavam pregadas na parede oposta à entrada. E no canto mais à direita, um colchão estava no chão coberto por um cobertor artesanal Navajo. Ao lado, havia uma poltrona que Josh aparentemente usava como suporte para o violão e armário de roupas improvisado. Um espelho oval estava fixado à parede acima da poltrona.

Em um gancho acima da cama Hannah descobriu o mais belo filtro dos sonhos que já havia visto. Era feito com linha vermelho-sangue, contas turquesa, penas e fios prateados. Sua respiração parou na garganta quando ela se curvou e olhou mais de perto a intricada obra de arte. O poder contido dentro daquele filtro dos

sonhos era quase palpável. Será que Josh o tinha feito ele mesmo? Tinha de ser dele. De alguma maneira ela sentia que sim.

Hannah deu um passo atrás e começou a verificar o conteúdo das estantes de livros. Havia livros didáticos e caixas cheias de bijuterias tradicionais e também uma coleção impressionante de romances e publicações científicas. Ela apanhou um livro que estava um pouco afastado dos outros com a lombada aberta mais ou menos no meio.

– *Edward T. Hall* – ela murmurou suavemente lendo o título na capa. – *Uma Autobiografia*.

– Ele viveu e trabalhou na Nação Navajo. – A voz de Josh soou de repente da entrada. Hannah quase pulou para fora do corpo virando-se e colocando o livro de volta como uma criança pega fazendo algo errado. Josh entrou sem pressa sorrindo para ela. – Você pode pegar emprestado se quiser.

– Mas... você está lendo. Certo? – Hannah objetou. Droga. Ela não sabia como livrar a cara. Ela acabara de invadir a casa dele sem permissão e estava bisbilhotando em suas coisas.

– Eu já li antes. – Josh deu de ombros e pegou o livro cheio de orelhas. Ele ficou em silêncio por um momento. – Na verdade conheci o autor.

– Oh, é mesmo? Onde?

– Em uma de suas palestras. Ele foi um palestrante em uma conferência em Tuba City alguns anos atrás. Conversei com ele depois da palestra para discutir seu trabalho.

Hannah piscou e fez uma conta rápida. – Então quantos anos você tinha?

Josh mordeu o lábio com uma expressão cautelosa nos olhos. O olhar que ela já havia visto muitas vezes. – Quinze – ele balbuciou.

– Uau. – Ela o olhou incrédula. – Bom, estou impressionada. Gostaria que meus alunos de quinze anos estivessem interessados em ir a palestras históricas.

– Você pode sempre tentar inspirá-los. – Josh sorriu fracamente. – Leve-os a uma palestra qualquer hora.

– Duvido que Edward Hall viria falar na minha vizinhança num futuro próximo.

– Não, não vai. Ele faleceu esse ano.

Por um instante, Hannah podia jurar que lágrimas enchiam os olhos dele.

– Oh. Você o conheceu pessoalmente? – ela perguntou, confusa com sua forte reação.

Ela podia ver que Josh estava com dificuldades de encontrar uma resposta. – Não – ele disse afinal, mas de algum jeito aquilo não parecia verdade. Por que ele mentiria sobre algo tão trivial como isso?

Josh colocou o livro de volta e inclinou a cabeça para o filtro dos sonhos. – Então o que acha? – ele perguntou rapidamente mudando de assunto.

– Incrível. Nunca vi um filtro dos sonhos tão bonito.

Ele sorriu. – Talvez possamos fazer um para você semana que vem. Prometo que levo alguns materiais comigo.

Hannah assentiu devagar. Com certeza os sonhos que vinha tendo estavam assustando-a, mas claramente havia alguma mensagem neles. Se o filtro dos sonhos fizesse o que a lenda dizia que fazia e se provasse eficaz, ela nunca mais teria pesadelos, mas também não descobriria coisas novas.

– A propósito, desculpe ter invadido seu *hoghan*. Não tinha intenção de xeretar. – Claro, essa era exatamente a intenção dela, mas ainda assim ela sentiu necessidade de se desculpar.

Josh pegou as mãos dela. – Não seja boba. Você sempre pode entrar no meu lar, *sha'di*. – Hannah sentiu as palmas das mãos dele quentes contra seus dedos e tentou se livrar do gelo que se espalhou por seu coração quando o ouviu usar de novo a palavra para irmã. Ele não podia evitar vê-la dessa forma. Ela tinha de se recompor.

– Gosto do seu cabelo assim – ela disse baixinho olhando para o coque. – Não vejo você usando assim tão frequentemente. – Bem, exceto num sonho.

– É um *tsiyeel*, um coque em formato de oito para ocasiões tradicionais. Na verdade, vou me livrar dele agora. Está um pouco apertado. – Ele levantou uma mão para desamarrar sua bandana tentando desfazer o coque com a outra.

– Você pode... – ele começou, e Hannah assentiu tímida. Ela moveu-se para trás dele e desamarrou a bandana. Depois, ela penteou seu cabelo preto e grosso com os dedos. Tinha um cheiro adocicado. – Você passa alguma coisa no cabelo? – ela perguntou.

Ele alcançou um pote de creme de coco em uma das prateleiras e entregou a ela. Hannah passou um pouco da gordura nas mãos e aplicou no longo cabelo de Josh. Vez ou outra as palmas dela tocavam a pele de seu couro cabeludo, seus ombros e pescoço. Os dedos dela formigavam com o contato. Silenciosamente ela chegou mais perto para correr os dedos pelas mechas de cabelo que caíam de cada lado de seu rosto querendo passá-las por cima dos ombros dele, quando uma de suas mãos acidentalmente acariciou a bochecha dele.

Ela mordeu o lábio e sentiu o sangue subir ao rosto. Ainda bem que Josh estava olhando para o outro lado e não podia ver a expressão no rosto dela.

Então seu olhar dirigiu-se para além do ombro dele e o espelho acima da poltrona. Seu próprio rosto corado a encarava de volta; e Josh também.

Seu coração pulou quando ele se virou e olhou para ela.

Deus, ele estava tão perto. Se ao menos ela pudesse puxá-lo para mais perto e beijá-lo. Ou fazer um comentário casual ou engraçado para se livrar da tensão repugnante que pairava no ar. Infelizmente ela não conseguiria ser engraçada agora. Não era engraçado. Era doloroso e era totalmente culpa dela e Josh estava, sem dúvida, perguntando-se porque ela o olhava boquiaberta. Hannah olhou para o chão completamente perturbada.

Como se seu anjo da guarda tivesse decidido se intrometer e salvá-la, alguém assoviou do lado de fora naquele momento. Depois de alguns segundos, Yazzie enfiou a cabeça pela entrada. – O jantar está pronto. Vocês vêm?

Josh sorriu suavemente para Hannah. – Bom, você ouviu o homem. Vamos lá, *sha'di*.

Hannah vacilou. Graças a Deus ela não tinha cometido o erro descarado de beijar alguém que a via como uma irmã mais velha e mais nada.

– É, vamos – ela respondeu esforçando-se, derrotada, para sair do *hoghan* e seguir Josh e Yazzie para sentarem-se e comerem.

Era tarde da noite quando a turma finalmente retornou a St. Mary's Port. Hannah sentou calada no banco de trás do jipe de Nick contemplando o céu noturno que se esticava acima dos planaltos e a paisagem escura do deserto que passava por ela. Ela estava contente que a noite acabara. Ela estava muito cansada.

Quando Nick deixou ela, Ben e as vizinhas nas cabanas, Amber a seguiu. – Ei, espere um segundo – ela chamou com voz urgente.

Hannah parou e esperou que Amber continuasse.

– Eu perguntei pra Emily o que ela pensava de pessoas sem aura – sussurrou Amber. – Não falei para ela porque estava interessada, mas ela mencionou *chindi* – bruxos. De acordo com a religião Navajo, eles não são mais estritamente humanos, então isso explicaria sua falta de aura.

Hannah encarou sua vizinha e um arrepio correu por sua espinha. – Bruxos? – ela sussurrou de volta. O dia na reserva a acalmara um pouco, mas agora sua inquietação em relação aos três homens no mercado voltou com intensidade dobrada. – Ela mencionou o que fazer a respeito deles?.

– Não, não mencionou. Porém, não fiz muitas perguntas. Talvez gostaria de questioná-la sobre o assunto você mesma quando se sentir pronta.

Hannah não respondeu. Francamente ela não se sentia pronta para nada a não ser deitar e dormir sem sonhar, por pelo menos vinte e quatro horas. – Obrigada, Amber. Vamos discutir isso depois. Preciso repousar primeiro.

Hannah entrou e se jogou na cama. Ela nem se deu ao trabalho de tirar as roupas. Ela ansiava por paz e tranquilidade, harmonia e equilíbrio, *hózhó*.

Infelizmente, seu subconsciente não levou em consideração esse desejo. Naquela noite, novamente, ela sonhou com Josh tentando salvá-la das garras dos soldados mexicanos. Mais uma vez ela o deixou no precipício à beira do desfiladeiro com os cabelos voando ao vento e lágrimas escorrendo por seu rosto.

A única diferença dessa vez foi que três sombras intimidadoras aguardavam por ela ao pé da colina, encarando-a com olhos mortos e vazios enquanto ela fugia.

Nove

– Ben?

Hannah espiou na cozinha. Nenhum sinal de seu irmão. Mas ela poderia jurar que ouviu uma voz chamando seu nome. O que a acordara tão de repente?

Sonolenta ela voltou para a cama aos tropeções tentando esfregar o sono dos olhos. Ela bebeu o copo inteiro de água que estava em seu criado-mudo. Talvez ela estivesse sonhando novamente. Mas com o quê?

Por um minuto ela não conseguia se lembrar de nada, mas quando se levantou e foi até o guarda-roupas pegar algumas roupas, tudo voltou a ela. O precipício. As aparições sinistras ao pé da colina.

O que diabos estava acontecendo com ela? Todos os elementos de seu sonho obviamente tinham relação com o que mantinha sua mente ocupada na vida real, mas isso não explicava porque sua mente criaria uma narrativa tão bizarra para lidar com eles. E porque era sempre a *mesma* narrativa.

Com um suspiro frustrado ela bateu a porta do armário e caminhou de volta para a cama com um *top* verde e uma saia *jeans* nas mãos. Da mesinha de cabeceira ela pegou o colar turquesa que usara ontem e o colocou de volta no porta-joias. O colar que usara ontem. O colar que fizera junto com Josh, seu *irmãozinho*. Que, por acaso, era seu amante em seus pesadelos... Por que sua vida era tão terrivelmente injusta?

Talvez um banho a animasse. Ela foi para o banheiro e tomou um banho longo e quente. Afinal de contas, Ben ainda dormia, então ela podia demorar o quanto quisesse.

Depois de se vestir, Hannah levou uma caneca de café para fora e desceu os degraus para encontrar um lugar na grama a fim de aproveitar o sol da manhã. Ela se encontrou bem onde estivera observando as estrelas com Josh dois dias atrás. Já estava

esquentando e o mundo estava acordando. Pássaros piavam nas árvores próximas à cabana.

Os olhos de Hannah moveram-se pelo jardim e captaram algo no canto do gramado. Algo turquesa parcialmente coberto pela grama. Curiosa, ela se levantou para olhar mais de perto.

Ela ficou boquiaberta quando viu o que era. Seu colar turquesa. Hannah curvou-se para pegá-lo. Seu corpo gelou de ansiedade. Mas aquilo era impossível. Ela sabia com certeza que o colocara de volta no porta-joias em seu quarto antes de vir para fora. Será que alguém estivera em seu quarto e mexera em suas coisas enquanto tomava banho?

Seu punho fechou-se com força ao redor do colar e as contas pressionaram-se contra sua palma. E então seus olhos notaram outra coisa – marcas de patas. Na areia ao redor do gramado havia pegadas claras de animais. Parecia que um cachorro tinha caminhado ao redor da cabana – ou um coiote.

Hannah respirou fundo antes de cair em prantos. Chorando desesperada ela foi ao chão com lágrimas escorrendo pelo rosto. Sério, o que estava *acontecendo* com ela? Os sonhos estranhos, os caras assediando-a, retornando para ela em diferentes formas e agora isso.

– Han! O que há de errado? – Ela olhou para cima e viu seu irmão correndo pelos degraus da varanda. Ele se ajoelhou ao seu lado e a envolveu em um abraço caloroso.

– Ben, estou ficando louca! – ela disse desolada. Pronto – agora pelo menos ela disse o que *ela* pensava. Agora ela não pisaria mais em ovos.

– Você parece fragilizada. Não sei o que há de errado, mas pode me dizer. Vamos lá, desembucha.

– É difícil explicar onde tudo começou. – Hannah voltou ao momento em que estivera sentada no carro cercada pelos bêbados circulando ao redor de seu Datsun como uma matilha de lobos. – Provavelmente quando aqueles caras me assediaram.

Seu irmão suspirou. – Eu achava que isso seria um problema em algum momento.

– Também tenho sonhos. – Ela continuou rapidamente antes de perder a coragem.

– Com aqueles babacas?

– Não. Com o Josh. – Hannah sentiu o calor subir por sua face.

– Bem, isso não é tão estranho, certo? – Ben sorriu.

– Sim, é. Me ouça. Nos meus sonhos eu moro nessa aldeia Navajo no passado e Josh também está lá. Parece que ele é meu amante nesse sonho. E toda noite ele tenta me salvar de soldados mexicanos atacando nossa aldeia e toda noite eu termino com ele à beira de um desfiladeiro.

– E os sonhos começaram depois que foi assediada?

Hannah assentiu. – É. Logo depois.

– Talvez você só esteja sentindo necessidade de ser protegida pelo Josh – filosofou Ben. – E você está sonhando sobre o passado porque você o tem ouvido falar bastante sobre a história Navajo ultimamente.

– Hum. Você pode estar certo. – Hannah soltou o ar. A explicação de Ben era melhor que a sua própria baboseira sobrenatural.

– Entretanto, acho que você deveria ir à delegacia amanhã e pedir o Serviço de Assistência à Vítima. – Continuou Ben. – Talvez eles não achem que seu caso é muito sério, mas não custa tentar.

Ele colocou a cabeça no ombro dele. – Obrigada.

Enquanto abraçava seu irmão, as contas do colar ficaram suadas em sua palma. Obstinadamente, Hannah silenciou a vozinha em sua mente que reclamava que alguma coisa não se encaixava. Ela provavelmente colocou o colar no bolso da saia em vez de no porta-joias e então deve ter caído. Simplesmente não havia outra explicação.

– Que horas Josh vai estar aqui para nosso passeio de barco até a Ponte do Arco-íris? – ela perguntou enquanto ela e Ben se levantavam.

– Ele não vai. Ele acabou de ligar para me dizer que estará esperando vocês no píer Wahweap ao meio-dia. É lá que Yazzie guarda seu barco.

– Ok, tudo bem. Vou esperar até Amber e Ivy acordarem. Ainda não vi nenhum sinal de vida na cabana dos Greenes.

Ben sorriu. – Se elas não estiverem de pé até as onze nós faremos uma visita tocando tambor e balançando chocalhos.

Rindo, eles caminharam de volta à varanda. Ben fez mais café para os dois. Ele se sentou com uma pilha de livros da faculdade e ligou o *laptop* para mostrar a Hannah as fotos que Katie enviara de Barcelona. Ver as fotos da namorada de Ben permitiu a ela esquecer um pouco as coisas, pelo menos no momento.

Amanhã ela iria à delegacia de polícia. Ben estava certo – ela precisava de qualquer ajuda que conseguisse.



Às dez para o meio-dia Hannah dirigiu com Amber e Ivy no banco de trás de seu Datsun. Nick e Ben não as acompanhariam hoje. Eles veriam a Ponte do Arco-íris durante sua trilha na próxima semana. Ela dirigiu rapidamente pela Lake Powell Drive e não demorou muito até o píer Wahweap aparecer à distância. Hannah estacionou seu carro ao lado da estrada que levava ao pequeno píer. As garotas andaram pelo caminho de asfalto, passando por pedras pontiagudas e terminando no quebra-mar onde o barco de Yazzie estava ancorado. Era meio-dia em ponto.

– Uau garotas, vocês chegaram bem na hora! – Josh apareceu no deque enquanto elas se aproximavam do barco. Ele usava *jeans* velhos com as pernas cortadas e chinelos gastos e seu cabelo estava preso em um rabo de cavalo. Claro que nesse calor ele estava sem camisa. O que não era motivo para ficar babando, Hannah censurou-se. Então ele andava para lá e para cá sem camisa. E daí? Ele estivera andando sem camisa no verão durante toda a vida. Nada havia mudado a não ser a percepção que ela tinha dele.

– E-ei. – Ela disse nervosa apesar da auto repreensão. – Como vai?

Josh lançou um sorriso tão dolorosamente brilhante que Hannah sentiu o coração parar. Quem será que ela estava tentando enganar com seu mantra ‘ele-é-só-seu-irmão’?

– Estou bem! – ele caminhou pela prancha de embarque para ajudar Amber e Ivy a entrarem no barco. Quando Josh pegou em sua mão para ajudá-la, ele a encarou. – *Sha’di*. Como você está? – ele perguntou suavemente. De algum jeito ele havia captado o humor estressado dela.

Ela sorriu de volta, desconfortável. – Estou bem. Conversei com o Ben hoje. Ele me fez prometer que vou passar na delegacia de novo e pedir o Serviço de Assistência à Vítima. Desde que fui atacada estou – vendo coisas.

Josh congelou. – Que tipo de coisas? – ele perguntou e de repente pareceu apreensivo.

Hannah olhou para os próprios pés. – Nada de especial.

– Se alguém te assustar – começou Josh. – Ou – alguma coisa. Você pode me contar?

Hannah o olhou curiosa, surpresa com o quão ansioso ele parecia. – É claro. Não acho que tenha com o que se preocupar. Está tudo na minha cabeça.

– Você promete? – ele insistiu.

– Sim, prometo. – Hannah quase teve vontade de cruzar os dedos atrás das costas. Claro que ela não tinha intenção nenhuma de contar para o Josh sobre os sonhos bizarros que ela vinha tendo com ele. Ela morreria de vergonha.

Ela acabara de pular da prancha de embarque para dentro do barco quando Yazzie caminhou pelo quebra-mar e embarcou também. – *Ya'at'eeh, biligaana*. – Ele disse, alegre, para as garotas. – Ei, *shitsílí*. – Ele disse para o primo.

– Ei para você também, *shinaaí*. – Respondeu Josh. Eles sempre usavam as palavras Navajo para irmão mais velho e irmão mais novo – ou primo; não havia distinção entre as duas palavras em Navajo – para falarem um com o outro. Yazzie e Josh normalmente usavam uma mistura de Inglês e Diné Bizaad para conversar entre si. Isso havia ensinado a Hannah várias palavras em verões passados. Caramba, talvez ela devesse começar a chamar Josh de *shitsílí* também – só para deixar clara a situação deles.

Josh afastou o barco enquanto Yazzie dava partida no motor e eles conversavam alegremente.

Não havia reverência ali. Aparentemente Yazzie não havia captado aquele lance de 'todos curvem-se perante Josh' que acontecera em Naabi'aani, pois tratava seu primo da mesma maneira. Ou talvez ele não estivesse nem aí. Yazzie nunca havia se importado com regras, escritas ou implícitas.

– Ponte do Arco-íris, aqui vamos nós! – ele berrou em pé ao lado do leme do barco. Hoje ele usava um chapéu preto e uma camiseta com o logo de alguma banda *punk*. Na verdade, ele fazia Hannah imaginar um pirata nativo.

– Só falta um papagaio – observou Josh naquele instante acompanhando o olhar dela.

Ela riu. – É, ou um tapa-olho.

– Yo-ho-ho, e uma garrafa de rum – grunhiu Yazzie.

Hannah recostou-se contra a borda do barco e encarou a água enquanto Josh vasculhava o minibar em busca de algo para beber. Ivy sentou-se ao lado dela e ligou sua câmera de vídeo. – Estou tão feliz que vamos visitar a ponte de arenito – disse ela com voz alegre de antecipação. – Prometi aos meus pais filmar tudo. – Ela filmou o barco deixando a marina e deslizando pelas formações rochosas vermelhas e marrons na costa. Logo eles estavam a caminho dos píeres construídos próximos à Ponte do Arco-íris.

A viagem de barco levou em torno de duas horas e as garotas aproveitaram para se bronzear no deque. Ainda bem que Josh havia decidido colocar uma camiseta, assim Hannah não tinha de ficar evitando olhar para seu corpo divino. A caminhada das docas até a Ponte do Arco-íris levou mais meia-hora.

Cada curva na trilha mostrou a eles novas cores e diferentes tipos de rochas e plantas. Ivy curtiu muito com a câmera emprestada do pai e Josh se divertiu apontando todo tipo de fenômenos geológicos para eles. Depois de um tempo eles simplesmente pararam de falar, mas Hannah não se importou – o silêncio e o calor intenso no caminho entre as rochas a faziam se sentir humilde. Quando, finalmente, avistou a ponte de arenito da qual ainda se lembrava de uma visita quando criança, ela parou onde estava. A Ponte do Arco-íris era como um cenário de fundo de um filme nativo americano e respirava tanto misticismo e sabedoria antigos que ela estava contente por não haver outros visitantes no local.

– Magnífico, não? – Amber arfou ao seu lado.

– É, essa é a palavra exata que eu usaria aqui – Hannah concordou com um sorriso.

Ela voltou a caminhar e foi para a sombra da ponte para observar os belos arredores. Parecia que ela estivera aqui antes do mundo descobrir esse lugar – um tempo muito anterior do que era possível que se lembrasse.

Seu devaneio foi interrompido por um uivo bem distante. Ela congelou. Seu coração foi parar na garganta. Ela não sabia muito sobre animais selvagens, mas definitivamente soava como um coiote. *De novo*, um coiote.

Em pânico ela se virou para Josh. Isso não ajudou. Para seu espanto, ele a olhou de volta com uma expressão de pânico, correu na direção dela e então mudou de ideia e parou. Ele ficou ali, a alguns passos dela, claramente debatendo consigo mesmo. De onde vinha a indecisão dele era um mistério, mas Hannah não tinha coragem de dar os poucos passos que os separavam para pegar na mão dele. Ele parecia completamente perdido. O que diabos estava errado?

Enquanto isso, Yazzie havia notado a ansiedade dela. Ele se apressou em acalmá-la. – Ei, não se preocupe. – Ele a tranquilizou. – Isso foi bem longe. São animais selvagens, mas nunca atacam humanos se estão em número menor. Isso é só um coiote.

– Você acha? – Ela perguntou incerta.

– Eu sei que sim. Só relaxe. – Ele colocou a mão no ombro dela. – Nós somos cinco, então não temos nada a temer.

Hannah olhou ao redor. É, talvez Yaz estivesse certo. Obviamente ela era a única que estava preocupada. Ivy nem olhou quando o coiote uivou e Amber estava ocupada tirando fotos de um pilar de rocha. Ela era a única assustada com o barulho. Ela – e Josh.

– *Shitsílí*? – Yazzie olhou preocupado para Josh. – Tudo bem, cara?

Josh olhou pasmo para o primo como se congelado antes de olhar para Hannah. Ele soltou um suspiro trêmulo. – É, estou bem – ele respondeu de maneira distante, – não se preocupe.

Antes de poderem perguntar qualquer outra coisa a Josh, ele se virou e saiu andando, desaparecendo por trás de um pendente do lado esquerdo da Ponte do Arco-íris. Yazzie deu de ombros e

engoliu um palavrão quando seguiu Josh. – *T'ahálo*! Espere aí! O que foi?

Hannah esperou por alguns minutos até que Yazzie retornasse com Josh a reboque. Quando isso não aconteceu, ela se dirigiu distraída para o outro lado da Ponte do Arco-íris e sentou-se com as costas apoiadas no interior do arco de arenito. Amber juntou-se a ela. – Esse lugar é realmente incrível – disse Amber maravilhada.

– É, é demais mesmo, né? – Hannah sorriu para Amber. –Feliz de ter vindo?

A ruiva assentiu. – Com certeza. Estou desapontada porque a Em não pode vir.

Hannah fez uma careta. Ela não suportaria ficar ouvindo as historinhas de amor de outra pessoa agora. – Aposto que logo irá vê-la.

Elas ficaram sentadas em silêncio por mais um tempo até que Amber decidiu levantar-se e perambular mais um pouco. Hannah estava contente em ficar ali; ela descansou a cabeça contra a pedra e ouviu músicas no iPod. Ela não queria ouvir mais nenhum uivo de coiote.

Rolando por sua *playlist*, Hannah escolheu uma canção melosa de sua coleção *New Age* e fechou os olhos para relaxar. O sol aquecia todo o seu corpo. Os arbustos ao redor remexiam-se com o vento e seu farfalhar combinava com a música de flauta que ouvia. Uma mosca pousou em sua testa e ela afastou o inseto com as mãos.

A próxima coisa que sentiu foi um vento gelado machucando seu rosto.

Com um arquejo, Hannah abriu os olhos. A paisagem à sua volta havia se tornado um paraíso invernal coberto de neve. Ela estava em pé agora ainda próxima à Ponte do Arco-íris. Ela usava botas de algum tipo de couro escuro nos pés. Flocos de neve grudavam em suas bochechas e derretiam quando tocavam em sua pele; o vento amargo queimava seus lábios. As pedras nas quais estava encostada estavam frias como gelo. E à sua esquerda estava a versão mais velha do Josh vinda de seus sonhos; ele usava uma pesada capa tradicional e calça de lã grossamente tecida. Ele a olhava com ansiedade.

E então ela ouviu uivos de coiote vindos de trás. Virando-se, Hannah viu três sombras estranhas paradas ali. Elas observavam a ela e a Josh com olhos assassinos que brilhavam vermelhos na pouca luz do fim de tarde de inverno.

Seu coração gelou. Uma das aparições deu um passo à frente e transformou-se em um coiote, pulando em direção a ela com os dentes à mostra.

– Deus, não, *por favor*.

Hannah acordou a si mesma com um grito e os punhos cerrados para defender-se de um ataque que não viria. Seus olhos se abriram com um estalo. Foi quando notou que ainda estava sentada com as costas apoiadas no arenito quente da ponte do arco-íris. Ainda era a mesma tarde de verão e Yazzie e Josh estavam ao seu lado, esse último com uma expressão mortificada.

Josh ajoelhou-se e passou a mão em seu cabelo. – *Sha'di*! O que há de errado?

Hannah olhou para ele. Estranho. Seus olhos estavam vermelhos como se tivesse chorando. Isso, de algum jeito, fez com que ela começasse a chorar. Ela não conseguia parar. Soluçando, Hannah jogou-se em seus braços, aconchegando-se a Josh.

– Tive um sonho terrível – ela sussurrou finalmente.

– Você adormeceu? – ele perguntou, surpreso.

Ela hesitou. – Bem, foi mais como uma visão, na verdade.

– Esse é um lugar sagrado – apontou Yazzie, agachando-se ao lado deles. – Alguns Diné vêm aqui nas jornadas de visão, mas não é comum que pessoas tenham visões sem estarem ativamente procurando-as através de meditação.

Josh franziu a testa. Ele lentamente soltou Hannah e se virou. – O que você viu? – Sua voz soava tensa mesmo ele tentando se manter calmo.

Hannah hesitou. O que ela deveria dizer? – Não quero falar sobre isso.

O olhar de Josh manteve-se em seu rosto. Ela via que ele queria perguntar mais, porém não o fez.

Ela mordeu o lábio. Há apenas algumas horas ela havia prometido contar-lhe se algo a estivesse preocupando ou assustando. Mas por onde começar? E como dizer as coisas de

maneira que não parecesse louca? Ela já havia desabafado essa manhã quando se abriu com Ben sobre seus medos irracionais. Isso teria de ser suficiente no momento.

– Logo passo em sua casa e faço um filtro dos sonhos para você, tudo bem? – disse Josh baixinho e apertou sua mão para assegurá-la. Ele demorou para soltar como se não quisesse deixá-la para trás quando finalmente se levantou e caminhou para longe. Ele, claramente, ainda estava abalado. Porque, ela não fazia ideia.

Yazzie ainda olhava para Hannah, analisando-a. – Talvez você seja bastante sensível para os espíritos à sua volta. Já viu coisas inexplicáveis antes?

Hannah recordou-se da semana passada. – Ultimamente, sim.

– Você pode ter um talento oculto para isso – ele disse.

Hannah deu um sorriso com uma careta. “Isso parece fantástico. – Posso trocar por outra coisa? Prefiro aprender a declarar o imposto de renda.

Yazzie riu entredentes. – Boa ideia. Nesse caso, você pode vir me ajudar na loja de ferramentas se quiser. – Ele se levantou e esticou a mão para puxá-la. – Venha, vamos dar um último passeio até o mirante.

Ivy e Amber juntaram-se a eles e todos escalaram a rocha que subia ao lado da ponte de arenito e, assim, tiveram uma bela vista da Ponte do Arco-íris e arredores lá de cima. Lentamente Hannah se acalmou e escutou a conversa alegre das vizinhas. Ela não fazia ideia de onde estava Josh, mas estava claro que ele precisava de um tempo sozinho. Seu comportamento absurdo a deixava cada vez mais confusa.

Às três e meia, Yazzie sugeriu que caminhassem de volta. Eles desceram do mirante e retornaram para a trilha que levava ao píer.

– Onde está Josh? – Ivy se perguntou em voz alta.

– Ah, ele voltou mais cedo. Ele disse que o calor o estava incomodando, então ele queria beber alguma coisa.

Yazzie manteve um passo constante e não demorou para que Hannah estivesse com tanto calor que ela mesma queria uma bebida. A garrafa de água em sua mochila estava quase vazia. Eles estavam exaustos quando fizeram a última curva e avistaram o barco de Yazzie ao longe. Eles encontraram Josh no deque ao lado

do leme observando a água. Hannah pegou cinco garrafas de água do minibar e entregou duas para Josh e Yazzie.

Josh levantou o rosto. *Ahe'hee*. Seu olhar estava distante. Ele se levantou e se posicionou atrás do leme. –Eu vou conduzir o barco, *shinaaí* – disse a seu primo.

Yazzie assentiu e olhou de relance para Hannah que claramente estava pensando que deveria ter uma conversa a sós com Josh.

Foi bom que Yazzie decidiu ele mesmo interrogar Josh sobre o que aconteceu na Ponte do Arco-íris, porque ela não sabia nem por onde começar.

Hannah levou as outras três garrafas para a proa onde Ivy e Amber estavam jogadas no deque. Ambas pareciam exaustas, porém satisfeitas. Hannah não conversou muito enquanto o barco se afastava da marina e velejava de volta para Wahweap. Uma sombra havia maculado esse lugar e isso a deixou imensamente triste. A Ponte do Arco-íris deveria ser um local sagrado, mas o que trouxera para ela foram horríveis visões. Tomara que Yazzie esteja errado sobre ela desenvolver um sexto sentido. Ela não precisa mesmo disso além de todo o resto.

Quando ela retornou para o leme, Josh havia fugido abaixo do convés para tocar música em uma velha guitarra que estava por aí.

– Ei, *biligaana* – Yazzie acenou para ela. – Pode pegar mais uma garrafa de água de água para mim? Estou me sentindo como uma fênix aqui. Você tem que manter o capitão vivo.

Hannah pegou outra bebida da geladeira e entregou a Yazzie. Ele sentou-se no deque, com uma mão segurando o leme e com a outra levando a garrafa aos lábios. – Então. Qual é o lance entre você e o Josh? – ele perguntou com a sutileza de uma marreta.

Hannah corou. – Como assim? – ela respondeu embaraçada.

Yazzie olhou para ela por debaixo do chapéu. – Ah, qual é. Posso parecer idiota, mas não sou cego.

Hannah suspirou, descontente. – Não tem lance nenhum – ela disse sarcástica. – Não sei mais como me comportar com ele.

– Bem, parece que ele tem o mesmo problema em relação a você.

– E daí? – Por que Yazzie estava falando sobre isso? Já não era vergonhoso o suficiente o fato de ela estar a fim do seu primo mais novo que a chamava de irmã mais velha na frente de todo mundo?

– Então se ele gosta de você e você dele, qual é o problema? – Perguntou Yazzie com uma sobrancelha erguida.

Hannah ficou boquiaberta. – Hum, que tal limpar os ouvidos? Você não percebeu que ele me chama de *sha'di*?

Yazzie a olhou sem expressão e depois começou a rir alto. – Não, não chama – ele disse finalmente.

– *Não*? Como assim, não? – Hannah exigiu saber.

Ele se recostou, olhando-a pensativamente. – Ele costumava te chamar de *sha'di* quando era criança, mas agora ele te chama de *shan díín*. Quer dizer raio de sol.

O estômago de Hannah revirou. Será que era verdade - Josh a estava chamando de raio de sol nos últimos dois dias? Um sorriso sem graça se espalhou por seu rosto. – Oh – ela disse estupidamente.

Yazzie sorriu de volta. – Quer dizer, nós, Diné, podemos ouvir o trocadilho com irmã mais velha, mas Josh não te chama mais assim. Ele transformou em outra coisa.

Uau. De repente ela se sentiu mais leve.

Yazzie piscou para ela. – Espero que nosso papo tenha sido útil.

– É – disse Hannah arquejando, decidindo que chutaria a bunda de Emily na próxima vez em que a visse. Será que sua melhor amiga não poderia ter lhe dito que Josh a chamava de raio de sol esse tempo todo?

Quando o barco retornou para a marina Wahweap, Ben os aguardava nas docas. Ele a abraçou apertado quando ela pisou em terra firme. – Ei, mana, como foi o dia?

– Estou bem. Nos divertimos. Então você sentiu tanto a minha falta que decidiu me esperar aqui?

– Claro. Estou contente que estejam de volta. Estava começando a me sentir como Gandalf sentado em uma cabana sozinho com pilhas de livros empoeirados como única companhia.

Hannah sorriu entredentes. – Admiro sua coragem.

– Estudar é bom para mim – Ben disse com entusiasmo, como se estivesse tentando convencer a si mesmo.

– Contanto que não traga os livros com você no acampamento – avisou Josh caminhando até eles. – Isso me preocuparia de verdade.

Bem zombou. – A mim também. Você não acha realmente que eu ficaria zanzando pela reserva carregando dez quilos de livros numa mochila? Isso seria razão suficiente para me internar!

Enquanto Ben e Josh caminhavam pelo píer e conversavam sobre os planos para a trilha, Hannah olhou ao redor para ver onde Ivy e Amber estavam. Talvez todos pudessem jantar juntos. Ela queria ficar perto de Josh mais um pouco agora que Yazzie havia explicado o significado do apelido. A vida parecia mais cor-de-rosa de repente.

Para sua decepção, Josh anunciou que iria direto para casa quando estavam no estacionamento. Ele evitou olhar para ela enquanto o disse. Ela não entendia o que estava acontecendo com ele. Será que ele ainda estava chateado com o coiote uivando na Ponte do Arco-íris? Isso não fazia sentido. Ela tinha *muito* mais razão para se sentir chateada depois daquela visão horrível.

– Vejo você logo". Ele deu-lhe um rápido abraço. – Se cuida, está bem?

Hannah assentiu e pressionou seu corpo contra o dele por alguns segundos a mais que o normal.

Quando Josh se foi, ele a deixou em Wahweap com incontáveis perguntas sem resposta.

Dez

A viagem à Ponte do Arco-íris e suas terríveis visões fizeram Hannah tomar um comprimido para dormir naquela noite. Sempre que Hannah tomava um sonífero ela não sonhava.

Ela nunca se sentia bem após uma noite de sono induzida por medicamentos. Com a cabeça ainda um pouco sedada e zonza, ela entrou na cozinha na manhã seguinte.

– Ei – Ben a cumprimentou e fechou um de seus livros da faculdade. – Vou sair para comprar uns equipamentos de camping com o Josh. Você vai ficar bem?

– Sim, vou almoçar com a Emily – Hannah hesitou. – Diz oi pro Josh, ok?

– Pode deixar. – Ben fez um joinha. – Divirta-se com a Em e passe na delegacia de polícia quando puder.

Hannah assentiu e foi até a geladeira para pegar um suco. Enquanto ela se servia, ouviu o barulho do celular no quarto. Ainda grogue ela foi até lá e leu a mensagem de texto. ‘oi han! pode chegar @2? nick tb vai. xoxo em’.

Ela respondeu a mensagem e sentiu que a cabeça começaria a doer. Parece que ela só tinha duas opções - terrores noturnos ou sentir-se um lixo o dia todo. Talvez ela pudesse diminuir o remédio para dormir da próxima vez. Meia dose provavelmente funcionaria.

Hannah sentou-se à mesa do lado de fora e observou o lago. Uma olhada no celular informou-lhe que era quase quinze para meio-dia. Ela ainda precisava dirigir até Page e contatar a polícia novamente – afinal de contas, prometera a Ben – mas acabara mudando de ideia sobre a coisa toda. O Serviço de Assistência à Vítima era para as vítimas, e nada havia acontecido com ela na verdade. O policial Curry era um cara legal, mas incrivelmente desqualificado para lidar com visões estranhas, sombras à espreita ou sonhos com coiotes e mexicanos assassinos.

À uma e quinze, Hannah se aprontou para ir até o *Grassroots* para encontrar-se com Emily. Ela entrou e avistou a amiga sentada

à mesma mesa de antes.

– Ei, Em! Nick ainda não chegou? – Hannah puxou uma cadeira e se sentou.

– Ele vai se atrasar. Acabou de me enviar uma mensagem.

– Ah, sem problemas. Na verdade, precisamos de alguns minutos a sós, garota. Quero te culpar oficialmente por esconder coisas de mim. Você é a pior melhor amiga de todos os tempos.

– Hã? Por quê? – Emily ergueu as sobrancelhas.

– Tipo, você poderia ter me avisado que Josh estava me chamando de 'raio de sol' nos últimos dias?!

Emily lhe dirigiu um olhar desconcertado. – Oh, eu achei que ele te contaria em algum momento. Ou que você perguntaria a ele. Apelido fofo, né?

– Hum, não. Eu achei que ele estava me chamando de irmã mais velha.

– Por que ele faria isso? Não está na cara que ele gosta de você?

Hannah parou e corou. – Você... você acha mesmo?

Emily deu um suspiro dramático. – Sim. Acho mesmo. E você também. Qual é, admita. Até uma toupeira com uma venda nos olhos consegue ver que ele está interessado em você, sua doida. Não fazia ideia que você tinha confundido as coisas, senão teria lhe dito.

Hannah mordeu o lábio. – Tudo bem, espero que tenha razão. Ele ficou tão distante ontem, de repente. Coisas estranhas aconteceram na Ponte do Arco-íris.

– Oh? – Emily pegou em sua mão. – Na verdade, queria te perguntar. Na noite passada Amber estava me perguntando sobre pessoas sem aura e ela chegou discretamente em mim e me disse que eu deveria perguntar para você se quisesse saber mais. Então, aqui estou eu, querendo saber mais.

Hannah sentiu um sorriso se formar nos lábios. – Espere aí, Em. Quando, exatamente, encontrou-se com Amber?

Emily ficou ela mesma um pouco vermelha. – Foi ontem, tarde da noite – ela murmurou evasiva. – Depois do trabalho. Eu a encontrei... nos encontramos na praia.

Hannah fingiu um suspiro escandalizado. – Você *realmente* é a pior melhor amiga de todos os tempos! Você não me conta mais as coisas, nem mesmo sobre um encontro secreto com a minha vizinha.

Emily pigarreou e balançou a cabeça. – Vamos esquecer isso por um minuto, tudo bem? – ela disfarçou. – Primeiro eu quero saber sobre as coisas estranhas que você acabou de mencionar.

Isso é que é mudar de assunto. Agora ela teria de confessar que estava mesmo ficando louca – não haveria maneira de contornar isso. Hannah olhou à sua volta furtivamente e suspirou quando a porta se abriu e Nick entrou no café. – Vamos esperar até todos estarmos sentados – ela postergou.

– Minha dissertação está bem avançada – sorriu Nick e sentou-se à mesa. – Deveria mesmo. Vou naquela trilha pela reserva com Ben e Josh. Vai durar três dias, eles disseram. E como *vocês* estão? Sério, parece que você foi atingida por um carro. – Ele lançou para Hannah um olhar questionador.

Ela deu de ombros e encarou as próprias mãos como se a resposta estivesse escrita ali. – Só estou muito cansada. Não dormi muito bem. Ontem, na Ponte do Arco-íris, ouvi um uivo de coiote ao longe. Josh também ouviu e me olhou assim... muito *ansioso*, como se estivesse em pânico e quisesse me proteger. Mas não o fez. Ele ficou longe de mim. Yazzie também achou que ele estava esquisito. Depois desse incidente Josh ficou afastado a tarde toda.

– Coiotes? – Nick franziu a testa. – Não vimos coiotes na sua cabana também, antes de irmos ao rodeio? Ou eram só cachorros?

Hannah respirou fundo e tentou conter a sensação de terror. Na sua cabeça, ela reviveu o momento em que a sombra em sua visão se transformou em coiote. – Não sei – ela admitiu derrotada. – Eu, simplesmente, não sei. Vocês acham que estou recebendo algum tipo de alerta sobrenatural?

Emily arqueou a sobrancelha. – Por que sobrenatural?

– Bem, eu meio que apaguei na Ponte do Arco-íris. Não tem outro jeito de explicar. Em um momento eu estava relaxando ao sol e no próximo tive uma visão de uma paisagem de inverno e três figuras de sombras assustadoras me observando. Uma delas mudou de forma. Ele se transformou em um coiote.

– Você estava em transe? – perguntou Nick, surpreso.

– Algo assim, é.

– Acontece durante jornadas de visão também – disse ele folheando seu caderno. – Imagens do passado são revividas como se estivessem acontecendo no presente – ele leu em suas anotações.

Hannah engoliu em seco. Lentamente a ficha começou a cair. Os sonhos e a terrível visão pareciam vindos do mesmo período – do passado. Josh parecia o mesmo, como se tivesse trinta anos. Será que ela estava mesmo vendo coisas que haviam acontecido no passado?

– Mas... o que eu fiz para ver essas imagens? Fico sonhando com coisas que nunca vi antes, mas elas parecem tão reais então não acho que minha mente está inventando. Por que eu deveria...

Suas palavras ficaram engasgadas quando a garçonete trouxe a quiche que pediram. Ótimo. Ela parecia uma idiota tagarelando sobre avisos sobrenaturais e aparições no meio de um café.

Emily colocou uma mão no braço de Hannah em apoio. – Quer saber? Preciso estar em Naabi'aani hoje e amanhã de manhã, mas posso ir direto para sua casa amanhã à tarde. Fico com você por umas noites enquanto Ben está fora. Aí nós vamos decifrar isso. Podemos fazer uma lista de tudo o que viu e sentiu e tentar dar um sentido a tudo isso. Não pense que está delirando – espiritualidade é uma constante em nossa cultura, então, pelo menos, você se integra com os nativos americanos.

Nick colocou o braço ao redor dos ombros dela. – E eu vou tentar falar com Josh sobre o que aconteceu na Ponte do Arco-íris durante a nossa trilha. Talvez ele seja mais sensível às coisas espirituais por ser um curandeiro e tal. Entretanto, posso te dizer uma coisa – ele gosta de você. Não preciso de uma bola de cristal ou tarô para te dizer isso.

Hannah corou. Então Nick também enxergava isso. Ela era a única que estava andando por aí com os olhos vendados? – Obrigada, pessoal. Vocês são os melhores amigos de todos os tempos.

Enquanto isso, uma tempestade começara lá fora. Depois do almoço Hannah caminhou de volta na chuva de verão, feliz por estar

refrescando sua mente nebulosa. Seu coração acelerou quando se aproximava da cabana. Talvez Ben estivesse de volta junto com Josh.

Ela se entristeceu quando viu a garagem vazia, mas forçou-se a não se sentir desapontada. Assoviando, ela fez uma lista de compras e entrou no Datsun para dirigir até o supermercado em Page. Felizmente, ela encontrou uma vaga próxima à entrada.

Ainda cantarolando, Hannah empurrou o carrinho pelos corredores e decidiu fazer um estoque de hambúrgueres da seção de comida congelada. Talvez Ben quisesse organizar outro churrasco depois que voltasse da trilha.

Quando saiu da loja com duas sacolas cheias no carrinho, o céu estava claro e ensolarado. Próximo à sua vaga outro carro aguardava com a seta ligada.

– Está saindo? – o jovem atrás do volante perguntou. Ao seu lado estava outro rapaz que se parecia muito com ele. Um homem mais velho que claramente era pai deles estava sentado no banco de trás. Por alguma razão todos a olhavam de cima abaixo.

Hannah assentiu. – Sim. Só preciso colocar as compras no porta-malas.

O rapaz sorriu. Seus olhos eram penetrantes e Hannah piscou, desconfortável. Por que ele a olhava daquele jeito? Na verdade, por que *todos* a encaravam?

Ela se virou e abriu o porta-malas para guardar as compras. Ela podia sentir o motorista observando-a. Um formigamento entre os ombros lhe informava que estava sendo observada. Quando Hannah deu uma olhada furtiva por cima do ombro, viu que o irmão gêmeo e o pai também a encaravam com o mesmo olhar penetrante. Seis olhos gélidos estavam virados para ela.

Seu coração batia ansioso. Ela rapidamente guardou o último pacote de hambúrgueres congelados em uma das caixas no porta-malas e murmurou: – já volto – antes de empurrar o carrinho de volta até a entrada da loja tentando manter-se impassível.

Isso era loucura. Por que ela estava sendo paranoica? Aquelas pessoas a *assustavam*. Mas, por quê? Não havia nada errado. Aquela família só estava esperando ela sair. Eles só queriam que

ela se apressasse. Hannah enxugou as palmas suadas na calça praguejando internamente.

Após retornar o carrinho ela caminhou deliberadamente devagar para recuperar o fôlego. Quando retornou ao Datsun os gêmeos e seu pai haviam desaparecido. Provavelmente cansaram de esperar. Ela não foi rápida o bastante para eles. Bem, melhor assim. Ela estava feliz de ter se livrado do trio com seus olhos penetrantes assustadores. Havia algo profundamente perturbador neles.

Durante a volta começou a chover. No meio do caminho ela teve de levantar a capota do carro. Quando Hannah estacionou na garagem Ben ainda não tinha voltado.

'Estarei em casa depois do jantar', dizia uma mensagem de texto em seu celular. Ela deixou o treco na mesa da cozinha.

Decidida a não se sentir vazia e negligenciada, Hannah saiu para pegar as compras no carro e depois sentou-se para tomar uma xícara de chá, comer *cupcakes* e assistir a um documentário da National Geographic. Era a primeira vez que ligava a TV nessas férias – estava na hora de uma distração fútil.

Durante a noite o céu se abriu novamente. Quando escureceu e Hannah sentou-se do lado de fora com uma pizza e uma lata de cerveja, algumas estrelas estavam visíveis. A oeste ela viu o planeta Vênus brilhando no horizonte. Isso a recordou de olhar as estrelas com Josh. Ele falara sobre as constelações no céu. Ele sussurrara a ela que se fechara para a família. Engraçado como aquela história da distância entre ele e seus pais os havia aproximado.

Logo após as nove horas, o Chevy de Ben apareceu na esquina. Ele buzinou e acenou alegremente para Hannah, que estava sentada lá fora.

– Jantou sozinha? – ele perguntou, inclinando a cabeça para os restos de pizza em seu prato.

– Você ainda não comeu? – Hannah disse surpresa. – Achei que estivesse em Naabi'aani jantando com Josh.

Ben balançou a cabeça. – Não, Josh teve que ir para Tuba City à tarde pegar uns formulários da faculdade e eu prometi a ele que passaria no Yazzie em Wahweap para conseguir uma permissão.

Sabe, para fazer trilha na reserva. Ele consegue um desconto. Josh queria ter um tipo de autorização oficial do departamento de turismo porque está levando eu e Nick por três dias. Não queremos roubar o emprego dos guias oficiais e não pagar nada para ninguém.

– Bom, você quer que eu faça uma pizza para você?

– Isso seria incrível. Quero estudar mais um pouco essa noite, então um pouco de combustível seria bom. – Ele indicou com a cabeça a pilha de livros em cima da mesa.

– Uau. Quem é você e o que fez com meu irmão? – Hannah gargalhou.

Ben sorriu, embaraçado. – É, o Josh meio que me inspirou. Ele está muito sério em relação à faculdade, sabe. Conversamos bastante sobre o sistema educacional na nação Navajo. Josh quer estabelecer algum programa para estimular os jovens a terem uma educação formal e estarem mais preparados para o mundo lá fora. Para que não cheguem perto de drogas, juntem-se a uma gangue ou fiquem desempregados. Ele diz que a nação precisa de mais escolas. Sua ideia mais recente é fundar uma faculdade em Kayenta com algumas outras pessoas quando for mais velho.

– Uau. Ele realmente está investindo nisso.

– É, parece que sim. – Ben deixou a mochila cair no chão e remexeu seus conteúdos. – Ah, antes que eu esqueça - Josh me entregou isso. Ele disse que é para você.

Hannah sorriu surpresa quando seu irmão lhe entregou um saco de papel marrom. – Mesmo? O que é?

– Ele disse que tem materiais aí para fazer um filtro dos sonhos. Ele vai te ajudar a fazer um quando voltarmos da reserva.

Hannah corou. – Legal. Agradeça a ele por mim quando o vir amanhã, está bem?

Ela abriu o saco curiosa. Dentro encontrou um círculo de galhos entrelaçados, um cordão de couro marrom, barbante fino, penas, fios prateados e contas vermelhas. A coleção já parecia bonita. Com certeza, Josh transformaria isso em um filtro dos sonhos incrível.

Depois de colocar o pijama e se arrastar para a cama, Hannah olhou indecisa para os remédios para dormir. Esse caminho a levaria para mais uma enxaqueca de manhã. Talvez ela devesse tentar dormir sem as pílulas.

Afinal de contas, não poderia ser muito ruim.



Poderia, sim.

Naquela manhã ela acordou gritando e sentou-se de um salto na cama. Desnorteada ela encarou o rosto ansioso de Ben. Seu irmão estava sentado na beira da cama e suas mãos estavam ao redor dos ombros dela.

– Qual é o problema? – A voz dela falhou. Sua boca estava tão seca que ela começou a tossir. Ben entregou a ela o copo com água que estava ao lado da cama - a água que ela não havia usado na noite passada para tomar o remédio. Ela engoliu com avidez.

– Você estava sonhando – ele respondeu, enxugando o suor de sua testa com uma mão. Só agora Hannah se deu conta de como seu pijama estava ensopado e grudava em suas costas.

– Por que está aqui? – ela perguntou confusa.

– Você estava gritando feito louca v Ben chacoalhou a cabeça desacreditado. Eu juro, parecia que alguém estava assassinando você. Achava que encontraria alguém no quatro com você.

– Eu gritava por socorro? – sussurrou Hannah e jogou os cobertores longe. Ela ainda sentia muito calor.

– Não, você ficou gritando 'Vão embora!' E você chorava. – Ele esfregou o rosto e suspirou e seu olhar foi para as pílulas no criado-mudo. – Você tomou?

– Não na noite passada.

Ben ficou em silêncio. – Estou muito preocupado com você – disse ele finalmente, e puxou Hannah para um abraço. – Ouvi você gritar algumas noites atrás, mas nem de longe foi tão ruim como hoje. Tudo começou depois que ficou isolada no lago.

– Estou preocupada também – disse ela timidamente. – É como se estivesse perdendo a cabeça. Quer dizer, qual é o problema? Uns babacas bêbados me ameaçam e eu os assusto com uma arma que nem estava carregada. Por que eu deveria encanar com isso?

Ben suspirou. – Gostaria que você pudesse se acordar do pesadelo. Eu geralmente faço isso quanto tenho um sonho bem ruim.

– Acorda a si mesmo? Como?

Ele riu. – Bem, você pode fazer isso com uma condição - você tem que estar ciente de que está dormindo. Se quiser verificar, olhe para suas próprias mãos no sonho.

Hannah franziu a testa. – Por quê?

– Porque nunca consegue contar os dedos de sua própria mão em um sonho. Assim que tentar e falhar, você acorda.

– Uau. – Ela balançou a cabeça. – Interessante. Infelizmente, nunca estou ciente de que estou sonhando. Sempre acho que é real.

Ele acariciou a cabeça dela. – E você não lembra com o que sonhou?

– Não. Nadinha – ela soltou.

Ben levantou. – Olha, eu tenho que ir. Nick está me esperando. Mas falo com você mais tarde. Volto aqui antes de ir para a reserva encontrar o Josh.

– Obrigada, Bem – disse Hannah baixinho. – Por tudo.

– Emily virá, certo? Converse com ela sobre isso. Tome essas malditas pílulas, mesmo que não goste delas. Passe na delegacia – e depois que o Josh fizer um filtro dos sonhos para você, pendure-o ao lado da cama, tudo bem?

Hannah assentiu e acenou fracamente para Ben enquanto ele saía pela porta. Deus, seu corpo todo estava coberto de suor. Ela tinha de sair da cama e tomar um banho. Isso a faria se sentir melhor.

Quando o jato quente atingiu suas costas e ela fechou os olhos, Hannah se lembrou do pesadelo.

Ela estava no topo de um morro no meio de uma tempestade. Era próximo àquele precipício conhecido com vista para um desfiladeiro muito parecido com o Desfiladeiro de Chelly na reserva. Muito tempo atrás ela visitara aquele lugar com sua mãe e Ben, mas ela ainda se lembrava de como era. No sonho, nuvens negras passavam pelo céu e aquelas três sombras sinistras estavam à sua frente. Elas tinham uma aparência tão aterrorizante que só a memória de tê-las visto a fez perder o fôlego. Maldade pura radiava de seus rostos.

Em seu pesadelo, as três criaturas a levaram até a beira do precipício com seus olhos radiando vermelho e os dentes à mostra.

De repente, insetos rastejavam por seus braços. Ela podia senti-los andando por sua pele, entre os cabelos, embaixo dos pés.

Foi aí que o sonho acabara, pois foi quando Ben a acordara. Hannah respirou fundo e abriu os olhos. Ela fraquejou, foi ao chão do box do chuveiro e colocou os braços ao redor dos joelhos. Apesar da água quente jorrar sobre ela, ela estava tremendo.

Dessa vez ela não esconderia nada quando falasse com Emily. Ela descreveria os mínimos detalhes de seus sonhos e visões e contaria a Em os medos que a atormentavam durante o dia, que permaneciam constantemente nas extremidades de sua mente. E ela contaria à amiga sobre as coisas estranhas que estavam acontecendo.

Alguém realmente roubara seu colar e o colocara no gramado lá fora. Ela esbarrara com três repugnantes lenhadores sem aura no supermercado. Três coiotes apareceram na cabana para encará-la abominavelmente. E, para ajudar, tinha algo muito esquisito com aquelas três pessoas que a esperavam no estacionamento do Safeway. Ela simplesmente *sabia*.

Rapidamente, Hannah saiu do chuveiro e vestiu o *top* do biquíni e uma saia curta. Era hora de sair daqui e deixar as horríveis memórias de seu pesadelo para trás por um tempo. Sentar em uma praia ensolarada iria animá-la.

Na cozinha, ela serviu-se do restante do café que Ben havia deixado no bule. Um potinho de iogurte serviu de um café-da-manhã leve. Hannah tomou seu iogurte distraída e olhou pela janela. Ela deveria levar bastante protetor solar, seu iPod, um livro, e...

Ela deteve os pensamentos quando notou uma motocicleta conhecida subindo a estrada para sua casa. As batidas de seu coração aceleraram.

Era Josh. O que ele estava fazendo aqui? Não era para ele aparecer por aqui hoje! Ela engoliu em seco e colocou o café de lado. Caminhou até a porta da frente antes de mudar de ideia e voltar para a mesa da cozinha.

Talvez ele nem entrasse. Talvez ele fosse embora quando visse que o carro de Ben não estava lá. Talvez ela devesse ter colocado mais roupas. Uma combinação de *top* de biquíni e saia curta definitivamente não estava na sua lista das dez melhores roupas

para se ter conversas desconfortáveis. Ela estava há dias nervosa em ver Josh novamente e isso *não* ajudava.

Naquele momento a porta se abriu.

– Ei – disse Josh suavemente e entrou.

– Oi – ela respondeu tão suave quanto ele. Ela pigarreou e foi em direção à parede para pegar a lata de lixo e jogar o pote vazio de iogurte que segurava.

– Ben não está aqui – ela continuou, olhando para Josh. Um calor subiu por sua face quando ela viu que o olhar dele se demorou um pouco em seus seios antes de voltar para seu rosto.

– É. Eu, hum, percebi – ele gaguejou. – O carro dele não está aqui.

Hannah não deixou de notar uma ponta de insegurança na voz dele e, de repente, ela percebeu. Josh também estava nervoso com essa conversa. Talvez não tão nervoso quanto ela – ela não achava humanamente possível – mas mesmo assim.

– É – ela conseguiu coaxar. – Ele foi para Page. Para pegar o Nick.

Josh assentiu e respirou fundo ao dar um passo em direção a ela. – Hannah. Quero dizer que sinto muito.

No silêncio que se seguiu, ela sentiu o estômago ficar pesado. – Sente muito por quê? – disse ela, finalmente, com voz apertada.

Josh passou uma mão no cabelo e soltou uma risada nervosa. – Por estar tão esquisito perto de você. Vejo que te deixa nervosa. Mas não consigo evitar. – Ele olhou para os próprios pés. – Gostaria de poder ser normal perto de você. Sabe, como eu costumava ser.

O coração dela batia desvairado no peito. Então Josh achava que ela queria que as coisas voltassem ao normal. Bom, quem poderia culpá-lo? Ela travava ou se desesperava sempre que ele tentava transformar isso em algo mais do que era.

Hannah mordeu o lábio. – Não sei como agir com você também. E às vezes sinto que você está tão distante, sabe, como se estivesse se escondendo?

Ai, quanta ladainha! Ela tinha de chegar ao ponto.

– É difícil para mim estar perto de você, porque gosto demais de você. – Pronto, ela disse.

Josh olhou para cima com olhos arregalados e deu outro passo em direção a ela. E então ele gentilmente acariciou sua bochecha com dedos leves e tocou a pele de sua cintura com a outra mão, lentamente subindo para suas costelas. Um arrepio passou por ela. Quando seus olhos castanhos prenderam-se nela, ela tinha certeza de que seu coração nunca batera tão rápido assim.

– Mesmo? – sussurrou ele tão cheio de desejo que quase trouxe lágrimas aos olhos dela. Josh cobriu a pequena distância entre eles e pressionou seu corpo contra o dela.

O coração dela pulou. Então ele a beijou na boca, suave e quente. Ela fechou os olhos e se apertou contra ele para encontrar sua boca e beijá-lo de volta. Hannah o ouviu perder o fôlego e ele pressionou sua boca à dela com mais urgência. Ela lhe envolveu a cintura e passou um braço por baixo de sua camiseta para acariciar a pele quente de suas costas. Ele a pressionou contra a parede e uma de suas mãos percorreu seu corpo e brevemente moldou seu seio antes de parar em seu pescoço. Ela gemeu quase que imperceptivelmente. Josh acariciou o ponto sensível atrás de sua orelha e passou os dedos por seus cabelos.

Isso era melhor do que ela imaginara. Ela nunca fora beijada tão cautelosa e delicadamente, tortuosamente devagar e tão sensual ao mesmo tempo. Isso não deveria acabar nunca. Hannah suavemente puxou Josh para mais perto e continuou receptiva a seus beijos. De algum jeito, parecia que eles eram amantes que haviam sido separados por anos e tentavam recuperar o tempo perdido em curtos momentos. Ela o beijava e o acariciava por toda parte, mantendo os olhos fechados para que o momento durasse para sempre. Ela tinha a impressão de que se olhasse para ele, tudo desapareceria.

Quando Josh finalmente se separou, ele continuou segurá-la com o rosto próximo ao dela. Contrariada, ela abriu os olhos e o olhou de perto.

– Poderia beijá-la o dia todo – ele sussurrou. Ele tocou a bochecha dele é sua respiração desacelerou. – Mas tenho medo. Medo que terei que falar quando pararmos de beijar. – Ele fechou os olhos. – Medo que terei que explicar porque às vezes fico distante.

– Então não faça isso – respondeu Hannah. – Não pare. Você não tem que falar se não quiser.

Josh deu um sorriso tão doce que ela sentiu um frio na barriga. Ele se inclinou e deu leves beijos em sua bochecha, em sua testa e em suas pálpebras fechadas.

– Nunca me senti tão ligada a ninguém, sabia? – ela suspirou sem fôlego no ouvido dele.

Ele passou o braço em volta da cintura dela. – Não me sinto assim há muito tempo – ele confessou com voz rouca e de algum jeito, não pareceu estranho. Era como se Josh esperara todos esses anos para ela retornar à reserva.

Ele a olhou nos olhos. – *Ayor anosh'ni* – ele sussurrou bem baixinho.

Hannah fechou os olhos e saboreou as palavras. Ele sempre a amara, mas agora era diferente. Agora era muito mais.

E então uma onda de tontura tomou conta dela do nada como se alguém lhe dera uma bofetada na cabeça. Em um momento ela viu o rosto mais velho de Josh - o rosto de seus sonhos. O Josh que tentara salvá-la noite após noite e suspirava que a amava em Diné Bizaad.

Ela abriu os olhos de repente. A visão fora tão real. Ela olhou para Josh e tremeu quando ele olhou de volta com a mesma expressão chocada. Ele deu um passo atrás e soltou das mãos dela.

– Josh – ela gaguejou confusa. – Qual é o problema?

Ele mordeu o lábio com um olhar de tristeza. – Nada. – Ele acariciou as costas da mão dela e suspirou fundo. – Me dê tempo.

– Tudo bem – concordou Hannah apesar de ficar confusa com a mudança repentina de humor dele. Não importa o quanto ele agia de maneira estranha, valia a pena ter paciência por ele.

De repente, o som do motor do Chevy do Ben interrompeu o abraço deles. Hannah olhou pela janela.

– Ben está de volta – ela disse.

–É. – Josh pigarreou. – Não vim aqui ver *ele*.

Ela corou. – Oh.

Ele sorriu e ficou um pouco vermelho. Lentamente ele a soltou.

– Então, quer escapulir antes de ele entrar? – Hannah riu nervosa.

Josh trabalhou. – Não, tudo bem. Eu fico.

Quando Ben e Nick entraram na cozinha, Hannah sentava à mesa de jantar e Josh apoiava-se contra o balcão bebericando o café que ela deixara ali.

– Ei! – Ben ergueu as sobrancelhas. – O que você faz aqui?

– Íamos nos encontrar aqui, certo? – Josh perguntou tentando parecer confuso.

– Hum, não. Íamos nos encontrar em Naabi'aani. O que parece mais lógico. Para mim, pelo menos.

– Não vamos pegar umas coisas com Yazzie?

– Nick e eu nos oferecemos para fazer isso. – Ben sorriu. – Idiota.

– Ah, bem. – Josh deu de ombros. – Vou me juntar a vocês então, já que estou aqui.

– Vamos sair agora? – perguntou Nick.

– Yazzie não vai aprontar nossas coisas antes das onze. – Ben olhou para o relógio. – Vamos tomar alguma coisa e rever a lista para verificar se temos tudo. – Ele virou para Hannah. – Vai para a praia?

– Sim, daqui a pouco. Quero fazer uns sanduíches antes de ir.

Ela levantou, foi até o balcão e alcançou o vidro de pasta de amendoim atrás de Josh. Seu braço encostou no dele é ela sentiu um formigamento agradável pelo corpo. Ela olhou de lado. Josh retornou seu olhar secreto e deu um leve sorriso. Ela corou e desviou os olhos. Ele realmente tinha o poder de fazer subir sua temperatura. Que pena que estava indo para aquela trilha hoje.

Quando Hannah saiu e passou por Ben na varanda, ele a parou. – O que foi aquele olhar que compartilhou com Josh na cozinha? – ele questionou e olhou para ela com um sorriso divertido.

– Que olhar? – ela perguntou inocentemente.

Ben inclinou a cabeça. – Há quanto tempo ele estava aqui quando eu voltei?

– Tempo suficiente – Hannah respondeu com as bochechas vermelhas ela não conseguiu conter um sorriso quando Ben pegou sua mão e apertou.

– Ótimo. – Ele deu um sorriso brilhante. – Estou feliz por você. Sem contar que estou livre. Agora não tenho mais que dar meu sermão ‘dá em cima da minha irmã, sua lesma!’

Hannah caiu na risada. – Você ia fazer isso? Que meigo.

– Claro, mana. – Ele a olhou sério. – Fique bem, tá? Prometa que vai falar com a Em é ir até a polícia.

– É, vou sim. – Ela estava ansiosa para se encontrar com Emily - ela teria algo para contar além de histórias de assédio.

Após Josh, Ben e Nick saírem para Wahweap às quinze para onze, Hannah trancou a cabana e caminhou até a praia cantarolando. Seus problemas não desapareceram por completo, mas essa manhã a animara - bastante.

Onze

Naquela tarde, o carro dos Greene dobrou a esquina ao mesmo tempo em que Hannah retornava da praia. Paul buzinou e acenou para ela enquanto estacionava. Poucos segundos depois a família saía do carro, todos parecendo bronzeados e animados. Exceto Ivy, Hannah notou enquanto alterava sua trajetória para cumprimentar os vizinhos. A garota mais velha parecia doente.

– Como foi Monument Valley? – perguntou Hannah.

– Incrível – respondeu Ivy. – Mas muito quente para mim. Estou com uma dor de cabeça fortíssima. Amber acha que estou com insolação.

– Vai se juntar a nós para o jantar hoje, Hannah? – disse Sarah calorosamente. – Amber também convidou Emily, então seria muito triste se você ficasse sozinha na porta ao lado.

Enquanto isso, Ivy entrou para se deitar. Paul e Sarah voltaram para o carro para ir até Page comprar alguns mantimentos e Amber caminhou com Hannah até a outra cabana para que pudessem continuar conversando sem incomodar Ivy.

A motocicleta de Yazzie na entrada capturou a atenção de Amber. – Ei, quem deixou a moto aqui?

– Foi o Josh. – Hannah não conseguiu evitar ficar um pouco vermelha. – Ele estava aqui essa manhã.

Os olhos de Amber se arregalaram. – Espera um pouco. Por que essa cara envergonhada?

– Bem... ele veio aqui para conversar. Comigo.

– Ahã – Amber pressionou. – E?

– E ele queria se desculpar por estar tão esquisito comigo ultimamente.

– Então? Conseguiu?

– Sim, ele conseguiu. Não consegui mais ficar brava depois que ele me beijou.

Um sorriso tão grande se abriu no rosto de Amber que quase não lhe cabia. – Ai, meu Deus! Isso é *incrível*! Estou tão feliz por

você.

– Eu sei, né? Estou tão feliz. Mas também estou confusa. Todos aqueles sonhos que tenho com ele – e eu sei que ele afasta as pessoas, mas não sei porquê.

– Bem, você tem o verão todo para descobrir. Não me preocuparia com isso.

– O comportamento dele não é o que mais me preocupa. São os meus pesadelos.

– Eles estão piorando?

Hannah ficou em silêncio. Da última vez que falara com Amber sobre seus sonhos, ela havia visto apenas Josh e a aldeia primitiva sendo atacada. Nesse meio tempo, a terrível visão da paisagem nevada e os metamorfos na Ponte do Arco-íris haviam entrado em cena. Amber ainda não sabia sobre isso – somente Emily e Nick ouviram essa parte.

– Nem consigo mais dormir sem tomar remédios – ela murmurou. – Pelo menos quando tomo um sonífero, durmo tão profundamente que não sonho. Ou então não lembro. Sem eles tenho pesadelos tão horríveis que grito enquanto durmo. Ben me acordou hoje de manhã porque eu estava berrando e chorando.

Amber olhou para ela perplexa. – Caramba! Então sobre o que você sonhou?

Hannah sentiu um arrepio apesar do calor. – Não sei bem explicar. Tem sempre esse sentimento de perigo. Soldados estão atacando a aldeia e assassinando pessoas. Mas, nos meus últimos pesadelos, havia essas aparições que pareciam sombras. Sempre tem três deles. Eles ficam olhando para mim, ou... – ela respirou fundo. – Ou eles se transformam em algum tipo de monstro.

Amber balançou a cabeça. – Desculpe, mas essa não parece uma reação normal ao ser assediada por um punhado de caras bêbados. É quase como – como se estivesse enfeitiçada ou algo do tipo. Você viu algo assustador quando foi conosco para a Ponte do Arco-íris, não foi? Algum tipo de visão? Emily mencionou bruxos quando conversei com ela sobre pessoas sem auras. Além do mais, alguns anos atrás eu li muita coisa sobre vodu e bruxaria e sobre lançar feitiços e rogar pragas. Algo assim pode estar acontecendo com você.

– O que mais a Emily disse?

– Não lembro exatamente. Ela vai chegar a qualquer minuto. Talvez você devesse esperar por ela.

Hannah sorriu de repente e olhou para Amber com uma expressão atrevida. – É, ouvi falar que você chamou a Emily para jantar. Então, qual é o lance entre vocês?

O rosto de Amber ficou tão vermelho quanto seu cabelo. – A gente tem um lance – ela disse, tímida.

Sorrindo mais, Hannah se levantou e foi até a cozinha pegar uma garrafa de refrigerante. Ela estava servindo a bebida para ela mesma e para Amber quando ouviu, do lado de fora, o velho fusca de Emily, que subiu a estrada e parou ao lado da cabana fazendo barulho com seu escapamento furado.

– Oi! – Ela disse, alegre, ao subir à varanda. Ela abraçou Hannah, beijou Amber rapidamente nos lábios e se sentou. – Como foi o dia de vocês, garotas?

– Bom. Acabei de voltar de Monument Valley. Foi fantástico – disse Amber.

– E você? – Emily se virou para Hannah.

– Não posso reclamar. Beijei o Josh.

– Sério?! – A voz de Emily ficou aguda. – Quando?

Hannah contou que Josh havia ido visitá-la naquela manhã. Emily sorriu, mas ainda havia dúvida em seu rosto. Isso não era de surpreender – afinal de contas, sua amiga havia lhe falado sobre as alterações inexplicáveis de humor de Josh e, para falar a verdade, ela tinha razão.

– Então vamos falar sobre seus sonhos e visões. – Emily retirou um bloco de anotações e um lápis da bolsa. – Quando começaram?

– Fui assediada próximo ao lago na quinta à noite. Ben e Josh vieram me buscar porque estava sem combustível. Naquela noite tive meu primeiro pesadelo.

– Com o que sonhou?

– Com uma aldeia tradicional. – Hannah fechou os olhos para recordar as imagens. – Uma aldeia Navajo. Com *hoghans* primitivos, daqueles com argila seca do lado de fora. As pessoas usavam roupas antiquadas e a aldeia foi atacada por mexicanos.

– Como sabe que eram mexicanos?

– Eles usavam sombreiros? – perguntou Amber.

Hannah não conseguiu segurar um riso nervoso. – Não aqueles grandões. Eles usavam um tipo de chapéu menor, uniformes e falavam espanhol. No meu sonho eles claramente soavam mexicanos. Depois daquele primeiro pesadelo, sonhei com o ataque várias vezes mais e eram sempre as mesmas pessoas ateando fogo na aldeia.

– Então o que exatamente eles fizeram? – continuou Emily.

– Como eu disse, a aldeia está em chamas. Creio que eles atearam fogo. No meu sonho estou fugindo dos soldados procurando alguém que eu sei que pode me proteger.

– E essa pessoa é...? – Emily rabiscou algumas anotações e olhou para Hannah, aguardando.

– Josh. – Hannah confessou com as bochechas vermelhas. – Mas ele também está diferente. Mais velho. Ele também usa roupas tradicionais e um coque como aquele do sábado passado no rodeio. Ele parece ter trinta anos de idade.

– Ele é seu amante nessa parte do sonho? – Perguntou Emily.

Hannah hesitou. Subitamente ela percebeu algo novo. – Não. Não, ele não é. Sinto que ele é importante para mim, mas não é meu marido. Não mais. – Ela ficou em silêncio. Essa era uma descoberta interessante.

Emily ponderou suas anotações. – Então, ele te salva no final?

– Não faço ideia. Estou me escondendo daqueles mexicanos e Josh me vê, mas olha para o outro lado de propósito para não alertar os mexicanos da minha presença. Depois disso há um salto no tempo e a próxima coisa que vejo é o topo da colina onde eu o abandono.

– Conte-me mais. – Emily pegou o lápis novamente.

– Estamos perto de um precipício com vista para o Desfiladeiro de Chelly – eu acho. Ele me conta uma história em Diné Bizaad com ar solene. Eu levanto e caminho para longe dele porque sinto essa vontade absurda de ser livre. Parece que – parece que estamos terminando.

Amber e Emily olharam perplexas para ela. – É uma baita aventura – murmurou Emily. – E aquele sentimento sombrio? Estava presente da primeira vez que teve um sonho estranho?

Hannah balançou a cabeça. – Não, não desse jeito. A terceira vez que tive o mesmo sonho, havia três sombras esperando por mim ao pé da colina quando deixo Josh para trás. As mesmas três aparições da visão que tive na Ponte do Arco-íris.

Emily assentiu lentamente. – Você disse que um deles se transformou em animal?

– Um coiote. E essas aparições sinistras não vão mais embora. Elas continuam invadindo meus sonhos. Na noite passada sonhei que estava olhando o Desfiladeiro de Chelly, contra o vento. As três criaturas se aproximavam de mim com as caras distorcidas; pareciam coiotes com as presas de fora. E então havia insetos rastejando por todo o meu corpo. No sonho parecia que eu estava prestes a pular no abismo e cometer suicídio para finalmente ter paz.

Falar sobre seus pesadelos servia para conectar os eventos dos sonhos, porém também a fazia reviver todo o terror. Hannah estremeceu.

Amber tocou-lhe o ombro. – Você acha que aqueles homens sem aura têm algo a ver com seus sonhos? – Ela perguntou cautelosamente.

Ela assentiu derrotada. – É. É como se meus sonhos se misturassem com a realidade. Aquelas três entidades me perseguem na vida *real*. Não só nos meus sonhos.

Emily colocou a mão no braço de Amber. – Você viu algo estranho? É por isso que queria saber sobre pessoas sem aura?

– Quando encontrei Hannah no mercado no sábado, contei a ela que posso ver auras. Por sua vez, ela me contou sobre seus sonhos estranhos e o sentimento de paranoia.

– Encontrei três homens no supermercado que me deram arrepios. – Explicou Hannah. – Só não entendi porquê. Quero dizer, ouvi dois caras conversando e eles tinham as mesmas vozes dos caras bêbados que me haviam assediado, mas eles não tinham a mesma aparência. Mesmo assim, não consegui me livrar da sensação de que algo não estava certo.

– Então Hannah me pediu para voltar ao mercado com ela e dar uma olhada naqueles homens – completou Amber.

– E você viu algo estranho – concluiu Emily.

– Pode apostar que sim. Aqueles três *não* tinham aura. Nada, nadica, nadinha.

Emily ficou em silêncio por algum tempo rabiscando qualquer coisa abaixo de suas anotações. Quando o silêncio se tornou opressor demais para Hannah, ela pigarreou. – Então, o que acha?

– Tem se sentido ameaçada ultimamente por outras pessoas além daqueles caras no mercado? – Emily perguntou sem olhar para cima. Sua voz estava tão séria que assustava Hannah.

– Bem – pessoas, não. Coiotes. Três deles perto da cabana no sábado, logo antes de ir para a reserva – Ela murmurou. Aí se lembrou dos gêmeos e seu pai no estacionamento, que esperavam ela sair da vaga e a encaravam como se estivessem prestes a assassiná-la. Ela engoliu em seco. – Na verdade, sim. Grupos de três. Achei que era só na minha cabeça. Achei que estava ficando louca.

– Se estou certa em relação a esse negócio, isso é exatamente o que eles querem que você pense. – Emily pegou a mão dela. – Por favor, me ouça. Você não está louca.

Hannah assentiu. – Tudo bem. Então o que diabos está acontecendo?

– Acho que você se tornou alvo de algo que eu nem quero dizer em voz alta – sussurrou Emily.

Os pelos nos braços de Hannah se arrepiaram. Emily tinha uma expressão tão sombria no rosto que ela quase queria sair correndo só para não ter de ouvir o que viria a seguir.

– *Yenaldlooshi* – disse Emily quase inaudível. – Skinwalkers, metamorfose.

Todas ficaram completamente em silêncio por um instante.

– O que é isso? – Sussurrou Amber.

– São bruxou ou feiticeiros – *chindi*. Nunca trabalham sozinhos, sempre em três. Os Diné não falam esse nome em voz alta porque isso os chama ou atrai má sorte. Skinwalkers usam magia negra para se transformar em coiotes para poderem assediar e aterrorizar pessoas. Se são poderosos, podem se transformar em outros seres ou copiar a aparência de outras pessoas. Muitas vezes utilizam seu poder mental para levar pessoas à loucura. Eles influenciam seus pensamentos para você acreditar que está louca ou para te fazer se

machucar ou se matar. É a forma mais horrível de *ánt'iihnii* – bruxaria.

Hannah não pode deixar de olhar para Emily completamente atordoada. Apesar do calor, ela se sentiu gelada. Essas coisas não existiam. Certo? Pelo menos não no mundo *dela*. Por outro lado – a história de Emily era mais que bizarra, mas pelo menos justificava o que ela sentia. Então ela não era louca – ela estava amaldiçoada. Enfeitiçada. Perseguida por seres sobrenaturais.

– Sei que parece impossível – continuou Emily. Sua voz tremia com insegurança.

Hannah engoliu em seco. – Não. Acredito em você. Realmente acredito. Mas, sabe, esse tipo de coisa não acontece na minha vida. Tenho uma criação tão diferente da sua - nada de lorota sobre mágica e mistério contada pelos meus ancestrais. Minha mãe nem se importava em fingir que Papai Noel existia.

– Você acha que os sonhos são causados por algum tipo de feitiço? – Amber queria saber.

– Tenho certeza que sim. – Respondeu Emily. – Você começou a ter esses sonhos quando se encontrou pela primeira vez com esses bruxos. Skinwalkers conseguem usar seus poderes para ler as mentes das pessoas, invadir seus pensamentos.

Hannah estremeceu e se recordou do momento em que ouvira um uivo de coiote próximo à Ponte do Arco-íris. Talvez Josh tivesse achado que algo estava errado com ela. Será por isso que ele parecera tão assustado?

– Então aqueles caras bêbados – e os homens no supermercado – e aqueles coiotes perto da minha casa – são todos as mesmas três pessoas?

Ela se lembrou de como seus atacantes haviam se movido. O quanto seu comportamento parecia o de uma alcateia. Na verdade, ela sabia a resposta para a própria pergunta. Seu instinto não havia falhado, mas ela não conseguia compreender muito bem.

– É só tão surreal – sussurrou ela enquanto Emily assentia. – Sei que é verdade, sei que você está certa, mas meu cérebro não consegue processar isso.

– Por que eles estão atrás da Hannah? – Amber desabafou meio rebelde. – O que ela fez para esses monstros?

– Normalmente eles escolhem as vítimas por vingança ou então foram subornados para perseguir alguém.

Hannah desabou na cadeira. Ela não fazia ideia do porquê alguém iria querer colocar um feitiço nela, muito menos um Navajo. – Você já ouviu falar disso antes? Uma *biligaana* maldiçoada por skinwalkers?

– Não posso dizer que sim. As pessoas morrem de medo deles na reserva especialmente nas aldeias mais afastadas. Existem muitas histórias de pessoas assediadas pelos *yenaldlooshi* e elas aconteceram recentemente. Mas não se ouve falar desse tipo de coisa fora da nação Navajo.

– Eu posso parar isso? – Hannah cerrou os punhos. – Como posso lutar contra eles?

– Se você sabe quem é o skinwalker, você pode dizer seu verdadeiro nome quando ele te atacar em forma de coiote. Isso irá matá-lo.

– Como ela vai fazer isso? – Questionou Amber. – Eles ficam mudando de forma!

– Eu não disse que seria fácil.

Hannah não desistiria. – Tudo bem. O que mais?

– Não muito. A única outra maneira de pará-los é atirar neles com balas mergulhadas em freixo branco. Elas vão incapacitá-los por um tempo ou até mesmo matá-los. Mas você não precisa ser tão radical. É possível enfraquecer a influência deles se usar alguns extratos herbais.

Emily fuçou na bolsa e tirou um amuleto de ervas tradicional. Era uma bolsinha feita de couro de veado com franjas na parte de baixo, decoradas com contas azuis e vermelhas. – Trouxe isso para você. As contas têm valor simbólico. A costura na frente representa uma pintura de areia que é usada na cerimônia Evil Way para banir maus espíritos. O saquinho contém pólen de milho, cinza de cedro e zimbro seco. Deve ser suficiente para protegê-la por um tempo.

– Você suspeitava que isso estava acontecendo? – Perguntou Hannah com as sobrancelhas erguidas. – Ou você carrega esse tipo de coisa o tempo todo?

– Bem, eu ouvi você mencionar sombras que se transformavam em coiotes no nosso almoço juntas e isso me fez pensar. Conversei

com Sani e pedi a ajuda dele. Ele me aconselhou sobre o que fazer se o problema fosse relacionado a skinwalkers.

Então Emily visitara o *hataalii* da aldeia. O homem que tinha tanta influência sobre Josh – a única pessoa que sabia o que havia se passado durante a jornada de visão dele. Sani, que sobrecarregava Josh com todo tipo de rituais e tradições. Ela não queria a ajuda dele – na verdade, tudo o que ela queria era separar Josh do seu velho aliado *hataalii* e ensiná-lo a se comunicar melhor com o mundo à sua volta – mas ela não tinha muitas opções. Na atual conjuntura, ela aceitaria ajuda de onde viesse.

– Muito obrigada. – Hannah colocou a bolsinha na mesa. Quando ela a tocou, um formigamento maravilhoso tomou conta de seu corpo, então era óbvio que o saquinho estava tendo um efeito positivo. Talvez ela pudesse colocá-lo em um cordão e usar em volta do pescoço por baixo da camiseta. De qualquer maneira, ela o colocaria próximo à cama já que não tinha um filtro dos sonhos.

Emily se levantou. – Quem quer café?

Amber e Hannah levantaram as mãos em sincronia.

Enquanto Emily preparava bebidas na cozinha, Amber se aproximou de Hannah. – Sabe – esses sonhos que você tem com o Josh? Não consigo me livrar da sensação de que eles querem te falar alguma coisa, mas esses skinwalkers escrotos invadem seus sonhos e os transformam e pesadelos. Quer dizer, por que um bando de bruxos faria você sonhar com um cara por quem está apaixonada?

– Não faço ideia. Achei que o Josh estivesse sempre lá porque eu penso bastante nele.

Amber franziu o cenho. – Mas, então, porque seria no passado?

– Quer compartilhar sua teoria?

Amber brincou com seus cabelos vermelhos. – Bem, eu acho que você viveu de verdade tudo que está vendo.

Hannah piscou. – Hã? – Disse ela estupidamente.

Amber hesitou. – Talvez você o conheça de uma vida passada. Algo do tipo. Explicaria o lance das auras interligadas.

– Preciso de uma pausa. – Hannah esfregou o rosto. – Num minuto tenho essa vidinha simples e prosaica e no próximo estou no

meio de um conto bizarro de folclore que inclui bruxos e reencarnação.

Ela se levantou quando ouviu o celular vibrando na cozinha e entrou para ler a mensagem de texto que havia recebido.

‘ei mana! td bem aí? tá quente & legal na reserva. josh = pra lá & pra cá c/ sorrisão na cara dia td. tá me irritando ;)’

Ela segurou o riso e rapidamente enviou uma mensagem em resposta. Ben sempre conseguia animá-la. De repente ela sentiu uma saudade imensa dele e lamentou o fato de não poder lhe contar a história de Emily. Ben era tão pé-no-chão que ele nem entrava em aviões. Se ela chegasse para ele com esses mitos de bruxos e magia negra, ele a levaria para o hospício mais próximo. Mesmo assim, ela estava ansiosa para vê-lo na sexta-feira. Além disso, o fato de Josh estar em seu melhor humor desde que a beijou era tocante.

Quando Emily e Amber foram até a cabana ao lado para dar uma olhada em Ivy, Hannah foi até a sala e pegou o cordão de couro dos materiais do filtro dos sonhos que Josh havia lhe dado. Com certeza ele não sentiria falta de um pedacinho de cordão daquela montanha de acessórios.

Cuidadosamente ela amarrou a corda ao redor da parte de cima do talismã e o colocou em volta do pescoço, por baixo das roupas. Era impressionante como esse negócio era poderoso – ela se sentia forte e completamente diferente daquela manhã, mesmo que agora soubesse que bruxos malignos estavam atrás dela. O feitiço deles a deixara ansiosa, o que sufocou seu instinto natural de lutar. Mas agora ela estava pronta para a batalha. O remédio de Sani estava funcionando perfeitamente.

Doze

Naquela noite não houve sonhos. Pelo menos não que Hannah se recordasse. Ela acordou com a dor de cabeça de sempre – como precaução, ela só havia tomado o sedativo homeopático que Emily havia lhe dado – e esticou suas pernas e braços. A porta da cozinha se fechou no cômodo ao lado então Emily provavelmente tinha acabado de sair para o trabalho.

– Hannah? – de repente ela ouviu a voz de Amber através da porta. – Você já acordou?

– É, acabei de acordar. – Ela se levantou e foi para a cozinha onde encontrou Amber sentada à mesa.

– Teve uma boa noite de sono? – A vizinha perguntou.

“Sim. Tranquilíssima. Sem pesadelos. – Ela sorriu para Amber. – Então, você e as meninas têm algum plano para hoje à noite?

– Vamos ficar de bobeira hoje à noite – respondeu Amber, claramente tentando manter um tom neutro. – Vou ficar aqui pelos próximos dias. Meus pais vão levar Ivy para Window Rock, mas não me importo de ficar por aqui.

– Deixa eu entender direito. Você vai deixar de ir para Window Rock para fazer nada aqui com a gente? Você está tão apaixonada! – Estabeleceu Hannah.

Amber não conteve o riso. – Tudo bem, sou culpada. Tem alguma coisa com esses Navajo, sabe?

– Então, o que seus pais acham da Em?

– Oh, eles a adoram. Posso dizer.

– Você contou a eles que são um casal?

– Não preciso. Eles não são cegos. – Amber levantou-se da mesa de café-da-manhã. – A propósito, tenho que ir. Prometi passar um tempo com eles antes de irem para Window Rock amanhã ao meio-dia. Te vejo hoje à noite, certo?

– Diga oi à sua família por mim – disse Hannah enquanto ela saía.

Depois de devorar seu café-da-manhã, Hannah foi ao quarto de Ben pegar seu *laptop* e o modem USB de novo. Isso sairia caro, mas, felizmente, Ben só veria a conta quando voltasse para casa. Ela tinha de saber mais sobre a história da nação Navajo, agora que acreditava estar sonhando com eventos reais do passado.

Após buscar no Google 'história Navajo', ela clicou em alguns *links* que pareciam interessantes. "A Longa Marcha", ela murmurou para si mesma e rolou por uma página cheia de detalhes sobre o transporte cruel dos nativos Navajo até uma reserva no leste do país, quando foram forçados a caminhar por dias sem parar. Isso aconteceu logo depois da Guerra Civil. Antes disso, os mexicanos haviam sido ativos no território Navajo. Hannah puxou o *laptop* para mais perto quando notou uma descrição de mexicanos que roubavam pessoas para escravizá-las – aldeias inteiras haviam sido saqueadas e mulheres e crianças foram levadas para servirem nas minas. A página continha fotos em preto e branco de soldados que usavam uniformes incrivelmente familiares. Seu coração bateu mais alto quando ela viu algumas velhas fotografias de aldeias Navajo construídas logo após a libertação do povo Navajo das reservas no Leste. As casas pareciam exatamente as mesmas de seus sonhos. Construções baixas e octogonais com argila escura na parte externa.

Ai, meu Deus. Agora ela sabia. Não era só sua imaginação e aqueles skinwalkers provavelmente não a estavam fazendo sonhar com o passado. Se isso fosse verdade – se ela realmente conhecesse Josh de uma vida passada – talvez ela devesse contar a ele.

Ela se encolheu. Não era a melhor das ideias agora. Eles deram apenas alguns beijos – dificilmente era o momento de alegar que eles já haviam compartilhado uma vida inteira. Josh provavelmente pensaria que ela era vidrada em predestinação e fugiria o mais rápido possível.

Mesmo assim, ela não poderia deixar as coisas como estavam. Apesar de Amber e Emily tentarem distraí-la com um passeio à tarde e nenhuma palavra sobre a maldição dos skinwalkers, ela não conseguia parar de pensar sobre seus sonhos com o passado – agora ausentes.

Na sexta-feira de manhã ela finalmente decidiu voltar à biblioteca de Page e se enterrar em livros de história. Se isso não ajudasse, ela poderia pedir ajuda a Nick. Afinal de contas, ele estava lendo muito sobre história Navajo.

– Está preparada para um passeio que vai ficar na memória? – Emily perguntou seca quando Hannah se arrastou do quarto com uma bolsa lotada de cadernos, canetas e uma garrafa enorme de água.

– É, estou indo à biblioteca. Quero me inteirar da história Navajo agora que meus sonhos com o passado pararam.

– Ah. Por causa da hipótese de reencarnação. – Emily assentiu. Elas haviam conversado a respeito disso na noite passada. Amber subiu ao palco e defendeu sua tese sobre vidas passadas.

– Bem, sim. Realmente quero descobrir se as imagens que vi são memórias verdadeiras. Talvez não seja o passeio mais excitante, mas...

– Por que não leva o *laptop* de Ben para o Grassroots? – Perguntou Amber. – Eles têm *wi-fi* gratuito lá. Parece bem mais fácil do que ficar folheando livros na biblioteca.

– Está brincando? O *laptop* do Bem é jurássico. Aquele treco não tem adaptador de *wi-fi*. – Reclamou Hannah. – Ele não compra coisas novas há anos. Ele prefere esperar as coisas se desintegrarem antes de substituí-las.

Emily conteve o riso. – Coitadinha. Bem, então só resta a biblioteca.

As três garotas limparam a cozinha. Emily e Amber foram dar um passeio no desfiladeiro Water Hole enquanto Hannah foi para a biblioteca de Page ser soterrada por uma pilha de livros. Ela se sentou no mesmo sofá onde conheceu Nick na semana anterior. Seu celular estava desligado. Ela havia ligado para sua mãe no Alasca – onde ela passava o verão com a tia deles – para um papo rápido, mas agora era hora de deixar o mundo moderno de lado.

As horas voaram. Hannah se perdeu na história do século dezenove sobre a reserva e o povo Diné. Ela estava tão focada nos livros que esqueceu de almoçar. Quando ela, por fim, ligou o telefone novamente e viu uma mensagem de texto de Ben que dizia que eles estavam retornando, ela se sentia fraca de fome. O lado

bom era que ela tinha dez páginas de anotações. Toda a informação que coletou na biblioteca fazia sua cabeça girar. Quanto mais ela aprendia sobre a história Diné, mais ela se convencia de que estava mesmo vendo imagens do passado em seus sonhos. As descrições do período tumultuoso entre 1800 e 1840 na terra Navajo combinavam com suas experiências nos sonhos – ela havia vivido uma vida arriscada, problemática e perigosa.

No caminho de volta para seu Datsun, o estômago de Hannah não mais se revirava de fome, mas sim de ansiedade. Ela veria Josh novamente e, da última vez em que se falaram, ele havia dito que precisava de um tempo. Como ele reagiria a ela depois de três dias de separação?

Ela dirigiu de volta para a cabana com o coração na garganta e mordeu o lábio quando viu a entrada da garagem vazia. Tudo bem, eles ainda não estavam de volta. Sem problemas – ela estava mesmo precisando de um banho e um almoço de verdade.

Após o banho, Hannah sentou-se nos degraus da varanda com um livro. Seu coração começou a cantar quando ouviu, à distância, o ronronar do motor do Chevy de Ben às três em ponto.

Josh estacionou na garagem e abaixou o volume do rádio para que Ben parasse de cantar.

– Ei, mana! – Ben saiu do carro e subiu os degraus da varanda. Seu nariz estava queimado de sol e o cabelo havia clareado nos últimos dias. – Ainda está viva?

– Por pouco. Estava entediada sem vocês aqui, lógico.

Enquanto Ben lhe dava um abraço apertado, Hannah estava absolutamente consciente de Josh desligando o motor, travando a porta do carro e se aproximando dos degraus que levavam à varanda. Quando seu irmão a soltou e abriu uma das latas de cerveja de cima da mesa, Josh chegou mais perto dela. Seu rosto corou quando ele a encarou com seus olhos castanho escuros.

– Ei, *shan díín* – ele disse suavemente com um sorriso meigo.

– E-ei – ela gaguejou. – Como – como vai você?

Que ótimo. O desejo que pulsava em suas veias a estava transformando em uma idiota gaguejante monossilábica de novo. Hannah gostaria de se jogar nos braços de Josh e receber um abraço dele. Um abraço longo e intenso. Mas Ben estava sentado

logo ali – seria vergonhoso se Ben tivesse de testemunhar o espetáculo ‘Meu melhor camarada apalpa minha irmã’. Ou vice-versa. Até agora Josh não havia se mexido.

– Nos divertimos – disse Josh. – O clima estava ótimo, nada de enchentes-relâmpago. E visitamos todos os locais que eu queria mostrar para o Nick. Missão ‘Promover a Reserva’ cumprida!

Ben e Josh contaram a Hannah sobre sua trilha na reserva. Hannah contou uma mentirinha sobre ter passado na delegacia. Ela também contou ao irmão que não teve mais pesadelos desde que ele partiu na quarta-feira, mas ela não podia contar porquê.

– Que bom ouvir isso – Ben deu-lhe um tapinha no ombro e um sorriso caloroso.

Hannah encolheu-se. Droga, ela se sentia terrível por esconder coisas dele. Ela gostaria de poder contar-lhe sobre a maldição dos skinwalkers, mas não havia motivo para preocupá-lo ou ser colocada em uma camisa de força antes mesmo do churrasco começar.

–Maravilha. – Josh se intrometeu. – Mas ainda vou te ajudar a fazer um filtro dos sonhos. Não esqueci

Era estranho vê-lo de novo. Estranho porque de algum jeito parecia que a quarta de manhã nunca tinha acontecido. Josh estava sentado do outro lado, um pouco afastado, e ele não tentou segurar sua mão ou chegar mais perto. Ele havia dito que precisava de tempo – e ela estava disposta a dar a ele o que ele pediu – mas, mesmo assim. Ela se sentia um pouco traída pela distância polida que ele mantinha. Agora ela realmente se sentia como se fosse a irmã mais velha. Ela ficou contente em poder ir até a cozinha preparar os hambúrgueres e a salada quando Josh e Ben se levantaram para acender a churrasqueira.

Hannah colocou os hambúrgueres para descongelar no micro-ondas e depois procurou na geladeira os ingredientes para fazer uma salada *niçoise*. Cortar as cebolas era uma tarefa terrível – ela sempre chorava litros mesmo que a faca estivesse muito afiada ou abrisse a torneira. Hannah tentou limpar as lágrimas com o dorso da mão, resmungando.

– Hannah? – Uma voz chamou atrás dela.

Ela viu Josh entrar na cozinha através de uma cortina de lágrimas. Ele foi para perto dela e colocou um braço em volta de seus ombros. – Está chorando? – ele perguntou com cautela.

O coração dela derreteu quando ouviu a preocupação em sua voz.

– Sim. É a cebola. – Ela apontou um dedo acusatório para a tábua de corte.

Josh começou a rir. – Não me diga. O que a cebola fez para você? – Ele perguntou todo empolgado. – Ela xingou você? Te bateu? Não tema, vou protegê-la.

Hannah conteve uma risada boba. – Maluco. – Ela soltou, enxugando as lágrimas dos olhos.

– Chorona – ele provocou.

Hannah mordeu o lábio. A provocação dele pedia uma resposta esperta, mas a expressão em seus olhos castanhos a fez esquecer todo o seu vocabulário. Silenciosamente, Josh a puxou para mais perto e usou um polegar para limpar as lágrimas de suas bochechas. – Pronto – ele disse. Seus dedos roçaram seu lábio superior no qual uma lágrima solitária havia parado. Hannah o encarou sem dizer palavra e perdeu o folego. Josh a empurrou contra o balcão da cozinha e a olhou com desejo.

– Senti muita saudade – ele sussurrou.

O coração de Hannah quase explodiu de amor. – Também senti saudade – ela murmurou.

Josh abaixou a cabeça e deu um leve beijo em sua testa. Seu coração parou quando ele deslizou as mãos para seus quadris e a beijou novamente, dessa vez na boca, avidamente. Ela fechou os olhos e retornou o beijo com um gemido suave. Ela o desejava tanto que chegava a doer.

Antes que Josh pudesse aprofundar o beijo, Ben entrou na cozinha com passos pesados. – Onde estão os hambúrgueres? Ah, aqui estão – ele murmurou e abriu o micro-ondas com um puxão.

– Desculpe – Josh disse e se virou. Hannah ficou vermelha igual a uma beterraba.

– Sem problemas – respondeu Ben com um risinho. – Não liguem para mim. Não estou aqui.

– Vamos lá, eu te ajudo a grelhar os hambúrgueres – ofereceu Josh. Ele soltou Hannah, mas não antes de lhe dar mais um selinho com um sorriso maroto. Ela o observou enquanto ele se afastava e seus olhos vaguearam pelos ombros largos e braços musculosos. Completamente deslumbrada, ela voltou a cortar as cebolas e misturou a salada. Uau. De repente ela se sentia muito melhor.

Quando ela saiu com a tigela de salada, Ben pediu que ficasse de olho nos hambúrgueres enquanto ele e Josh guardavam o equipamento de *camping*. Com a pinça de churrasco nas mãos, a mente de Hannah devaneou ao observar as belas montanhas vermelhas do outro lado do lago Powell. Talvez ela devesse ir acampar na reserva também. Emily poderia ir junto, ou Ben – ou Josh. Ela não se importaria em dividir uma barraca com ele e ficar bem pertinho. Ela sorriu atordoada não acreditando completamente na própria sorte. Pela primeira vez ela estava tendo uma visão agradável.

O cheiro de hambúrgueres vegetarianos chamuscados a trouxe de volta à realidade.

– Ei, o que está queimando? – Gritou Ben enquanto puxava a lona de chão do porta-malas do Chevy.

– Ai, droga. – Gemendo, ela tentou salvar seus hambúrgueres vegetarianos virando-os novamente. Bem – o outro lado não parecia tão ruim.

Josh saiu correndo da cabana com outro par de pinças para ajudá-la. – Bombeiro ao regate – ele gargalhou. – A comida não foi sua melhor amiga da noite até agora, hein? Primeiro a cebola e agora os hambúrgueres.

Hannah virou os olhos. – Sério, acho que sou eu. Não culpe a comida.

– Que bom que sempre estou por perto quando você está em apuros.

Hannah bufou. – Ah é? Talvez seja você. *Você* é o apuro.

Josh ficou em silêncio e a encarou. O sorriso sumiu de seus lábios. Cautelosamente ele deu um passo atrás.

Tudo bem. Claramente ela havia dito algo errado. Mas o quê? – Só estava brincando. Desculpe.

Josh respirou, trêmulo, e assentiu. – É. Eu sei.

– Desculpe – ela repetiu, sem jeito.

– Tudo bem – ele disse secamente e se virou para ajudar Ben a dobrar a lona.

Hannah suspirou. Se ao menos ela pudesse descobrir em quais calos pisar e quais deixar de lado, ou saber quais assuntos eram sensíveis demais para ele. Porque ela com certeza não ficaria longe dele. A atração entre eles era tão forte que ela sentia em cada fibra do seu corpo. Mesmo agora, com ele parado a uns vinte passos dela, ela podia sentir sua presença, sua aura chamando-lhe.

Claro que ficar com o Josh seria desafiador. Mas seria muito mais difícil ficar sem ele.



– Cara, aquela trilha pela reserva me deixou esfomeado. – Ben arrotou e tomou o último gole de cerveja. – Deixem que eu lave a louça e vocês, pombinhos, ficam aqui fora. – Ele se levantou e empilhou os pratos para levá-los até a cozinha.

Josh sorriu. – Valeu, *shik'is*. Está na hora do filtro dos sonhos.

Hannah levantou-se e pegou o saco de papel na sala de estar. Ela esperava que Josh não notasse que ela já havia cortado um pedaço do cordão de couro para fazer um colar para seu talismã. Era impressionante como o item mágico influenciava sua paz de espírito. Ela podia sentir o couro pressionado contra suas costelas, à direita de seu coração. Ele fazia com que uma calma se espalhasse por seu corpo. Todo o medo tinha ido embora. Na verdade, ela estava um pouco curiosa para saber o que aconteceria se encontrasse os skinwalkers de novo.

Quando ela retornou, Josh encarava pensativo a luz do lampião em cima da mesa. Josh olhou para cima e a puxou para perto dele, tão perto que ela pode sentir o calor de sua pele e corou. – Oi – ela murmurou. – Aqui está o que precisamos.

Ele pegou o círculo feito de galhos de dentro da sacola. Hannah observou Josh enrolar o cordão na primeira parte do círculo. Ele movia devagar seus dedos longos e delgados de propósito, para que ela visse como ele estava fazendo. – Agora você tenta. – Ele entregou o aro do filtro dos sonhos a ela. Os dedos dele tocaram os dela apenas por um instante, mas isso fez com que ela sentisse um

arrepio prazeroso. Cuidadosamente ela tentou imitar Josh e enrolar o cordão ao redor dos galhos tão apertado quanto conseguia.

– Assim? – Ela perguntou baixinho olhando de lado.

– Isso. Assim. – Ele respondeu com voz rouca. – *Jó nizhóni*. Você está indo muito bem

Parecia inexplicavelmente confortável quando ele falava com ela em Diná Bizaad. De alguma forma isso a lembrava dos seus sonhos com ele conversando com ela em sua própria língua. Será que ela deveria arriscar contar a ele sobre suas visões?

Josh pegou o barbante branco, tomou as mãos dela nas dele e mostrou-lhe a melhor maneira de ligá-lo ao aro e começar o trançado. Enquanto ele a observava trançar, ele mesmo mencionou sonhos.

– Os Diné acreditam que o céu noturno está cheio de pensamentos, bons e ruins. – Ele disse suavemente. – Eles podem entrar nos sonhos de uma pessoa. O filtro dos sonhos captura esses pensamentos e lhe dá os bons.

Hannah terminou a primeira fileira de pontos e começou a segunda, seguindo as instruções de Josh.

– Quando toda a parte interna do aro estiver cheia de linha trançada, você deixa um buraquinho no meio. Esse é o portal para os bons sonhos entrarem em sua mente. Os sonhos ruins ficam presos na teia e se dissipam na primeira luz do dia.

Hannah olhou para verificar se Ben ainda estava ocupado na cozinha, mas a luz acima do balcão estava apagada. A janela que dava para a varanda estava escura. Na luz tremeluzente da vela, Hannah viu seu próprio rosto e o rosto de Josh ao seu lado. Ele a observava com um sorriso diminuto. A luz suave formava uma aureola ao redor dos dois e por um momento Hannah pode quase compreender o tipo de aura que Amber discernia quando ela via eles dois juntos.

O sorriso de Josh ficou brincalhão quando ele se virou para ela e deu um leve beijo em sua bochecha, tão suave que parecia que uma borboleta havia pousado em sua pele.

– Pare de trançar por um minuto – ele sussurrou perto do rosto dela. Ele tomou o aro das suas mãos e pegou a linha prateada em

cima da mesa. – Vou trançar um pouco de prata. E turquesa também.

– Não tem nenhuma conta turquesa na sacola – observou Hannah.

Josh riu calorosamente. – Eu sei. Você vai ganhar a minha.

Os olhos de Hannah se arregalaram quando viu que as mãos dele mexiam na pequena trança em seus cabelos. – Por que você não tira? – Ele disse. Era a conta turquesa que ele sempre usou no cabelo junto com a pequena pena vermelha que simbolizava o clã de seu pai.

– Mas... – ela gaguejou. – Mas é seu... negócio. Você sempre usa isso.

– Isso mesmo – ele assentiu solene. – É meu negócio. E agora estou dando a você. – Os cantos da boca dele inclinaram-se em um sorriso.

– Bem... tudo bem – Hannah aceitou cautelosamente. Com cuidado, ela removeu a conta do cabelo dele e colocou a pena vermelha junto com as outras penas da sacola de papel. Boquiaberta, ela observou Josh trançar a conta e a linha prateada em uma pequena forma no canto superior esquerdo do filtro dos sonhos, acima de seu próprio trabalho. Ele deu um nó, trançou o barbante branco um pouco mais e devolveu o aro para Hannah.

– Uau! Parece uma borboletinha – ela murmurou encarando o trançado que ele havia feito.

– Não, sério? Que coincidência! – Ele debochou.

– Ai, cala a boca! – Ela o empurrou de brincadeira, incerta de que atitude tomar. Isso significava muito para ela. Ambos ficaram em silêncio por um momento. Nenhum ruído se ouvia, a não ser o rádio na cozinha que tocava uma melodia triste de piano. Josh colocou a mão no joelho dela fazendo sua coxa formigar. Ele chegou mais perto; seu cabelo fazia cócegas em sua bochecha; sua outra mão acariciava o pescoço dela. Se ao menos ela não estivesse segurando esse filtro dos sonhos idiota. Tudo o que ela queria agora era jogar seus braços ao redor do pescoço dele, pressionar-se contra ele e beijá-lo como se não houvesse amanhã. Mas se ela derrubasse o filtro dos sonhos e começasse a agarrá-lo, ela provavelmente destruiria o trabalho dele.

Ela abriu os olhos atordoada quando Josh a soltou e interrompeu o beijo. Ele esfregou sua bochecha contra a dela.

– Você não deve perder a ponta da linha – ele sussurrou com a respiração mais rápida que o normal. Seus olhos foram para o filtro dos sonhos nas mãos de Hannah.

–Quando você me beija eu sempre perco a linha. – Ela sorriu tímida.

Josh sorriu de volta e suas bochechas assumiram um lindo tom de rosa. Ele gentilmente acariciou seu braço e observou sua própria mão bronzeada na pele clara dela. – Quando eu começo a tocá-la, tudo o que quero é abraçá-la para sempre. Mas essa sensação também me assusta. – Ele olhou-a nos olhos um pouco incerto e sua voz falhou. – Não me abro assim para alguém por um bom tempo.

Hannah piscou, confusa. Do que ele estava falando? Ele não era solteiro há tanto tempo assim. Ela pegou na mão dele e encarou seus olhos escuros e melancólicos.

– Eu gostaria disso. Você não imagina quanto – ele continuou baixinho.

Hannah assentiu. – Você precisa de tempo. Tudo bem. – Na verdade, era meio esquisito, mas ela podia ver que Josh estava sendo sincero. Ele estava lutando contra alguns demônios em sua própria mente, isso estava claro.

Naquele momento Ben saiu da cabana. – Ei, esse filtro dos sonhos é bem legal! Você fez sozinha?

– A borboleta e a conta, não. Mas o resto sim.

– Bom saber. Se você se cansar de ensinar Francês para os adolescentes espinhentos do ensino médio, pode abrir sua própria loja *hippie* e vender esses trecos.

Hannah gargalhou. Hannah continuou trabalhando em silêncio, terminando o trançado e ajudando Josh a colocar as três penas grandes na parte de baixo do aro. Ele prendeu sua pequena pena vermelha embaixo da conta grande no centro e por fim usou o último pedaço do cordão de couro para fazer uma alça no topo para que ela pudesse pendurar o filtro dos sonhos em um gancho na parede. – Aqui está – ele disse, pendurando o filtro dos sonhos no dedo estendido dela e beijando sua palma.

– Não posso agradecer o suficiente. – Hannah estava completamente encantada com a obra de arte Diné que ela havia feito quase que completamente sozinha.

– Você não sabe disso. – Josh tinha uma covinha travessa na bochecha. – Por que não tenta?

Ben gargalhou. – Ele está te desafiando, mana. O que você vai fazer a respeito?

Hannah corou, jogou os braços ao redor de Josh e se aconchegou a ele.

– Obrigada – ela murmurou contra sua bochecha e deu-lhe um beijo logo abaixo da mandíbula. Os braços dele a trouxeram para mais perto e ela estava exatamente onde deveria estar.

Mais tarde naquela noite, Amber, Ivy e Emily se juntaram a eles para uma bebida. Ivy contou a eles sobre sua visita a Window Rock mais cedo. – Nossos pais também querem visitar o Desfiladeiro de Chelly. Esse vai ser um passeio de pelo menos dois dias.

Amber cutucou Emily. – Quer ir com a gente? Aposto que meus pais não se importariam.

– Sim, claro! Tenho certeza que posso dar um jeito.

Hannah sentou-se quando ouviu o nome do desfiladeiro de seus sonhos. Ela havia estado lá três anos atrás quando tinha quinze anos. Na verdade, ela estava louca para visitar o local novamente. Parece legal. – Eu e Ben podemos ir também?

– Claro que podem. Quanto mais melhor”.

– E você? – Hannah perguntou a Josh. Será que ela conseguira se lembrar de algo importante se visitasse o cânion com ele? Provavelmente não seriam lembranças alegres. Se a teoria de Amber estivesse correta, ela havia decidido terminar com ele num lugar próximo de lá.

– Não, acho que não vou ter tempo. Ainda tenho que ir para Tuba City resolver algumas coisas da faculdade.

– Está ansioso para começar a faculdade depois do verão? – Perguntou Ivy.

Josh assentiu entusiasmado. Hannah ouviu-o falar de seus planos de obter um diploma e fundar uma escola em Kayenta. Ele

queria ter certeza que mais jovens redescobririam suas raízes e diriam não para gangues e drogas.

– Drogas são um problema grave na reserva? – Amber perguntou um pouco chocada.

– Sim, em especial metanfetamina. – Disse Josh soturno. Barata como sujeira e tão generalizada. – Uma das minhas primas de Chinle ficou viciada no negócio alguns anos atrás. Ela está curada agora, mas ficou psicótica por um ano depois de largar.

– Como ela conseguiu ficar longe das drogas?

– Eu a ajudei.

– Mesmo? Eu não sabia – falou Ben com voz surpresa.

Todos ficaram em silêncio e olharam para Josh aguardando. – É, eu organizei uma cerimônia de dois dias para ela. – Ele murmurou. – Um *hataalii* elimina o mal do corpo de alguém usando pinturas de areia, cantos sagrados e um círculo de orações com amigos do paciente.

– Sani ajudou você? – Questionou Emily.

– Sim, apesar de não ter ido comigo para Chinle. Ele me ensinou como fazer as coisas e fez um *jish* para eu usar durante o ritual. É um talismã do *hataalii* – ele explicou.

A conversa continuou por um tempo, mas Hannah não conseguia se concentrar mais. Ela compartilhou um olhar de surpresa com Ben quando Josh contou sobre o ritual que havia feito para sua prima. O fato de Ben nunca ter ouvido essa história antes dizia muito – mais uma vez estava claro que haviam muitas partes de sua vida que Josh não queria dividir com ninguém exceto Sani. Tudo levava de volta ao velho em Naabi'aani, que obviamente era uma grande influência para Josh. Ela apenas o havia visto ao longe, aquele dia no rodeio, mas não havia esquecido que Sani tinha acabado com sua chance de dançar com Josh porquê, de repente, precisava de sua assistência. Claro, era ridículo ficar com ciúmes de um velho curandeiro, mas, mesmo assim – aquele velho curandeiro conhecia Josh melhor do que ela.

– Vou para casa – Josh anunciou quando escureceu, a lua quase cheia agraciava o céu noturno.

– Quer levar a barraca e a lona com você? – Perguntou Ben.

– Hum... na minha moto? Você tem ótimas ideias.

Ben riu. – Ah, é. Eu esqueci.

– Eu levo comigo no Mustang. Vou passar aqui amanhã.

– Aposto que vai mesmo. Não consegue ficar longe da minha irmã, né?

Josh deu um tapa das costas de Ben com um grande sorriso no rosto, despediu-se dos outros e pegou na mão de Hannah. Ela se levantou e o seguiu degraus abaixo irradiando uma espécie de orgulho pois todos os viram de mãos dadas.

Eles caminharam até a motocicleta e Hannah se recostou contra o pneu traseiro. – Olhe, a lua está quase cheia – ela disse olhando para o alto.

Josh acompanhou seu olhar e sorriu. Seus braços envolveram a cintura dela e ele acariciou suas costas, subindo e descendo os dedos por sua coluna. O coração dela acelerou enquanto Josh gentilmente esfregava seu nariz no dela.

– A lua está linda, mas você... – ele a observou de perto, os olhos cravados no rosto dela. – Você está ainda mais radiante. Você faz com que a luz do sol grude na sua pele, acaricie seu rosto, brinque com seus cabelos, beije sua boca. Os dedos dele fizeram os gestos que ele narrava e quando sua boca encontrou a dela, Hannah gemeu baixinho. Seu coração batia tão acelerado que ela tinha certeza que pularia do peito. Josh a fazia se sentir bela como nunca antes. Só ele conseguia dizer essas coisas para ela sem parecer cafona.

Josh suspirou e a soltou com um olhar arrependido. Ele lhe deu um último selinho e ligou a motocicleta.

Hannah olhou as luzes vermelhas se afastarem ao longe quando ele foi embora. Por um instante, elas a fizeram lembrar dos olhos vermelhos brilhantes do skinwalkers. Ela sentiu um calafrio. Naquele momento a lua cheia parecia agourenta; ela era associada pelos povos antigos a pessoas magicamente se transformando em animais.

Não, ela tinha de parar com esses pensamentos sombrios. Os pesadelos haviam deixado de incomodá-la agora que ela usava o talismã. Os sonhos e a maldição teriam de acabar quando ela retornasse a Las Cruces ao fim das férias de verão. Ela não se importava mais com o que havia causado a maldição – ela só queria

ser feliz e curtir o amor que corria por suas veias como luz solar líquida.

Treze

– Estou feliz que as coisas deram certo para você e o Josh – disse Nick. Eles estavam sentados no jardim do tio dele aproveitando um café-da-manhã tardio e um bule de chá. – Você deveria tê-lo visto durante nossa trilha. Toda vez que Ben ou eu falávamos seu nome, o rosto dele se acendia como uma lâmpada.

Hannah sorriu, recostando-se na cadeira enquanto terminava sua xícara de chá.

– Então, mais alguma visão esquisita? – Nick perguntou curioso. – Você me parece bem mais clama que na semana passada. É por causa do Josh e sua influência positiva em você?

Hannah instintivamente tocou seu talismã. Estava amarrado ao redor de sua cintura escondido por debaixo da calça. O dia estava quente e ela usava somente um *top* então não poderia esconder o *jish* em nenhum outro lugar. Ela não havia conversado com Nick desde a semana passada. Engraçado como sua ansiedade agora parecia somente um sonho ruim.

– Elas não me incomodam mais – ela respondeu rapidamente. – Desde que Josh me ajudou a fazer um filtro dos sonhos elas se foram.

O filtro dos sonhos estivera acima de sua cama desde sexta à noite. Ela não havia mais visto os skinwalkers em seus sonhos e nem havia tido mais flashes do passado – infelizmente. Agora ela estava morrendo de curiosidade para saber o que era verdadeiro em relação à teoria de Amber sobre vidas passadas. Ela havia passado bastante tempo com Ben e Josh nos últimos dias e ela se pegou olhando para Josh tentando recordar seu rosto mais velho dos seus sonhos. Ele realmente seria daquele jeito quando ficasse mais velho? Não era totalmente implausível.

– Ótimo! – Disse Nick. – Ponto para as velhas tradições! Filtros dos sonhos deveriam ser equipamentos básicos de terapeutas e psicólogos.

Hannah sorriu e se levantou. – Vou passar um tempo na beira do lago. Quer se juntar a mim?.

Nick balançou a cabeça e apontou com uma careta para a pilha de livros e cadernos em cima da mesa. – Não é questão de querer. O dever me chama.

– Te vejo mais tarde então. – Ela o abraçou quando se despediram na porta da frente. – Se tiver mais perguntas, você sabe onde encontrar os experts em Diné.

Assoviando Hannah entrou no Datsun e dirigiu até o lago. Ela decidiu sentar-se no mesmo pedacinho de praia onde estivera antes. Era assustador voltar ao lugar onde ela tivera o primeiro encontro com os skinwalkers, mas era exatamente por isso que ela queria fazê-lo. Encarar seus medos era a melhor maneira de superá-los.

Hannah estacionou o carro e pegou a bolsa no banco do passageiro enquanto segurava uma pilha de revistas que havia comprado em Page pela manhã na outra mão. Depois de subir o morro que separava o lago da estrada ela encontrou a mesma pedra que havia sido o local de seu piquenique na semana anterior.

Ao contrário da última vez, havia outros turistas na praia. Ela podia ver uma família com um *cooler* e um guarda-sol laranja vibrante ao longe. Hannah deu um suspiro aliviado. Encarar seus medos era muito bom, mas a presença de outras pessoas definitivamente a fazia se sentir mais segura.

Ela havia acabado de ler o primeiro artigo da revista *New Scientist* quando uma bola de plástico azul veio do nada e quicou na areia à sua frente. Levantando o rosto Hannah viu uma menina de uns oito anos de idade correndo em sua direção do outro lado da prainha. Sorrindo, ela pegou a bola e esperou até a garotinha alcançá-la. Duas outras meninas, um pouquinho mais novas, corriam atrás da irmã. Pelo menos ela achava que eram irmãs, pois as três eram muito parecidas.

Hannah olhou para a família com o *cooler* – dois garotos jogavam bola com o pai. Eles definitivamente tinham muitos filhos.

A garota mais velha parou na frente dela. – Oi, moça. – Ela disse educada. – Desculpe quase ter te acertado. Posso pegar minha bola de volta?

Hannah ergueu a bola para ela. – Claro que você... – ela começou, e então perdeu o fôlego quando os pelos em seus braços se arrepiaram. Ela encarou a criança à sua frente incrédula. A menina tinha olhos de uma cor estranha – marrom amarelado. Suas irmãs apareceram uma de cada lado e a encararam com os mesmos olhos desconcertantemente lupinos.

O que estava acontecendo? Quem *eram* essas crianças?

A garota do lado esquerdo que parecia ter seis anos deu uma risadinha e suas irmãs fizeram o mesmo. Seus olhos encaravam Hannah com uma intensidade inquietante, olhando além de sua mão estendida que segurava a bola.

Um punho gelado fechou-se em volta de seu coração. Essas não eram crianças. Ela podia sentir – ela podia ver a cada movimento que faziam e a partir do sorriso de escárnio em cada rosto.

– Obrigada – a garota mais velha no meio, disse, e sua mão tocou os dedos de Hannah quando ela pegou a bola. Hannah fechou os olhos e começou a suar. O leve toque fez um calafrio terrível passar por seu corpo. Era melhor essa garota ficar longe dela. Se essa menina ousasse tocar nela de novo...

Ela fechou uma mão em punho e então parou, com o coração na garganta. O que diabos ela estava prestes a fazer?

– Venham, vamos. – Uma das meninas mais novas disse e se virou. Ela saiu correndo rindo a plenos pulmões e suas irmãs a seguiram. Sua risada parecia desafiadora, ameaçadora, provocante enquanto corriam em direção à família com o *cooler*.

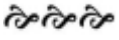
O estômago de Hannah revirou-se quando ela se levantou com as pernas bambas. Ela não ia ficar por aqui para descobrir se aquelas garotas faziam parte da Família Feliz do Guarda-Sol ou não. Ela tinha de sair daqui agora.

Com mãos trêmulas, ela enfiou as revistas de volta na bolsa e correu morro acima em direção ao carro. Ainda tremendo, ela se arrastou para detrás do volante e bateu a porta com um baque nervoso; ela olhou, sem realmente enxergar, as próprias mãos enlaçadas no colo.

Algo estava errado com aquelas meninas. A maneira como a olharam, o jeito que falaram com ela e riram debochadas – não

podia ser coincidência. Ou poderia? Ai, meu Deus. Ela quase bateu em uma delas. Usou de violência para assustar crianças. Menininhas. O que os pais fariam se tivessem visto isso? Isso se aquelas pessoas com o guarda-sol fossem mesmo pai e mãe delas.

Derrotada, Hannah encostou a cabeça no volante e começou a chorar. Quando acabaria esse pesadelo? Talvez o talismã de Emily não fosse suficiente. Ou talvez ela realmente estivesse vendo coisas e se assustando sem motivo.



Quando Hannah chegou e casa, encontrou a cabana vazia. Ninguém estava lá para jogar conversa fora e fazê-la pensar em outras coisas. Hannah leu o recadinho de Ben na geladeira que dizia que ele havia decidido ir até Page fazer umas compras.

Felizmente, ela se encontraria com Josh hoje. Ele viria buscá-la essa tarde para irem ao Cânion Antílope.

O som do Ford Mustang dele a surpreendeu enquanto ela fazia torrada com geleia na cozinha. Um grande sorriso apareceu em seu rosto. Ele estava adiantado. Ao que tudo indicava, ele também estava ansioso para vê-la.

Com um frio na barriga Hannah foi lá fora para recebê-lo. Josh caminhava pelo gramado usando calças jeans escuras e uma camisa marrom. Ele usava os mesmos óculos escuros de quando se encontraram no posto de gasolina. Ele tinha um chapéu *Stetson* na cabeça e botas marrons de *cowboy* nos pés. Ele estava completamente deslumbrante. Ela esperava que não estivesse babando quando ele subiu os degraus e deu-lhe um abraço caloroso. Hannah colocou a cabeça em seu ombro. Isso era exatamente o que ela precisava depois daquela manhã esquisita na praia.

– Ei, querido – ela sussurrou.

– Oi, *she'at'eed*. – Agora ele a chamava de sua namorada em sua própria língua. Ela ainda ficava vermelha todas as vezes.

Josh sorriu quando viu suas bochechas vermelhas e passou as mãos levemente em suas costas acariciando a pele exposta logo acima da sua cintura. Hannah envolveu os braços ao redor de sua cintura e aninhou-se a ele. Os dedos dele estavam quentes contra a pele dela e seus lábios ainda mais quentes quando a beijou. Ela

respondeu ao beijou com vontade. Ela derreteu por dentro quando ele cautelosamente tocou sua bochecha, quase temeroso de interferir na tensão crepitante entre eles. Ela o beijou e o beijou e perdeu toda a noção de tempo quando Josh finalmente a soltou e deu um passo atrás. Os olhos dele estavam próximos e amor e desejo eram evidentes em suas írises escuras.

– Me sinto tão segura quando estou com você – ela sussurrou.

– Quando estou com você, eu esqueço tudo ao meu redor – ele disse baixinho. – É como se o tempo parasse e eu pudesse sair de sua sombra.

Hannah ficou em silêncio sem saber o que dizer. A maneira como Josh se abria para ela tocava seu coração de várias formas mesmo que suas afirmações fossem enigmáticas, para dizer o mínimo. – Eu, hum... vou colocar uma roupa mais apropriada, tudo bem? – Ela gaguejou e tentou recuperar a compostura. – Para eu não me queimar viva durante nosso passeio.

Josh suspirou. – Faça isso – ele respondeu, e seus olhos passearam pelos seus ombros nus e o decote profundo. – Cubra os ombros para que não fique parecendo um camarão.

Hannah rapidamente desapareceu no seu quarto e pegou uma camiseta branca genérica do armário. Ela refletiria a luz do sol e era grande o suficiente para cobrir o talismã que ela usava ao redor do pescoço. Ela preferia senti-lo perto de seu coração. Talvez por isso ela tivesse ficado tão assustada na praia – o talismã não estava no lugar de sempre, entre seus seios. E a última coisa que ela precisava hoje à tarde era ser atormentada por medos irracionais ou visões quando essa era a primeira vez que saía sozinha com Josh. Só os dois.

Seu estômago deu um nó. Ela não estivera realmente sozinha com ele desde seu primeiro beijo. O tempo todo ela estivera com ele e Ben. Ou ele, Ben e toda a galera. A ideia de sair só com ele a deixava nervosa. O que era idiota – o Cânion Antílope não estaria deserto a essa hora do dia. Eles provavelmente tropeçariam em turistas onde quer que fossem.

Josh pegou em sua mão quando ela saiu. – Então, vamos? – Ele murmurou.

Ela assentiu e engoliu o nó que tinha se formado em sua garganta.

Hannah tentou relaxar no banco do passageiro do Mustang. Ela virou o rosto para o céu claro acima. Parecia que esse seria um dia fantástico com muito sol. O que era bom, pois o Cânion Antílope ficaria deslumbrante com a luz do sol inclinando-se e iluminando as famosas paredes vermelhas do famoso cânion estreito. Um rio costumava correr por ali e gradualmente pavimentou o caminho para as pedras até que se transformou no cânion que era hoje, mas a água havia secado há muito. Os Diné consideravam o Cânion Antílope sagrado. A santidade do lugar havia desaparecido com o advento das multidões de turistas que queria ver a maravilha natural.

– Aposto que vai estar lotado hoje – disse Hannah.

Josh suspirou. – É. Ainda não entendi porque meu povo decidiu abrir o cânion para todos verem. Nós mantivemos aquele local em segredo por anos.

– A raiz de todo mal? – Ela arriscou.

Ele fez uma careta. – É. O dinheiro faz o mundo girar, certo?

Ela gargalhou. – Falando nisso, não tenho que pagá-lo? Sabe, por ser meu guia hoje?

– Vou pensar nisso. – Josh deu uma piscadinha provocadora.

Hannah conteve uma risada nervosa. Ela não conseguia impedir a imaginação de rolar solta. Quando Josh estacionou o carro nas areias próximas ao cânion, ela desejou que as hordas de turistas desaparecessem como mágica do famoso local para que ela pudesse ficar para lá e para cá – ou só ficar – com Josh, sem olhares curiosos.

– Teremos que andar esse último trecho – ele disse, e colocou um adesivo de autorização da reserva no canto esquerdo do para-brisas. Ele enfiou os ingressos que havia comprado em LeChee no bolso de trás da calça.

– Alguém vai verificar esses ingressos? – Hannah questionou.

Josh riu entredentes e colocou um braço em volta de seus ombros. – Ei, não seja pão-dura! Não vamos nos esgueirar lá para dentro. Já é ruim que não contratamos um guia oficial para essa visita.

– Ah, eu acho que você é oficial o suficiente. E não digo isso só porque sou apaixonada por você.

– Não? – Josh ergueu uma sobrancelha. Eles chegaram na entrada do cânion.

– Não mesmo. Você sabe das coisas. Muitas coisas, aliás. – Hannah deu um passo à frente, mas parou quando Josh a barrou com o braço.

– Não estamos esquecendo nada? – Ele murmurou no ouvido dela. Ele a trouxe para junto de si e o coração dela acelerou.

– Ah, hum, é – ela gaguejou com as bochechas vermelhas. – Tenho que pagar meu guia profissional.

– O que você acha que ele gostaria como pagamento? – Josh disse com uma expressão zombeteira de indagação no rosto como se a desafiasse.

Ela mordeu o lábio. – Pergunta difícil.

Ele deu um sorriso maroto antes de se inclinar em sua direção e a empurrar de encontro à parede rochosa. As pedras estavam quentes do sol e aqueceram sua pele. – Ai! – Ela riu. – Estou queimando.

Josh riu alto e a puxou pelo braço para o cânion. Lá dentro, as rochas estavam envoltas em sombras. Mais uma vez ele a pressionou contra a parede e seus ombros se apoiaram contra a pedra fria.

– Melhor assim? – Ele sussurrou e seus lábios se abriram em um sorriso provocante. Hannah olhou para ele e foi atingida pela ternura em seus olhos. Ele não via apenas suas bochechas vermelhas ou seus lábios suaves – ele via *ela*.

Quando ele a beijou gentilmente, um suspiro trêmulo escapou de seus lábios e ela fechou os olhos. As mãos dele passeavam pele parte superior de seu corpo descendo muito lentamente por suas costas. Ele abriu sua boca com a língua. Com cuidado, porém firmeza, e com tão óbvio desejo, que as pernas dela ficaram bambas. Ela enrolou os braços em volta de seu pescoço e chegou mais perto. Aí ela ouviu a voz de um verdadeiro guia profissional que ecoava pelas paredes do cânion. Ao fundo, ela podia ouvir os sussurros murmurados de um grupo de turistas.

Com o rosto vermelho que, com certeza, a fazia parecer um radiante tomate, Hannah se afastou de Josh. Arriscando um olhar por sobre o ombro ela viu que a performance deles havia atraído vários olhares críticos das pessoas mais velhas do grupo.

Josh a soltou e olhou para o mesmo lugar. – Não se preocupe – ele disse beijando a ponta de seu nariz. – Eles só estão com ciúmes porque não podem dar um amasso no guia deles.

Hannah gargalhou nervosa. – Então, o pagamento está acertado?

– Pode apostar que sim – Josh pegou em sua mão. – Agora que o sr. Benally recebeu o pagamento, ele vai lhe mostrar as melhores partes do cânion.

Ela riu como uma boba e o seguiu quando entraram no Cânion Antílope. Apesar de ela já ter visitado o lugar diversas vezes, ela nunca deixava de ficar impressionada. Os diferentes tons de amarelo e vermelho nas paredes de pedra eram magníficos. Ela tirou uma foto atrás da outra com a câmera que havia trazido. Ela pediu ao próximo casal que encontram para tirar uma foto dela e Josh de mãos dadas próximos a um lugar onde a luz do sol atingia diretamente o chão do cânion. Na foto, suas faces estavam inundadas com o brilho do reflexo na areia dos raios do sol.

A caminhada pelo cânion levou mais ou menos vinte minutos incluindo paradas para fotos. Quando chegaram ao fim, Josh sugeriu que visitassem o baixo cânion Antílope também. – Vai ter menos gente lá – disse ele. – Todos os fotógrafos virão para a parte alta agora por causa da luz. A parte baixa vai estar praticamente vazia agora.

Eles deram a volta e andaram pelo mesmo caminho que vieram. O próximo grande grupo de turistas só chegaria lá pelas três horas de acordo com Josh, então eles tinham o cânion só para eles no caminho de volta. Raios de sol entravam no cânion em intervalos regulares e iluminavam as nuvens de poeira que giravam no ar. A areia fora arrastada pelos passos das pessoas que estiveram aqui ainda há pouco. O pó fino se transformara em formas misteriosas no ar – aparições esbranquiçadas e delicadas que pareciam espíritos rodopiantes à luz do sol. Hannah parou para observar o fenômeno.

– Olhe só isso – ela sussurrou impressionada. – É como se um anjo dançasse à luz.

Josh a abraçou por trás observando os demônios de areia em silêncio. – É por isso que os Diné acreditam que esse lugar é sagrado – ele disse baixinho depois de um minuto. – Você pode se conectar com o mundo espiritual passando pelo véu.

Hannah virou-se no círculo de seus braços e o olhou com curiosidade. – O véu? Isso parece fascinante.

– É o outro lado – o nível de existência profundo que os brancos chamam de Outro Mundo, Paraíso, além mundo, mundo das fadas. Tudo isso em um só. O véu está em toda a nossa volta. É uma ligação com o passado, uma maneira de conversar com nossos ancestrais. Um mundo entre mundos que você pode adentrar através de meditação profunda para ver o que já aconteceu e o que vai acontecer. É o mundo que visitamos quando fazemos nossas jornadas de visão.

– Você também viu coisas do Outro Mundo quando fez a sua?

Josh assentiu e ficou com aquele olhar distante que Hannah conhecia tão bem. – Sim, ele respondeu. Muitas coisas.

–E você também viu coisas do futuro? – Hannah continuou. Ela não queria perder Josh, não queria que sua mente fosse para um lugar onde ela não podia segui-lo.

– Você vê o que acontece, mas você faz seu próprio futuro. Você recebe conselhos sábios e essas palavras de sabedoria devem ser suficientes.

– Quais foram? Suas palavras de sabedoria?

Josh olhou ao longe, além dos raios de sol e dos espíritos dançantes no ar. Por um segundo Hannah achou que o assustara, antes que ele voltasse o rosto para ela. A luz nos olhos dele era gentil e destemida. Ele não mais queria deixá-la de lado. – Me foi dito para praticar a paz e encontrá-la para mim mesmo.

Hannah o encarou embasbacada. – Isso é lindo – ela sussurrou.

Ele se abaixou e a beijou com incrível ternura. –Sim. É mesmo.

De mãos dadas eles caminharam de volta à entrada do desfiladeiro onde um novo grupo de visitantes havia se reunido.

Josh mostrou seus ingressos aos guias locais e então eles estavam novamente do lado de fora piscando contra a luz do sol.

– Está fervendo aqui fora – Hannah ofegou.

– Vamos para o baixo Antílope, rápido. – Josh abriu o carro e uma onda de calor os atingiu o rosto. – Quer um pouco de água fervente? – Ele perguntou e jogou para ela uma garrafa de água do banco de trás.

– Ah, eu não me importo. Qualquer coisa menos refrigerante fervente. Isso sim é nojento!

– Se estivesse mesmo com sede, não diria não – indicou Josh com uma piscadela.

– Falou o guia severo – ela complementou e se esquivou quando ele foi dar-lhe um soco de brincadeira.

O baixo cânion antílope era muito mais estreito que a parte de cima e o fundo era mais irregular. Eles tiveram de se arrastar sobre pedras e ocasionalmente desviar de fissuras. Quando chegaram ao fim do cânion, suor escorria da testa de Hannah e seus pés doíam. Seus tênis desgastados não eram a melhor opção para escalada. Josh estava se saindo melhor com suas botas de *cowboy*.

– Temos que voltar pelo mesmo caminho que viemos? – Ela perguntou tentando não parecer muito desesperada ou cansada.

Josh balançou a cabeça. – Não, tem escadas que levam à superfície mais à frente. Podemos andar até o estacionamento de lá.

Quando alcançaram as escadas, Hannah se debruçou no corrimão. – Não me importaria de sentar um pouquinho. Recuperar o fôlego. – Ela demonstrou isso ao sentar nos degraus.

Josh sentou ao seu lado. – Tá, tudo bem. Contanto que meu passeio profissionalmente guiado não sofra.

– Tudo bem, sr. Benally – Hannah arrastou. – Você é quem manda.

– Hum. Puxando o saco do guia? – Josh colocou um braço ao redor de seus ombros e ergueu uma sobrancelha.

– Sim, claro. Dizem que é sempre bom ter amigos importantes. – Hannah sentiu o coração pular quando ele se aproximou e acariciou suas costas.

– É mesmo? – Ele disse com voz sedutora. – Você é esse tipo de garota? Quer que eu te leve para um lugar especial onde turistas normais não são permitidos? Só eu e você? – Josh sorriu sedutor mexendo as sobrancelhas e caiu na risada quando Hannah ficou vermelha.

– Você é doido – ela murmurou.

– E sou louco por você, *she'at'eed.* – Ele a puxou para mais perto e a beijou. Hannah agarrou sua nuca quando as mãos de Josh subiram de sua cintura para seu torso e ele tocou seus seios. Sua mão direita subiu até o seu pescoço e acidentalmente ele tocou o talismã que ela usava por baixo da camiseta.

A mão dele parou demorando-se no local. O coração de Hannah acelerou, mas dessa vez de apreensão. A última coisa que ela queria era explicar para ele sobre o talismã. Ela não fazia ideia de como ele reagiria. Afinal de contas, ela deliberadamente havia mantido segredos e ela prometera contar-lhe se algo a incomodasse.

Só havia uma maneira de impedir que ele fizesse perguntas – ela tinha de distrai-lo. Gemendo com falsa dor ela se curvou e arquejou, desvencilhando-se de seus braços.

– Ei! O que foi? – Ele exclamou parecendo em pânico.

– De repente senti uma pontada no estômago – ela guinchou.

Josh esfregou suas costas para consolá-la e a apoiou quando ela se levantou. – Está passando mal?

– Não, na verdade não. Mas talvez eu devesse deitar um pouco.

– Vamos sair do cânion primeiro. Apoie-se em mim, ok?

– O carro está longe? – Ela ofegou quando eles chegaram ao topo das escadas.

– Primeiro vamos achar um lugar para você se deitar. – Josh apontou para um canto embaixo de um arbusto. – Venha. Aqui tem um pouco de sombra.

Hannah desabou com um suspiro e deitou de costas. Sua cabeça e torso estavam na sombra. Josh sentou-se ao seu lado e gentilmente acariciou sua testa.

Agora que estava deitada Hannah sentiu como estava cansada. Ela nem teve de fingir náusea e exaustão. O calor emitido pelas

rochas embaixo dela a fez cair no sono. A presença de Josh ao seu lado a fazia sentir-se calma. Tudo estava tão tranquilo.

Ela não sabia quanto tempo dormira, mas acordou de um salto com a boca seca e ansiosa. De alguma maneira, alguma coisa havia mudado. Hannah abriu os olhos e olhou para os dois lados. Ela ainda estava de costas e seu coração estava acelerado. Quando ela tentou se sentar, ela notou que sua mão direita formava um punho cerrado sobre seu peito. Levantando-se com o apoio da outra mão ela olhou para seus próprios dedos que apertavam o talismã de Emily. Sua palma estava suada.

Ai, não. Aparentemente ela tivera um pesadelo quando cochilou. Ela havia puxado o talismã de debaixo da camiseta e o segurava à vista de todos.

Agora ela realmente se sentia nauseada. Josh provavelmente vira o *jish*. Não havia jeito de evitar perguntas agora. Por hábito, ela enfiou o saquinho embaixo da camiseta e olhou ao redor. Onde ele estava afinal?

Josh estava do outro lado dos arbustos e olhava para a paisagem árida e infinita com a mão protegendo os olhos do sol poente.

– Josh? – Ela chamou incerta. Ela ficou sem fôlego. Vagamente ela sentiu que algo na atitude dele mudara, e isso a assustava. Ele parecia solitário, distante e na defensiva, parado ali como uma árvore.

Quando ele se virou e seus olhares se encontraram, Hannah sentiu o coração afundar. Algo estava errado – terrivelmente errado.

– Sente-se melhor? – Josh ajoelhou à sua frente e deu um sorriso que não chegou aos olhos.

– Estou bem – ela disse baixinho. –Meu estômago está bom agora.

– Bom. – Ele disse cuidadosamente. – Vou te levar para casa agora.

Hannah se permitiu ser erguida e levada para o carro. Era uma caminhada curta, mas a distância parecia triplicada no silêncio opressivo que existia entre eles. Puro pânico tomou conta de Hannah. A mão de Josh na sua parecia feita de pedra. Ele se

fechara e ela não conseguia entender porque. Se ele vira o talismã, talvez estivesse bravo com ela por guardar segredo, mas por que não falava nada? Ou pedia uma explicação? Sua transformação era absoluta e imensurável.

Hannah sentiu o estômago revirar quando eles se sentaram no carro ainda sem dizer palavra. Josh deu a partida no motor e virou-se para ela. – Se eu dirigir muito rápido e você se sentir mal de novo, me avise.

Hannah arriscou olhar para ele. Seus olhos pareciam tristes e determinados ao mesmo tempo. Se ao menos ela pudesse esticar a mão e tocá-lo, puxá-lo para ela, mas ela não ousava se mover.

Josh voltou o olhar para a estrada e suas mãos agarravam o volante com força. Ela não conseguia se lembrar dos pesadelos que a assombraram, mas a realidade em que acordou deveria ser muito pior.

Quando eles fizeram a curva em Lakeshore Drive e a praia de St. Mary's Port apareceu ao longe, Hannah não aguentou mais.

– Josh – ela disse, e se encolheu com sua voz que falhava. – O que foi?

Ele olhou para o lado e seu olhar era distante. – Precisamos conversar – ele disse, sua voz tão fria que ela sentiu um arrepio.

Josh continuou dirigindo, passou pela praia e virou na estradinha de areia que levava às cabanas. Ele estacionou junto à estrada e desligou o motor antes de se virar para ela. O silêncio que se prolongava fazia os ouvidos de Hannah pulsarem.

– Desculpe, ele disse finalmente. Mas preciso de espaço. Isso está indo rápido demais.

Ela o olhou sem entender. – Você... você precisa de tempo? – Ela grunhiu.

O silêncio passava entre eles. Josh fechou os olhos e balançou a cabeça devagar. – Acho que cometi um erro.

Um erro?

Suas palavras atingiram o coração dela como balas de revólver. Lágrimas encheram seus olhos enquanto ela encarava Josh sem saber o que dizer. Suas mãos começaram a tremer. Ela queria dizer alguma coisa, convencê-lo de que isso era bobagem. Porém, uma

mão gigantesca tinha trancado sua garganta, impedindo que seus pensamentos desesperados se espalhassem.

– Mas... por quê? – Ela afinal sussurrou lamentosa.

– Achei que eu queria isso, mas não está dando certo para mim. Eu deveria ter pensado melhor. Desculpe. – Ele disse com voz monótona. Seus olhos não demonstravam nenhum sentimento ou qualquer pensamento que estivesse em sua mente.

Hannah engoliu em seco e piscou para prevenir as lágrimas. Seu coração desacelerou, tremeu, e, por um segundo ela desejou poder desaparecer. Ela nunca se sentira tão machucada e traída em toda a sua vida. – Oh – ela sussurrou.

Ele pareceu sombrio, o rosto quase contraído de desgosto como se fosse expulsá-la do carro.

– Bom, acho melhor eu ir. – Os pensamentos dela estavam uma bagunça e sua cabeça girava. Hannah se lembrou de como Josh a havia olhado com trágico desejo quando se beijaram pela primeira vez. Ele dissera o quanto ela era importante para ele. E agora estava tudo acabado. Ele não a queria mais – simples assim.

Com olhos marejados ela alcançou a maçaneta e sentiu a mão dele em seu ombro. Esperançosa ela olhou para ele. Ele iria pará-la?

– Te vejo por aí – Josh disse baixinho.

Ela tentou decifrar a expressão em seus olhos, as emoções que se escondiam ali. Nenhum arrependimento. Nenhuma tristeza. Não, era aceitação. E ao mesmo tempo ele parecia tão pesaroso que ela não podia acreditar que ele tinha só dezessete anos.

No momento seguinte as mãos dele estavam de volta ao volante e seus olhos ficaram frios de novo. Ele se fechou para ela. Trancou a porta.

Hannah saiu do carro atordoada. Ela simplesmente ficou parada ali e não olhou quando Josh manobrou o carro e foi embora.

Ela ainda estava lá, sem se mexer, quando Ben apareceu na esquina com uma expressão questionadora. – Aquele era o Josh indo embora? Ela não quis jantar com a gente? – Ele olhou a irmã mais de perto e deu um passo em sua direção. – Ei, Han. Como está se sentindo? Você não parece bem.

Ela chacoalhou a cabeça. Não. Não. Não. A única palavra que se repetia em sua cabeça. Ela encarou seu irmão anestesiada.

– Tá bom, você está me assustando. O que foi? – Ele insistiu.

– Ele... – ela sentiu novas lágrimas encherem seus olhos.

– Quem? – Ben colocou o braço ao redor dos ombros dela e a segurou ali. – Quem? – Ele repetiu suavemente.

– Josh – ela choramingou e agarrou-se a Ben.

– Alguma coisa aconteceu com ele? – Ben a sacudiu gentilmente. – Diga alguma coisa, por favor.

– Ele – terminou – comigo – Ela soluçou soando patética. – Ele se foi. Ele não me quer mais.

Ben a abraçou ainda mais apertado e esfregou suas costas. Ao mesmo tempo, ela sentiu que ele ficou tenso. Ele estava bravo.

– Venha – ele sussurrou em seu ouvido esquerdo depois do que pareceu uma eternidade. – Você não pode ficar aqui. Vamos voltar para a cabana.

Cuidadosamente ele a guiou pelos degraus da varanda e acenou para Ivy se afastar quando ela se aproximou. Hannah foi para o quarto aos tropeções e se afundou na cama.

Ben a seguiu e sentou-se na beirada da cama. – Me conte o que aconteceu.

Hannah pigarreou. – Tudo estava bem hoje. E de repente ele mudou. Ele ficou tão distante. Ele – disse que cometeu um erro, disse que precisava de espaço.

Ben ficou cada vez mais confuso. – Cometeu um erro? – Ele repetiu. – Mas isso é absurdo. Eu conheço ele. Vi como ele olha para você. É impossível.

– Por favor, Ben. – A voz de Hannah havia diminuído para um sussurro. – Emily tinha razão em me avisar. Josh afasta as pessoas quando elas se aproximam demais. Ela disse isso. Eu deveria ter-lhe dado ouvidos. – Ela virou para o lado e encarou a parede.

Ben tocou seu ombro. – Tudo bem. Sei que isso deve ser horrível para você. Vou te deixar sozinha.

Ela virou seu rosto manchado de lágrimas para o irmão. – Você vai jantar com os vizinhos? – Ela fungou.

Ben sorriu. – É, vou estar por perto. Não se preocupe. – Sua voz era doce. “Imagino que queira ficar por aqui?

Hannah assentiu sem palavras.

– Ainda que ir junto ao Desfiladeiro de Chelly amanhã? – Ele continuou.

Ela hesitou por um segundo. A ideia de ficar dois dias sem o Ben para animá-la quando ela sentia tanta saudade de Josh não era muito tentadora. Na verdade, parecia uma boa ideia sair de St. Mary's Port por uns dias.

– Ainda quero – respondeu ela. – Diga aos Greenes que estarei melhor amanhã.

Ben afagou sua cabeça, levantou-se e fechou a porta do quarto sem fazer barulho. Hannah esperou até ouvir Ben saindo da casa para se debulhar em lágrimas de novo. Por fim, ela caiu em um sono agitado. A escuridão que tomou conta dela parecia tranquila e segura.

Sua classificação e suas recomendações diretas farão a diferença

Classificações e recomendações diretas são fundamentais para o sucesso de todo autor. Se você gostou deste livro, deixe uma classificaÃ§Ã£o, mesmo que somente uma linha ou duas, e fale sobre o livro com seus amigos. Isso ajudará o autor a trazer novos livros para você e permitirá que outras pessoas também apreciem o livro.

Seu apoio é muito importante!

Procurando outras ótimas leituras?



Seus livros, seu idioma

A Babelcube Books ajuda os leitores a encontrar ótimas leituras. Ela tem o papel de mediadora, aproximando você e seu próximo livro.

Nossa coleção é alimentada por livros produzidos no Babelcube, um mercado que aproxima autores de livros independentes e tradutores e distribui seus livros em vários idiomas no mundo todo. Os livros que você encontrará foram traduzidos, para que você possa descobrir leituras incríveis em seu idioma.

Temos a satisfação de trazer livros do mundo todo até você.

Caso queira saber mais sobre nossos livros, acesse nosso catálogo e solicite nossa newsletter. Para conhecer nossos lançamentos mais recentes, visite nosso site:

www.babelcubebooks.com

Table of Contents

[Página do Título](#)
[Página dos Direitos Autorais](#)
[Sombra do Tempo | Jen Minkman](#)
[Oito](#)
[Nove](#)
[Dez](#)
[Onze](#)
[Doze](#)
[Treze](#)

Table of Contents

Página do Título
Página dos Direitos Autorais
Sombra do Tempo | Jen Minkman
Oito
Nove
Dez
Onze
Doze
Treze